



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA
NA MEMÓRIA E COTIDIANO NA AVENIDA GOVERNADOR
MAGALHÃES BARATA- BELÉM/PARÁ**

Carmosina Maria Calliari Bahia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Análise e Concepção do Espaço Construído na Amazônia.

Linha de pesquisa: Patrimônio, Restauo e Tecnologia.

Orientadora: Prof. Dra. Cybelle Salvador Miranda

Belém, Pará
2015

Carmosina Maria Calliari Bahia

**Uma Análise Etnográfica Memória e Cotidiano na Avenida Governador
Magalhães Barata- Belém/Pará**

Dissertação submetida ao corpo docente do programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 31/03/2015

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Professora Cybelle Salvador Miranda
Doutora em Antropologia /UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA

Examinador interno: Professora Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão
Doutora em Arquitetura e Urbanismo/USP
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA

Examinador Externo: Professor Fabiano Homobono Paes de Andrade
Doutor em História/PUC SP
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Bahia, Carmosina Maria Calliari, 1963-
Uma análise etnográfica na memória e cotidiano na
avenidagovernador magalhães barata- belém/Pará /Carmosina
Maria Calliari Bahia. - 2015.

Orientadora: Cybelle Salvador Miranda.
Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Belém, 2015.

1. Patrimônio cultural - Belém (PA).2.
Memória. I. Título.

CDD 23. ed. 363.63098115

Dedico a Deus, fonte de minhas energias, aos meus pais por terem sido sempre um exemplo a ser seguido, apesar da ruptura prematura do convívio terreno e aos meus filhos Cainan, Ilana e Daniel, motivos de minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof. Dra. Cybelle Salvador Miranda, pelos valiosos ensinamentos, aprendidos em suas disciplinas, aos adquiridos pela orientação dedicada, que me acresceram conhecimento. Sua paciência foi infinita, e em meus momentos de falha, concedeu apoio e força, me guiando no longo caminho deste mestrado.

Ao corpo docente da FAU/UFPA, pelos ensinamentos nas disciplinas cursadas durante o percurso do Mestrado. Principalmente ao Prof. Dr. Ronaldo Marques de Carvalho, pelo companheirismo e incentivos nos momentos mais difíceis.

Aos colegas do LAMEMO, nossos futuros mestres, Cibelly Rodrigues Figueiredo, Felipe Moreira Azevedo, Laura Carvalho Costa, Juliane Santa Brígida, Bianca Nascimento, Nathália Sudani de Castro, Ryan Faria Cardoso, Amanda Moura Farias, pela preciosa ajuda no uso da tecnologia.

Aos professores Marcio Couto Henrique e Celma Chaves Pont Vidal, pelos valiosos comentários durante a Banca de Qualificação, que contribuíram para o aperfeiçoamento da pesquisa.

A Coordenação do PPGAU/UFPA, Prof. Dr. José Júlio Lima e Prof. Dra. Ana Klaudia Perdigão.

Aos Funcionários, Marina das Graças Farias e Aluizio Caminha Neto pela dedicação e carinho ao atender minhas solicitações.

Aos meus colegas de Mestrado Dircirene Marinho, no incentivo ao dar o pontapé inicial, ao colega José Morgado Neto, por todos os livros deixados na portaria de meu prédio. A Dinah Reiko Tutyia pela inspiração ao desenvolver minha dissertação.

Aos meus colegas de trabalho Lylian Baiyman de Amorim, Elias de Almeida Junior, Ana Claudia Maciel e Iraneide Silva e Messias Costa; pela força e torcida pelo meu sucesso, pela paciência em aceitar minhas ausências no trabalho, pelas correrias nas entregas dos trabalhos das disciplinas, pela revisão gramatical e incentivo respectivamente.

Aos entrevistados, por concederem um pouco de seu precioso tempo, especialmente ao Sr. Elias Melo, que com todo seu amor pelo Museu e as coisas dedicadas à Belém, relatou com detalhes uma historiografia guardada em sua memória e

de seus alfarrábios, publicações e recortes de jornais colecionados, ao me presentear com algumas preciosidades.

As amigas; Rosana Costa e sua família por todo carinho e atenção e Beatriz Fiock, futura arquiteta, pela força e Thereza Góes pelas orações que ajudaram a iluminar meu caminho.

“A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva.”

Françoise Choay

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a memória e o cotidiano na Avenida Magalhães Barata, tendo como ferramenta o método da Etnografia de Rua, usado como recurso para a preservação do patrimônio cultural da área. Tal proposta baseia-se na vivência da pesquisadora enquanto arquiteta do Museu Paraense Emílio Goeldi, ao longo de 30 anos, o que despertou o olhar para as alterações ocorridas na arquitetura da Antiga Avenida Independência neste intervalo de tempo. A escolha do método etnográfico proporcionou uma abordagem qualitativa e mais aproximada dos moradores da avenida, o que nos permite uma análise das interações, da memória dos moradores, do cotidiano dos transeuntes, atividades tradicionais do comércio formal e não formal, desde as primeiras décadas do século XX. Durante as imersões na avenida recorremos as entrevistas, para o registro da memória histórica e afetiva do transeunte, de quem trabalha e de quem mora na avenida, bem como recorremos ao registro fotográfico como meio de destacar as transformações ocorridas na arquitetura. Como resposta a questão norteadora da pesquisa “Como preservar a diversidade arquitetônica da Avenida, considerando as transformações ocorridas e a dinâmica social do lugar?” concluímos que o conhecimento obtido a partir das incursões em campo permitirá a valorização do acervo cultural encontrado no trecho, onde é visível uma acentuada mudança nos costumes e ambiência local. Por meio de ações a serem orquestradas pelas instituições culturais sediadas na Avenida, será possível valorizar as atividades cotidianas das ruas, onde se guardam relações humanas, de trabalho e amizade, assim como as atividades rotineiras que mantêm o testemunho de acontecimentos pessoais e sociais, isto é o resgate da memória cultural, fator importante para preservação da identidade do local.

Palavras-chaves: Cotidiano, Memória, Etnografia de Rua, Patrimônio Cultural, Belém
Pará

ABSTRACT

This research aims to analyze the memory and daily life at MagalhãesBarata Avenue, using the method of Street Ethnography, used as a resource for the preservation of the cultural heritage of the area. This proposal is based on the experience of the researcher and architect of the Goeldi Museum, for over 30 years, which aroused looking at the changes in the former Independence Avenue architecture in this time interval. The choice of the ethnographic method provided a qualitative and closest approach of the avenue residents', allowing us to an analysis of the interactions, the memory of the residents, the daily lives of passersby, traditional activities of formal and non-formal working, from the first decades of the XX century. During the immersions in the avenue, we use the interviews to record the historical and affective memory of the passerby, who works and who lives on the avenue, as well as we use the photographic record as a way of highlighting the transformations in the architecture. In response to the guiding research question "How to preserve the architectural diversity of the Avenue, considering the changes that have occurred and the social dynamics of the place?" We conclude that the knowledge gained from the incursions in the field will allow the appreciation of the cultural heritage found in the stretch where a marked change in the customs and local ambience is visible. Through actions adapted by cultural institutions located in the Avenue, we can make the daily activities of the streets, where the human relationships are found, work and friendship ones, as well as routine activities that have the testimony of personal and social events. This is the rescue of cultural memory, an important factor for preservation of the identity of the place.

Keywords: Everyday, Memory, Ethnography, Cultural Heritage, Belém-Pará

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O Mapa mostra em destaque o caminhamento proposto para pesquisa, a Avenida Magalhães Barata	31
Figura 2	Vista geral da Av. Independência no início do século XX (atual Magalhães Barata)	40
Figura 3	Planta da cidade de Belém, na administração do Senador Antônio Lemos	44
Figura 4	Vista geral do Pórtico do Círio de Nazaré	48
Figura 5	Aspecto da fila formada por fiéis em frente a capela envidraçada, localizada no centro do CAN	49
Figura 6	Aspecto da grade que delimita a Praça Santuário da Basílica - CAN	49
Figura 7	Vista geral do paredão formado por prédios no entorno do CAN	51
Figura 8	Aspectos de um trecho da Avenida Nazaré que fica em frente ao CAN	52
Figura 9	Aspectos do interior da loja o Mandarim	53
Figura 10	Aspecto geral da venda de frutas típicas da região amazônica, na Avenida Magalhães Barata	53
Figura 11	Vista em perspectiva do imóvel da Congregação das Irmãs Missionárias Santa Terezinha	57
Figura 12	Vista em perspectiva do paredão formado pelos prédios em frente ao Complexo de Serviços do Governo do estado (antiga Rede Celpa)	59
Figura 13	Vista da fachada da residência do Manuel Marojah Neto	62
Figura 14	O Sobrado pertencente ao Classicismo Imperial Brasileiro	63
Figura 15 e 16	Aspecto geral das calçadas da Avenida Magalhães Barata, observa-se a venda de DVD'S e bugigangas na faixa de acessibilidade para deficientes visuais	64 65
Figura 17	Vista em perspectiva de dois sobrados vizinhos da Casa Salomão	69
Figura 18 e 19	Vista geral do interior da Casa Salomão	72

Figura 20	Vista geral de dentro dos jardins do Museu Goeldi	74
Figura 21	Aspecto do interior daloja de tecidos Leyla Modas	78
Figura 22	Dona Fátima Haber, no momento em que cuidava dos canteiros da avenida	79
Figura 23	O sapateiro Aluízio exercendo seu ofício	80
Figura 24	Vista geral do reservatório de água	82
Figura 25	Vista geral da estrada da Independência com a Avenida Tito Franco (atual Almirante Barroso.)	82
Figura 26	Aspecto geral do reservatório de água de São Brás	83
Figura 27	Vista geral da antiga Delegacia de Polícia de São Brás	83
Figura 28	Aspecto da Praça Floriano Peixoto	85
Figura 29	Vista geral do monumento da Praça Floriano Peixoto	85
Figura 30	A figura mostra o histórico resumido sobre o surgimento de Belém	88
Figura 31	O mapa mostra as ruas da Cidade de Belém	89
Figura 32	Vista em perspectiva do prédio do Colégio Gentil Bitencourt	93
Figura 33	Vista interna do Colégio Gentil Bittencourt, aspecto geral do antigo refeitório das educandas	94
Figura 34	Vista em detalhe da estrutura da cobertura do refeitório	94
Figura 35	Vista geral da Avenida Nazaré de esquina com a Quintino Bocaiuva	97
Figura 36	Vista em perspectiva de um dos galpões do antigo Escritório de Tráfego Parah Electric	97
Figura 37	Vista em perspectiva de um dos galpões do Complexo de Serviços do Governo do Estado	98
Figura 38	Vista geral do Bonde provavelmente na Estrada da Independência	99

Figura 39	Vista geral da Fábrica de Cerveja Paraense	100
Figura 40	Vista geral da Fábrica de Cerveja Paraense	100
Figura 41	Vista frontal do Teatro Bar da Fábrica de Cerveja Paraense	101
Figura 42	Representação aérea do trecho, num total de 1500 metros de caminhamento referente a pesquisa em questão	103
Figura 43	Aspecto geral da esquina do Museu Paraense Emílio Goeldi 104	
Figura 44	Vista frontal do sobrado do Museu Emílio Goeldi	105
Figura 45	Vista frontal do Prédio “Rocinha”	107
Figura 46	Aspecto geral do cavalinho e charrete, que virou tradição no Parque Zoobotânico do Museu	109
Figura 47	Vista geral do calçamento em pedras portuguesas ao redor do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi	110
Figura 48	Planta do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia	110
Figura 49	Planta de situação do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia indicando os terrenos vizinhos a serem desapropriados em 1895	111
Figura 50	Planta de situação atual do Museu Paraense Emílio Goeldi	111
Figura 51	Vista em perspectiva da fachada principal do Prédio da Biblioteca do Museu	112
Figura 52	Aspecto geral da esquina da Estrada da Independência com a Rua 22 de Junho no início do século XX	112
Figura 53	Aspecto geral da Rua 22 de Junho	113
Figura 54	Skylinedo segundo trecho da avenida, feito em 1994, durante a elaboração de monografia de especialização	114
Figura 55	Aspecto de parte do quarteirão, na sequência, lado esquerdo, uma porta da Casa Salomão na cor azul, ao Lado a gráfica Sagrada Família, a loja de móveis Espaço Nobre, ao lado e em primeiro destaque O Bar Damasco, a Loja de móveis Líder e em segundo destaque Loja Novo Mundo, onde funcionou o antigo Mercado, citado pelo Sr. SubhyAyan	114
Figura 56	Vista frontal do Prédio Principal do Parque da Residência	117
Figura 57	Vista em perspectiva da fachada posterior do prédio principal	117

	do Parque da Residência	
Figura 58	Vista em perspectiva do pavilhão Frederico Rhossard.	118
Figura 59	Vista em detalhe do pavilhão Frederico Rhossard	118
Figura 60 e 61	Vista em perspectiva do gradil confeccionado nas oficinas do Instituto Lauro Sodré. Na segunda imagem, aspecto geral de uma pequena fonte, elemento atrativo do parque	119
Figura 62	Vista frontal do imóvel pertencente ao Hospital Ophir Loyola	120
Figura 63	Vista frontal da fachada principal do Mercado de São Brás	123
Figura 64	Vista geral em perspectiva do Mercado de São Brás	123
Figura 65	Imagem do ônibus Zepelim da Viação Sul Americana	125
Figura 66	Imagem do Dirigível Pérola em frente a Casa das Onze Janelas	126
Figura 67	Imagem do ônibus Dirigível da Viação Triunfo	126
Figura 68	Vista frontal do imóvel que possui fachada características modernas	144
Figura 69	Fachada frontal da Casa do Trabalhador observa-se que parte da platibanda foi comprometida com a queda de uma mangueira no local	145
Figura 70	Prédio onde funciona o Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte – PPGARTES/UFPA	147
Figura 71	Vista frontal da Escola Vilhena Alves Vilhena	147
Figura 72	Vista frontal da Biblioteca Dr. Raimundo Martins Vianna da FEIJ	148
Figura 73	Vista em perspectiva do Palacete Passarinho	149
Figura 74	Vista em perspectiva do imóvel restaurado pela empresa que construiu o condomínio fechado Torre de Saverne	151
Figura 75	Vista geral do imóvel restaurado, do condomínio fechado indicado pela seta, e da entrada lateral de veículos	151
Figura 76	Vista lateral do imóvel em processo de restauração por uma empresa responsável pela construção de um condomínio fechado no mesmo terreno do imóvel	153
Figura 77	Vista geral do; 1- parte da platibanda do Prédio onde funcionou o Colégio Pequeno Príncipe, 2- identifica o imóvel	153

	restaurado e 3- indica o prédio construído no mesmo lote do imóvel antigo	
Figura 78	Vista da Portaria do Edifício Terrazzus	154
Figura 79	Vista da placa fixada na portaria do Edifício Ilha de Capri	155
Figura 80	Vista em perspectiva da fachada de um dos imóveis abandonados mais significativos da arquitetura local	158
Figura 81	Vista em perspectiva da fachada do Teatro São Cristóvão	159
Figura 82	Aspecto geral das placas que encobrem as fachadas do prédio a loja O Miliciano e da loja ao lado	164
Figura 83	Aspecto geral da fachada do prédio onde funcionou a loja O Miliciano, que no momento do registro estava sem uso facilitando a visualização da platibanda	164
Figura 84	A aspecto geral da antiga da antiga loja O Miliciano, agora no local está funcionando um restaurante vegetariano, observa-se que a placa encobre parte fachada	165
Figura 85	Aspecto geral dos imóveis descritos acima; na sequência da esquerda para direita, o imóvel familiar, ao centro a Vila Maria de Nazaré, e o terceiro a seta indica O Colégio Vera Cruz	168
Figura 86	Aspecto geral dos imóveis que tem impedimentos visuais	171
Figura 87	Aspecto de geral de uns dois imóveis do corredor da figura 86	171
Figura 88	Vista em perspectiva de um imóvel que pertence ao Trecho IV, na esquina da Avenida Magalhães Barata com a Rua 3 de Maio	172
Figura 89	Aspecto geral de lojas com impedimento visual	173
Figura 90	Aspecto geral de lojas com impedimento visual, neta foto são representados os mesmos prédios da figura acima	173
Figura 91	Vista em perspectiva do trem da linha férrea Belém Bragança	180

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Relação com o patrimônio edificado	130
Gráfico 2	Referências arquitetônicas relacionadas	131
Gráfico 3	Citações mais frequentes	132
Gráfico 4	Memória das perdas	134
Gráfico 5	Principais queixas	136
Gráfico 6	Vantagens inerentes ao local	137
Gráfico 7	Afetividade com o local	138

LISTA DE SIGLAS

CELPA	Centrais Elétricas do Pará
CODEM	Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém
COSANPA	Companhia de Saneamento do Pará
CID	Coordenação de Informação e Documentação
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FEIJ	Federação Esportiva Infanto-Juvenil
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
SECULT	Secretaria Executiva de Cultura do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 APRESENTANDO O MÉTODO ETNOGRÁFICO PARA PESQUISA EM ARQUITETURA	25
1.1 ETNOGRAFIA E ARQUITETURA.....	25
1.2 ENTENDENDO O COTIDIANO E A MEMÓRIA COM O MÉTODO ETNOGRÁFICO.....	31
1.2.1 A Memória como Fonte de Pesquisa	34
2 PERCORENDO O CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA	39
2.1 UM “TERRITÓRIO” CHAMADO AVENIDA.....	39
2.2 O PRIMEIRO TRECHO DO PERCURSO.....	45
2.2.1 O Complexo Arquitetônico de Nazaré	45
2.3O SEGUNDO TRECHO DO PERCURSO.....	55
2.3.1 A Casa das Irmãs Missionárias Santa Terezinha	55
2.3.2 A Cortina de Concreto	57
2.3.3Residência do Ex-governador do ParáManuel Marojah Neto	59
2.4O TERCEIRO TRECHO DO PERCURSO.....	66
2.4.1O Comércio Étnico	66
2.4.2 O Mercado Antigo	73
2.4.3 A Museuense	74
2.5O QUARTO TRECHO DO PERCURSO.....	76
2.5.1 A Loja de Tecidos Leyla Modas	76
2.5.2 O Comércio Informal	79
2.6O SÉTIMO TRECHO DO PERCURSO.....	81
2.6.1 O Reservatório de Ferro da Casa Tony Dussiex de Paris	81
2.7O FINAL DO PERCURSO: A PRAÇA FLORIANO PEIXOTO	84
3 ANDANDO SOBRE O MOSAICO DA MEMÓRIA	87
3.1 UM PASSEIO PELA MEMÓRIA DOS VIVENTES.....	87

3.1.1 O Collégio das Educandas.	90
3.1.2 A ParahEléctric.	94
3.1.3 A Cervejaria Paraense.	99
3.20 ANTIGO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL ETNOGRAPHIA.	101
3.2.1 Década de 50: O amanhecer com o Canto dos Pássaros.	105
3.2.2 A Rocinha e os Fotógrafos do Museu.	106
3.2.3 O Museu Paraense Emílio Goeldi e Seu Entorno Construído.	109
3.3A AVENIDA DOS GOVERNADORES.	115
3.3.1 O Parque da Residência.	115
3.3.2 A Antiga Residência dos Vice-Governadores e o Hospital Ophir Loyola	119
3.40 MERCADO DE SÃO BRÁS.	121
3.50 DIRIGÍVEL ZEPELIM.	124
3.60S CRUZAMENTOS DA MEMÓRIA.	127
4 O REGISTRO DA CONTEMPORANEIDADE	141
4.1 OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS DA PÓS-MODERNIDADE.....	141
4.2 O LEGADO ARQUITETURAL DA AVENIDA.	142
4.3 A ARQUITETURA COMO TESTEMUNHO DO PASSADO.....	149
4.3.1 Os Condomínios Torre de Saverne e Edifício Terrazzus.	149
4.3.2 O Cinema no Tucupi.	154
4.3.3 Os Imóveis Arruinados.	156
4.3.4 As Agressões Visuais e Estéticas.	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	174
REFERÊNCIAS	185
Apêndice A	191
Apêndice B	192

INTRODUÇÃO

O título original do projeto apresentado à seleção de Mestrado em 2011 foi “As Permanências e Transformações das Avenidas Nazaré, antiga Estrada de Nazareth e da Avenida Magalhães Barata, antiga Estrada da Independência”. Esta proposta surgiu de uma ideia antiga quando, durante nossa especialização em “Preservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico, realizado 1995, ao desenvolver estudos nas ruas que formam o entorno do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, percebemos que os imóveis destas ruas apresentam variados estilos arquitetônicos, a maioria com características marcantes do ecletismo, passavam por constantes descaracterizações¹.

Durante o curso, houve mudanças de rumo que conduziram a pesquisa a horizontes distintos do projeto inicial, porém, decidimos retomar ao intuito original de nossa investigação, desta vez, apoiando-nos no método científico etnográfico, com o qual tomamos contato a partir da disciplina “Método etnográfico para pesquisa em arquitetura”, cursada no segundo semestre de 2010.

Este trabalho envolve uma abordagem transdisciplinar na Avenida Magalhães Barata, no trecho que abrange a Travessa 14 de Março até o Mercado de São Brás, tendo como inspiração o personagem baudelairiano, “o flâneur”. Optamos por incluir o quarteirão compreendido pelas Travessas 14 de março e Generalíssimo Deodoro devido sua relevância em relação a presença da Basílica de Nazaré e toda movimentação comercial existente. O estudo tem como objetivo investigar o cotidiano, estilos de vida e análise das relações dos trabalhadores e moradores da Avenida Governador Magalhães Barata com a arquitetura local. As pesquisas objetivam identificar a memória local uma vez que:

O Patrimônio cultural de um povo não se constitui só dos bens móveis ou imóveis independentemente de serem públicos ou privados, porém de toda manifestação que se origine de conceitos históricos, ambientais, paisagísticos, arquivísticos, etnográficos, que em alguma época possam ter contribuído para a consolidação da identidade de um grupo social. (LIMA, 2007, p.79)

¹Descaracterização é termo usado no trabalho para tratar os imóveis classificados por “renovação” na Lei 7.709 - responsável pela preservação e proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do município de Belém.

Para definição dos conceitos de que fala o autor, foi necessário o levantamento de uma bibliografia específica sobre o assunto tratado na pesquisa.

Sobre o método etnográfico, seguimos as noções de François Laplantine (2000), que identifica a diferença entre o Método Antropológico e Sociológico das pesquisas de campo, mostrando um olhar diferenciado, para os dois campos. Destaca este que, a etnografia está pautada na observação direta dos comportamentos sociais, sendo o etnógrafo aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. Considerando que a etnografia tem algo de errante, pois as tentativas abordadas, os erros cometidos no campo, constituem informações que o pesquisador deve levar em conta. O que segundo o autor, causa uma ruptura metodológica com o método antropológico tradicional.

Autores como Eckert e Rocha (2001), entendem que o método etnográfico possibilita conhecer uma cidade como *locus* de interações sociais e trajetórias de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural diferente muitas vezes da vivência do pesquisador. As autoras, inspiradas na obra de Charles Baudelaire (1821-1867), e baseadas em seu personagem, o “flâneur”, identificam a cidade como a cidade do andarilho, reconhecendo suas histórias que configuram referências práticas e simbólicas.

O Trabalho de Tutya (2013) foi inspirador, a autora desenvolveu uma pesquisa com base no método etnográfico de rua, fazendo uma incursão na paisagem que guarda na materialidade e na memória de moradores e comerciantes, o processo de transformação do tecido urbano tombado, em uma das ruas do Bairro da Cidade Velha, em Belém. A autora destaca que a apreensão da dimensão simbólica, presente nas vivências das pessoas no usufruto do espaço, assim como nos aspectos do próprio espaço é capaz de conferir êxito ou insucesso em uma intervenção arquitetônica.

Para o entendimento dos conceitos de História – Memória, priorizou-se a leitura de autores como Maurice Halbwachs (1990), o qual relaciona as diferenças entre imagem, lembrança e memória e entre memória individual e memória coletiva. Ele identifica as tensões existentes entre história e memória coletiva, nos instigando a pensar em memória como fenômeno social e temporal, em que o pensar o passado exige uma relação diacrônica com o presente. Para o autor:

A memória não tem alcance sobre os estados passados e não no-los restitui em sua realidade de outrora, senão em razão de que ela não os confunde entre si, nem com os outros mais antigos ou mais recentes, isto é, ela toma seu ponto de apoio nas diferenças. (HALBWACHS, 1990, p. 96)

Para o autor a memória é sempre constituída em grupo, mas é também sempre um trabalho do sujeito.

Autores como Nora (1993) discutem parâmetros entre História e Memória, alertando que, longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo que opõem uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Para o autor, a memória seria um fenômeno sempre presente, e a história uma representação do passado.

Em seus estudos sobre memória Pollak (1989) e (1992), retrata o contexto culturalmente construído e bastante conflitivo no qual as memórias são formuladas. O autor sugere que o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida. Pollak ainda alerta para o interesse cada vez maior nos processos e atores que intervêm na consolidação de certas memórias, bem como os usos que delas são feitos nas práticas cotidianas.

Le Goff (1990) considera que a dialética da história parece resumir-se numa aprovação ou num diálogo – passado/presente e ou presente/passado, e em geral não é neutra mas subentende ou exprime um sistema de atribuição de valores como nos pares, antigo/moderno, progresso/reação. O autor afirma que a história, portanto é o elemento fundamental para a formação da identidade individual e coletiva.

Para o entendimento dos conceitos de Patrimônio Arquitetônico foi fundamental a leitura de autores como: Dominique Poulot (2009) que define a atitude patrimonial em dois aspectos essenciais: a assimilação do passado, que é sempre transformação, metamorfose dos vestígios e dos restos, recreação anacrônica; e a relação de fundamental estranheza estabelecida, simultaneamente, por qualquer presença de testemunhos do tempo remoto na atualidade. Afirmando que o patrimônio elabora-se, em cada instante, com base na soma de seus objetos, na configuração de suas afinidades e na definição de seus horizontes.

No entanto, para Bispo (2010), o entendimento do termo é feito em torno das tensões e disputas ocorridas no âmbito do governo federal no campo cultural, especificamente o patrimônio cultural representativo da memória dos brasileiros. O autor identifica a atuação dos meios de comunicação social que os intelectuais dispunham no início do SPHAN (anos 30 e 40 do século XX). Para ele as publicações da época foram importantes pois garantiram a visibilidade por muito tempo da visão modernista da memória nacional.

Choay designa o termo patrimônio histórico representado pelas edificações, como um bem incomensurável e heterogêneo, que se relaciona mais diretamente com a vida de todos. A autora escreve:

Trazendo à memória afetiva a dimensão sagrada das obras humanas, o monumento histórico adquire, além disso, uma universalidade sem precedentes. O monumento tradicional, sem qualificativos, era universalmente difundido, mas fazia reviver os passados particulares e comunidades específicas; o monumento histórico fazia até então referência a uma concepção ocidental da história e suas dimensões nacionais. (CHOAY, 2001 p. 141)

Lemos (2006) define o termo em grupos, onde ele os classifica em três grandes categorias, a primeira composta por elementos da natureza, o segundo grupo dispõe os conhecimentos, as técnicas, o saber e o saber fazer, os elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural. E o terceiro grupo corresponde aos elementos mais importantes de todos porque reúne os chamados bens culturais que englobam toda a sorte de objetos, artefatos e construções. O autor trata da conservação de bens culturais arquitetônicos, criticando a ação de gestores públicos.

A leitura dos títulos acima relacionados foi fundamental para a consolidação dos capítulos e orientação dos rumos da pesquisa no que tange ao método etnográfico, no entendimento dos conceitos dos monumentos arquitetônicos e no eixo da história-memória.

No campo da pesquisa documental a análise dos mapas antigos e dos mais recentes, análise iconográfica, as pesquisas nos relatórios dos Presidentes das Províncias, junto com as leituras das matérias nos jornais, ajudaram a remontar um mosaico historiográfico da avenida.

As imersões em campo possibilitaram a identificação das memórias individuais e coletivas, pelas análises das entrevistas. A investigação nos permitiu adentrar o cotidiano dos transeuntes e das atividades rotineiras da rua, como o comércio não

formal; a venda de frutas regionais em carrinhos tipo trole, de comidas típicas como o tacacá, a pupunha e a castanha do Pará, produtos no camelô e serviços de sapateiro e engraxate.

A memória coletiva e afetiva identificada, fruto das relações entre os indivíduos, nasce do cotidiano destes e de suas atividades diárias, ações que fazem parte das relações intrínsecas de uma rua. A memória está relacionada a afetividade como afirma Schmidt (1993, p. 289):

Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva, forjada no “entreter-se internamente com pessoas” característicos das relações nos grupos de referência. Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo passado e retornar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo. Constitui a permanência do apego afetivo a uma comunidade dá consistência a lembrança.

De acordo com Schmidt, a memória afetiva de um grupo ou comunidade, reforçam o apego com o local e fortalecem a memória coletiva. A memória coletiva é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade. Diferente da memória individual, que resulta da vivência e das teias culturais fruto das relações cotidianas de uma cidade, comunidade ou mesmo de uma rua. Estas, segundo Von Simson, são guardadas por um indivíduo e se referem as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. (VON SIMSON, 2003, p.19)

Os conceitos de memória foram utilizados no desenvolvimento deste trabalho, nele tratamos também da memória histórica, que de forma ativa e dinâmica, toma a apropriação dos fatos, permitindo o entendimento em diferentes perspectivas, das referências do passado e presente dos grupos sociais e culturais. Disposto em quatro capítulos onde o primeiro discorre sobre o método etnográfico para a pesquisa em arquitetura, que deu base para a identificação da memória e cotidiano dos moradores, trabalhadores e transeuntes da avenida. O que facilitou na identificação de seu acervo cultural material e imaterial.

No segundo capítulo tratamos da apropriação do espaço urbano, onde são relatadas as imersões desenvolvida junto com alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, na qual foram identificados a multiplicidade de sentidos, a cultura local e o cotidiano inerente a

avenida, associada a história urbana e a iconografia. O uso da fotografia permite descrever os detalhes arquitetônicos que são negligenciados nas caminhadas apressadas dos transeuntes em seus afazeres cotidianos. Embora a memória não provoque distinção rígida entre passado e presente uma vez que o passado só existe em função do nosso olhar atual, optamos por organizar em capítulos distintos os dados que tratam dos vestígios materiais do passado ainda conservados e dos Marcos da memória, por vezes não se distinga em relação ao presente

O terceiro capítulo consta da identificação do acervo patrimonial e a descrição da arquitetura do entorno imediato dos monumentos e de parte do entorno construído da avenida, permeada pelas memórias dos atores locais, permitindo refazer elementos apagados na paisagem atual.

O quarto capítulo descreve as agressões visuais e estéticas a que está submetido o acervo do patrimônio arquitetônico da avenida, questiona os impactos causados pelo avanço tecnológico no cotidiano e na forma de moradia do local, apresentando diretrizes para ações culturais que propiciem a valorização do acervo arquitetônico da avenida.

Na Avenida Magalhães Barata a arquitetura civil, está relegada a um segundo plano, pouca importância tem sido dada para os prédios desta arquitetura considerada doméstica, tanto por parte das gestões públicas que não fiscaliza a aplicação das leis, quanto por parte da própria população, que por diversos fatores promove a destruição parcial ou integral desses bens culturais; ou por interesse econômico, por desconhecimento ou por falta de conscientização; a falta de recursos financeiros por parte dos proprietários desses imóveis; ou o imediatismo, resultado do avanço tecnológico, que mudou o conceito de morar, conferindo valor ao novo em detrimento do antigo.

1. APRESENTANDO O MÉTODO ETNOGRÁFICO PARA PESQUISA EM ARQUITETURA

1. 1 ETNOGRAFIA E ARQUITETURA

A pesquisa qualitativa em Arquitetura e Urbanismo faz uso de métodos das ciências sociais a fim de compreender seu objeto de pesquisa em relação a sociedade em que se insere, e nossa pesquisa integra as discussões sobre Etnografia e preservação do patrimônio cultural paraense em desenvolvimento no Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA.

Com a pesquisa “Cidade Velha e Feliz Lusitânia: cenários do patrimônio cultural em Belém”, desenvolvida entre 2003 e 2006, que resultou em Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFPA, teve início o exercício da interação entre Antropologia e Patrimônio Arquitetônico que viria a fundamentar o Laboratório. A Tese de Cybelle Miranda investiga a percepção do Patrimônio no bairro da Cidade Velha, em Belém, face às intervenções de revitalização em edifícios monumentais, denominada “Feliz Lusitânia”². A argumentação é construída a partir de narrativas de diversos atores que interagem com o bairro: moradores antigos, moradores novos, comerciantes, técnicos do patrimônio, bem como pela leitura de imagens que ajudam a contar a história do bairro e de como ele é visto enquanto patrimônio.

A autora defende que o método etnográfico juntamente com a semiótica foram os guias para a leitura dos materiais escritos, orais e visuais, ajudando no posicionamento da pesquisadora nos papéis de antiga moradora, arquiteta e artista plástica.

A descrição etnográfica recupera o dito no discurso através da escrita, sendo uma experiência intersubjetiva com o informante. Devido ao seu caráter

² Conforme os autores, “[o] projeto denominado **Feliz Lusitânia** busca suscitar os referenciais históricos, sociais, econômicos e da ocupação territorial da Amazônia e do Pará, as dimensões urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas da cidade, em síntese, o que representa a Revitalização Urbana do Núcleo Histórico da Cidade de Belém, iniciada pelo Governo do Estado do Pará, em 1997. A adequação do uso dos prédios restaurados vem constituindo cenário museológico-presentificado em suas edificações que, ao longo da história evolutiva da cidade, tornaram-se símbolos desse processo de formação, destacando-seas referências históricas e arquitetônicas luso-brasileiras.” Compreende as reformas do Forte do Castelo, Casa das 11 janelas, Igreja e Convento de Santo Alexandre e Casario da Rua Padre Champagnat. Ver PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura. Projeto Feliz Lusitânia – Conjunto Urbanístico e Paisagístico do Núcleo Histórico inaugural de Belém. Belém, 2001. Anexo I. p. 4.

interpretativo, o gênero de escrito mais apropriado às interpretações culturais é o ensaio. (MIRANDA, 2006, p.88)

Traçando um panorama sobre os conceitos de Cultura presentes na Cidade Velha, desde a visão dos residentes até a dos planejadores do projeto Feliz Lusitânia, o trabalho monta um mosaico onde aparecem as arestas entre as concepções de patrimônio dos técnicos e dos segmentos sociais.

Assim, com a criação do LAMEMO em 2009, seus pesquisadores passaram a integrar o Grupo de Pesquisa “Cidade, Aldeia e Patrimônio”, do Laboratório de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que tem como objeto de estudo o Patrimônio material e imaterial dos núcleos urbanos tradicionais paraenses, compreendidos numa perspectiva transdisciplinar.

Aprofundando a perspectiva etnográfica para o estudo do patrimônio arquitetônico paraense, a dissertação da Arquiteta Dinah Tutyia, defendida em 2013 no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA, aprofunda o estudo da percepção do patrimônio pelos agentes locais, no recorte da Rua Dr. Assis, no bairro da Cidade Velha, em Belém. A autora faz reflexões no âmbito das relações que giram em torno da paisagem patrimonial transfigurada deste bairro. Ao desenvolver seu trabalho Tutyia usa a etnografia como recurso para analisar as relações de pertencimento e apego pelos bens patrimoniais.

A identificação do perfil da rua Dr. Assis, definido como misto, com predomínio habitacional e um comércio diversificado, além do número significativo de imóveis descaracterizados e abandonados, fato comum aos centros históricos, tais características assemelham-se com as encontradas na Avenida Magalhães Barata. Do itinerário, coincide o fato de, na pesquisa de Tutyia corresponder a uma rua inteira e o início do percurso começar em uma praça, como já foi mostrado neste trabalho. “Ao percorrer o caminho da antropologia com a etnografia de rua como aporte à compreensão dos significados inculcados nas transformações da paisagem”. (TUTYIA, 2013, p.19) A autora analisa a complexidade da ação em se manter um imóvel preservado.

Igualmente como ocorreu em alguns centros históricos do Brasil, as novas exigências econômicas e sociais, o crescimento urbano desordenado, a falta “apego” dos proprietários em manter as edificações antigas, a falta de atuação de órgãos públicos preservacionistas – sobretudo nas últimas décadas do século passado – fizeram com que algumas destas características que atribuem valor patrimonial ao conjunto fossem se perdendo. (TUTYIA, 2013, p.15)

Tutyia, durante as imersões, além de identificar os apagamentos imputados aos imóveis, descreve a movimentação diária inerente à rua em todos os seus aspectos e fomenta sua pesquisa com entrevistas de moradores, comerciantes, trabalhadores e transeuntes da Rua Dr. Assis, fato que aproxima mais a pesquisa da autora com este trabalho. As entrevistas possibilitam a identificação dos sentimentos que afloram os atores do lugar e a compreensão da teia cultural tecida pelo homem, formada pelas relações pessoais e seu envolvimento com o lugar.

O contato com as vozes que demandam melhorias no seu habitar – melhorias sobre o ponto de vista do usuário, sejam elas transformadoras positivas ou negativas da paisagem patrimonial – possibilita aos técnicos (arquitetos) dos órgãos responsáveis pela aprovação das intervenções nos imóveis, soltarem as amarras do pensamento mecanicista em considerar apenas a dimensão métrica, possibilitando aos mesmos a apreensão das redes de significações que envolvem a relação habitante-lugar (TUTYIA, 2013, p.31).

O comércio, identificado pela autora como um “corredor comercial”, geralmente dividindo o imóvel em seu uso, com o pavimento superior servindo de residência e no térreo, predominantemente, funcionam lojas de material de construção, lojas de ferragens e de motores para embarcação.

O comércio é mais diversificado, e a maior parte divide o uso com habitação no pavimento superior, ou seja, são de uso misto, julgo pelo fato das tipologias dos imóveis apresentarem no pavimento inferior grandes vãos encerrados com porta de enrolar, o que sugerem comércios. Estes por sua vez são diversificados, dentre os de uso misto, um é ocupado por uma loja de materiais de construção, o outro por uma loja de peças e ferragens de motores. Aqueles que ocupam a edificação toda são: um armazém de medicamento e perfumaria; armazém de ferragens (TUTYIA, 2013, p.38).

O entendimento do termo patrimônio parte da reflexão sobre a agregação de bens ao conjunto do patrimônio cultural, para abranger a diversidade cultural brasileira, de acordo com:

Constituição Federal de 1988 “Artigo 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem”... as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver ao lado das obras de arte, arquitetura e demais bens tradicionalmente consagrados³.

Além deste fato, ficou claro, que ao contrário de como se conceitua hoje o patrimônio cultural, e a sua função para determinada sociedade, podemos destacar que esta sociedade deva usufruir e apreciar o bem cultural, porém este pequeno número de pessoas não consegue absorver esta ideia de patrimônio, delegando a este o sentido de uma pessoa “o patrimônio” personificando o vocábulo, que atua ali como seus olhos invisíveis fiscalizando o bairro sempre pronto a castigar reformas na área (TUTYIA, 2013, p.49).

³Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>

A apropriação do método etnográfico como um recurso para ampliar o conhecimento do arquiteto é feita por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O etnógrafo deve caminhar anotando e identificando todas as formas de sociabilidade e de memória, sem deixar escapar dentro de uma visão poética os detalhes que compõem o espaço, as pessoas, os barulhos, os cheiros e a própria natureza, as especificidades encontradas são importantes achados antropológicos pela sua circunstancial variedade. Duarte define o objetivo do método como:

O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. Esses conjuntos de significantes se apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação... mas será que o pesquisador em arquitetura poderia remodelar seu olhar para captar a riqueza de informações emitidas ininterruptamente pelas ambiências das cidades? E será que o arquiteto-pesquisador poderia contribuir, de alguma forma, com seu olhar sensível às formas, ritmos e proporções da matéria para a completude de uma descrição densa? (DUARTE, 2010, p.5)

Para a autora, na descrição detalhada da paisagem urbana, o pesquisador arquiteto se privilegia da condição técnica de sua formação, pela facilidade de identificar detalhes arquitetônicos que talvez um leigo não identifica-se. A leitura arquitetônica possibilita a o conhecimento minucioso de gostos pessoais de seus moradores, como define a autora:

Quando se olha para a fachada de uma casa, é possível ler uma série de informações inscritas por seu morador: quem ele é, quem ele quer ser, o que ele espera da vida, seus valores, seus anseios e medos. Se entramos nessa casa e “percorremos” por seus objetos e seus arranjos espaciais, podemos coletar informações que complementam aquelas impressas na fachada e funcionam, muitas vezes - e talvez até de forma mais eficiente - como verdadeiros questionários e entrevistas que costuma-se aplicar em campo para conhecer os sujeitos das pesquisas (DUARTE, 2010, p.4).

Os olhares subjetivos, e porque não intuitivos, de que fala a autora, que possibilita a proximidade pesquisador/nativo, um novo olhar sob a paisagem, cuja sensibilidade é possível pelo conhecimento anteriormente adquirido, com reforça a autora.

Trata-se de um compromisso com os aspectos culturais e subjetivos da arquitetura e do urbanismo que acenam insistentemente para a busca de olhares e sensibilidades que considerem, incentivem e instrumentalizem um fazer arquitetônico tão dinâmico, tão complexo e (por que não) tão intuitivo quanto seus usuários, ou seja, as pessoas que nas cidades e nas casas habitam e fazem das pedras lugares de vida. (DUARTE, 2010, p.11).

Reforça autora que: “Ao descrever a experiência do habitar na cidade, o arquiteto-pesquisador não consegue deixar de lado sua sensibilidade para a observação do lugar construído.” (DUARTE, 2010, p.6).

Para observação dos lugares, ou a descrição dos espaços construídos, é necessário o entendimento da transição de espaços para lugares, com demonstra Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares” quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a esse local e isso só é possível através da experiênciado espaço. Este processo de transformação, é contínuo e ininterrupto como Duarte exemplifica:

Não existe, contudo, um momento exato em que o espaço “se torna” Lugar. Existe, sim, um processo contínuo, ininterrupto, no qual o ambiente é modificado, recebe afetos, toma novas significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados a cada momento. A esse processo ininterrupto chamamos de “moldagem do Lugar” (DUARTE, 1993, 07).

Durante o percurso do Mestrado realizamos quatro imersões na Avenida; a primeira incursão, foi com o objetivo de pesquisar as transformações do espaço construído em toda a extensão das Avenidas Nazaré e Governador Magalhães Barata, em Belém-Pará, de 1900 a segunda década do século XXI, pesquisa exigida pela disciplina Método Etnográfico para Pesquisa em Arquitetura, tendo como ferramenta importante o método da Etnografia de Rua(ECKERT, ROCHA, 2001, p.5), permitindo um conhecimento mais detalhado dos viventes destas avenidas, a segunda incursão, foi desenvolvida, pautando-se no método etnográfico para descrição da arquitetura do local e registro da memória dos viventes da avenida, e a terceira e quarta imersões foram desenvolvidas pelos alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em consonância com o programa regular do ensino. Como aluna de Estágio Docente, monitoramos os alunos, o que seria uma oportunidade de coletar mais informações para fomentar minha pesquisa. No caso, o objetivo dos nove alunos era uma Abordagem etnográfica de apreensão do espaço urbano, dando ênfase a evolução estética da arquitetura local e suas possibilidades em área urbana, usando os recursos do método etnográfico de pesquisa.

Na primeira, das duas imersões com os alunos, fomos portando caderno e caneta, instrumentos elegidos para uma análise mais detalhada onde incluía a numeração dos imóveis, a identificação dos tipos, a textura das fachadas, os detalhes arquitetônicos, a largura da via, e todas as informações possíveis ou algo relevante não antes observado. Neste primeiro momento, não pretendíamos tirar fotos, deixamos o registro mecânico para uma próxima visita, como uma forma de confrontar as anotações no diário de campo com o que for registrado posteriormente, não relegando de forma alguma a importância do registro fotográfico na pesquisa de campo. Sabendo ser este

um instrumento de captação que funciona como um novo olhar, como exemplificam Eckert e Rochano desenvolvimento de um dos seus trabalhos de pesquisa:

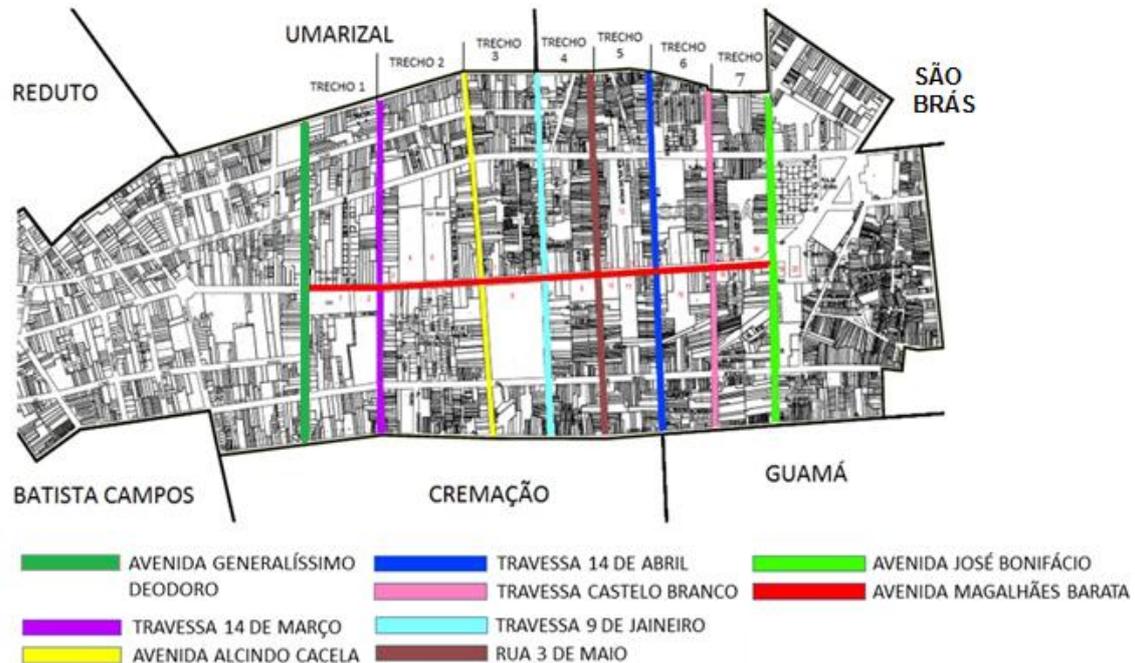
No decorrer desta experiência etnográfica de rua, no bairro, na cidade, a introdução de instrumentos audiovisuais como a câmara fotográfica e ou a câmara de vídeo, estas passam a fazer parte do seu olhar e atitude de coleta de dados de pesquisa: o exercício de etnografia de rua inclui então “a câmara na mão”. (ECKERT e ROCHA, 2001, p. 4)

No segundo momento, o registro fotográfico, foi determinante, nas identificações dos cenários da área. Com este método registramos o casario local, os lugares, e espaços constituídos da avenida. Fato que facilitará o estudo comparativo da arquitetura antiga e da recente. E por meio da iconografia antiga faremos uma análise das transformações ocorridas na arquitetura local.

Durante as imersões, recorreremos às entrevistas, como um dos métodos utilizados, para o registro da memória afetiva do transeunte, de quem trabalha e de quem mora nas avenidas. Todas as incursões desenvolvidas na área da pesquisa, serviram como lupa, permitindo uma visão mais ampliada dos diferentes momentos históricos, dos costumes, das lembranças emotivas e das lembranças fugaz.

A partir da abordagem compromissada e despretensiosa percorremos as sete quadras que correspondem a um quarteirão da Avenida Nazaré mais a Avenida Magalhães Barata em toda a sua extensão. O trajeto inicia no Bairro de Nazaré, na confluência da Avenida Generalíssimo Deodoro com a Avenida Nazaré, sendo que o trecho a partir da Avenida Alcindo Cacela já pertence ao bairro de São Brás. Dali percorri mais cinco quarteirões até finalizar na Avenida José Bonifácio, perfazendo um trajeto de 1200 m. As quadras são interrompidas por vilas e alamedas durante todo o percurso. Duas alamedas na primeira quadra do lado direito, já na segunda quadra apenas uma vila interrompe o trajeto do lado esquerdo, no terceiro quarteirão uma outra vila do lado esquerdo, no quarto quarteirão uma pequena vila do lado direito, e no sexto uma vila do lado direito e outra do lado esquerdo. Todas as quadras, os lotes e as ruas têm formas regulares, linear e planimétrica. De acordo com o mapa abaixo (Figura 1).

Figura 1 - O Mapa mostra em destaque o caminhamento proposto para pesquisa, a Avenida Magalhães Barata, dividida em seis trechos que são limitados pelas ruas transversais. Observa—se que as ruas estão identificadas por cores assim demarcando os trechos



Fonte: Mapa CODEM, alterações e marcações da autora, 2015

1.2 ENTENDENDO A MEMÓRIA E O COTIDIANO PELO MÉTODO ETNOGRÁFICO

Não é fácil evocar o passado. As coisas as pessoas e os fatos afloram ao pensamento e à memória, mas nem sempre com o mesmo colorido, sofrendo alterações de acordo com o instante de recordação, ora desbotado, ora vestindo outra roupagem, enfeitada com detalhes de tristeza ou de alegria não se sabe, ao final, qual a imagem verdadeira. Mas o núcleo central é sempre imutável através dos anos. (MEIRA, 1987)⁴

Ao consultarmos as caixas patrimoniais do IPHAN 13^a Regional Belém encontramos artigos publicados no Jornal O Liberal, com relatos de Clovis Meira sobre a Estrada de Nazaré hoje Avenida Nazaré, nos quais destaca-se o encantamento deste memorialista, que recorda um passado recente com as tintas vivas de sua sensibilidade.

⁴ Clovis Meira, nasceu em Belém do Pará em 1 de julho de 1917 e faleceu em 29 de abril de 2002 na mesma cidade, estudou o curso secundário no ginásio paraense hoje Colégio Paes de Carvalho, em 1 de julho de 1917 e faleceu em 29 de abril, formou-se em medicina, escrevia crônicas para o Jornal Liberal. Clovis Meira escreveu sobre as lembranças que guardava da Avenida Nazaré, como se estivesse fazendo uma “etnografia” na memória quando escreveu este trecho num artigo publicado no Jornal Liberal em 05 de julho de 1987, sobre a estrada de Nazaré. (Fonte: IPHAN. Biblioteca Ernesto Cruz. Caixa 064/Pasta-02/IPHAN 2^a SR/ Arq. 01 MOV.01 EST.02 PRA.04.POS.01).

(PEREIRA, 1989)⁵. Meira descrevia o cotidiano citadino, as casas e seus proprietários, seus vizinhos e amigos, alguns imóveis ele identificava só pela lembrança de Belém de outrora, pois não existiam mais, outros ainda permaneciam inalterados, talvez por isso o IPHAN guarde as memórias, descritas nos artigos de Meira, como documento, arquivo testemunho da existência patrimonial destes bens. Os registros de passagens de acontecimentos históricos ou relatos de mudanças na paisagem que estão presentes na memória coletiva são vestígios importantes do passado, onde o lugar comum é a cidade.

Para desenvolvimento desta pesquisa foram eleitos dois eixos principais; o primeiro, como suporte para a pesquisa de campo, a abordagem da Etnografia de rua, o que proporcionou o reconhecimento das características urbanas do local, na identificação dos atores e suas afinidades com a avenida, o segundo eixo, das entrevistas com moradores, trabalhadores e transeuntes, nos fornecendo material para o registro da memória coletiva.

O método etnográfico proporcionou à descrição de práticas, no reconhecimento da área e na identificação da memória, de acordo com o pensamento de Eckert e Rocha, que conceitua a etnografia como um deslocamento em sua própria cidade, dentro de uma proposta benjaminiana que afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade. Para as autoras Etnografia de Rua é uma técnica destinada ao estudo dos itinerários urbanos e da memória.

Na pesquisa iconográfica, foram feitos levantamentos no Arquivo Guilherme De La Penha do Museu Paraense Emílio Goeldi, em todos os seus originais em chapa de vidro. Os mapas antigos, foram pesquisados na Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM) e de sites confiáveis, do acervo de professores do PPGAU, ou mesmo da autora.

As citações escolhidas mostram aspectos do pensamento de autores que em alguns pontos foram úteis e relevantes ao tema abordado. No caso de Beatriz

⁵Nota de Nilo Pereira sobre o Livro de Clovis Meira “O Silêncio dos tempos” no Jornal do Comercio de Recife(1982). Nilo Pereira pertenceu à Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas. Sua cadeira é hoje ocupada pelo vice-presidente da República, Marco Maciel. Em seu discurso de posse, intitulado *Política e Ética*, Maciel recorda um momento seu como governador de Pernambuco: "(...) Quando, em 1981, no exercício do cargo de Governador do meu Estado, sugeri ao mestre Nilo Pereira que escrevesse o seu monumento Pernambucanidade, nunca poderia pensar que, um dia, viesse a ser sucessor nesta venerável instituição (...)". E desenha o perfil de um mestre: "(...) Nilo Pereira, homem plural, um norte-rio-grandense que, por mais de meio século, engrandeceu, como poucos têm feito, a cátedra, o jornalismo e as letras". Ensaísta, historiador, romancista, poeta.

MugayarKühl, apesar do livro de Beatriz tratar especificamente da Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização, os temas Preservação, Patrimônio e Memória são exaustivamente debatido no trabalho da autora, e caminham juntos com tema deste trabalho.

Como orientadora de bolsistas de iniciação científica as pesquisadoras Cornélia Eckerte Ana Luiza Rocha propuseram aos seus alunos a ideia de desenvolver Etnografia de Rua em Porto Alegre. Para elas não seria uma caminhada inocente, compreendendo que “a cidade é uma estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência” (ECKERT e ROCHA, 2001, p. 4). As autoras descrevem neste trecho o personagem baudelairiano o flâneur como fonte de orientação para desenvolver um trabalho de memória afetiva e do pensar a si mesmo na paisagem urbana. O significado do termo *flâneur* está associado àquele que caminha pela cidade, instigado principalmente pelos movimentos de pessoas. A origem do conceito é encontrada pela primeira vez em Edgar Allan Poe (2008), em seu conto *O homem da multidão*, cujo narrador se propõe a observar pela janela de um Café as pessoas que pela rua passavam. Charles Baudelaire (1944) traduz o conto de Poe e cria o poema *A rua passante*, na qual a rua é a protagonista de seu lirismo. Benjamin (2000) trabalha o conceito prestando referência a uma dimensão própria da modernização da cidade e dos seus efeitos no homem.

A análise do cotidiano pautada no método etnográfico nos permite a percepção das relações afetivas e de atividades tradicionais como a do comércio forma e não formal. A apreensão pauta-se pela frequência sistemática do etnógrafo no local. Esta apreensão da sociedade só é percebida quando se mantêm uma relação direta com os atores sociais, desprezando uma programação rígida nas abordagens. Observando e valorizando os detalhes sutis, as mensagens sublinhadas, fazendo uma descrição densa, nada pode passar despercebido, tudo constitui fonte para o pesquisador. Para Geertz, uma descrição densa constitui um risco elaborado, pois em sua definição “precisamos compreender o que é etnografia, ou mais exatamente o que é a prática da etnografia” (GEERTZ, 2009, p.15), e mais ainda começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

A prática etnográfica cumpre a função de registro e análise, dos pequenos detalhes. A anotação microscópica de um gesto ou mesmo um olhar diferenciado, em

um determinado momento, pressupõem o registro de parte de uma cultura fadada ao esquecimento, são pequenos fatos que se relacionam-se a grandes temas. Como afirma Geertz: “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas”.(GEERTZ, 2009. p.31). Concluindo ainda que o adensamento de fatos pequenos, contados a partir de uma memória individual, tornar-se -ia dentro de uma análise mais ampla um fato maior.

1.2.1 A Memória como Fonte de Pesquisa

A identificação das variáveis da pesquisa, sendo elas: Memória, cotidiano, patrimônio e sociabilidade, definiram os critérios e a metodologia utilizados na definição da forma de análise da pesquisa: que priorizou a apreensão do espaço urbano, e em seguida as entrevistas, nesta última definiu o meio mais fácil e viável de aproximar o pesquisador do entrevistado no caso, moradores, trabalhadores e transeuntes da avenida. Mais que um modo de conhecer, foi uma das maneiras de resguardar a memória, as lembranças, os apegos, sentimentos latentes, fenômenos urbanos que dão movimento a uma rua, avenida ou cidade.

Um dos meios para se conseguir adentrar nas teias de relações simbólicas inerentes ao espaço habitado é através da etnografia, considerando a arquitetura como artefato a qual a mesma é fruto do constructo humano que une saberes imateriais e materiais, elaborado dentro de um recorte histórico e que sofre influência do contexto no qual foi produzido, podendo sofrer alterações ao longo do tempo assim como a ressignificação. Desta forma a arquitetura além de ser um artefato, é um artefato não completo tanto em sua materialidade quanto no seu caráter simbólico, cabendo então ao flâneur captar a relação sujeito-objeto que emerge no campo. (TUTYIA, 2013, p.31)

O método etnográfico, segundo a autora, possibilita a aproximação e conhecimento das relações simbólicas de seus habitantes com o espaço habitado. Ao permear as incursões no local com entrevistas, além de conversas informais com moradores e ou visitantes do local, fator importante para recuperar partes das lembranças escondidas, possibilitando a narração de acontecimentos perdidos no tempo e na memória dos viventes da avenida. Guardar, valorizar e preservar todas as interações voltadas às convivências urbanas, monta-las como colcha de retalhos, dando vida a cada acontecimento sem que destes, possa separar o melhor ou o pior, o maior ou o menor. Como ressalta Benjamim:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser perdido pela história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. (BENJAMIN, 2000, p. 223)

Segundo Pollak, entre as falas de entrevistas, encontramos três tipos de estilos: estilo cronológico, estilo temático, e o que chamamos de estilo factual, todos os relatos misturam esses três estilos. Para Pollak o predomínio do estilo cronológico está relacionado ao grau mínimo de escolarização do entrevistado. E que o relato que segue uma cronologia era fortemente relacionado com a presença de uma socialização política. “O segundo estilo, o temático - mas seria necessário verificar isso em outras pesquisas - é quando alguém se liga pouco na cronologia, diz, por exemplo, que a infância não teve importância.....”. Quanto ao estilo factual, por fim, correspondia a um grau educacional baixíssimo, a pouca experiência, tanto profissional como política, correspondia a um relato completamente desordenado. Onde se dava uma mistura de temas e não havia ordem aparente. “Insisto que estou dando aqui uma caracterização extrema, pois todos os relatos longos são constituídos por uma mistura de estilos, embora haja um predomínio em cada caso.” (POLLAK, 1992,p.13)

Neste ponto, é importante manter uma expertise, entendendo que a história; é o que imaginamos sobre o que aconteceu, e não a representação fiel dos fatos que buscamos, assim montar com os relatos, um quebra cabeça do processo evolutivo da avenida, poderemos alicerçar o tempo passado. Dentro da metodologia utilizada, para garantir uma pesquisa concisa, algumas preocupações levaram a construção de uma sistemática que determinou uma análise mais ostensiva deste recorte, sendo assim a descrição da arquitetura da área, junto com as entrevistas, garantiram o registro do uso do espaço e a identificação dos múltiplos perfis e a relação entre eles. Valorizando de tal forma as narrativas orais de acordo com o autor:

Se por um lado as narrativas orais de histórias de vida são importantes para a releitura da realidade, não é menos verdade que devemos “arrumar” as versões orais para melhor compreendê-las. E arrumar não significa só colocar o oral na camisa de força do escrito, o que é necessário ainda na academia. É certo que a necessidade de transcrição, imposta pela tradição científica para o estudo do texto narrativo oral, por si só é uma contradição em função de que a epistemologia universitária credita maior factualidade ao escrito. Mas o sentido de arrumar, aqui utilizado, não tem nada a ver com uma intervenção ideológica no discurso do outro, por mais que isso ocorra às vezes sem nos darmos conta. A coerência no texto oral não é a mesma coerência do texto escrito. Neste, a coerência é muito mais interna, e deve ser assegurada estritamente pela palavra, pela grafia. No caso do oral, a performance é o que

engloba o todo para dar a medida expressiva da narração, ou seja, palavra e corpo estão enraizados na história, seja no tom da voz ou na escrita do gesto e do semblante.(FERNANDES *apud* TUTYIA, 2013, p. 158)

O autor indica a forma de identificar o narrador no trabalho de pesquisa diferenciando-a da voz do entrevistado.

O autor propõe que as vozes narrador-entrevistado e pesquisador-entrevistador devam estar de formas distintas no texto, no caso da transcrição da voz deste a fonte permanece a mesma do texto – *Arial* ou *Times New Roman* – para aquele se faz o uso de outra fonte – *ComicsSans MS11*. O destaque é feito para que os discursos fiquem claramente marcados, chamando a atenção “que estamos face a um saber da ciência e outro da experiência” (FERNANDES *apud* TUTYIA, 2013. p.30).

Fernandes ressalta que deva ficar claro no texto a diferença entre o saber da experiência do saber da ciência.

Na tentativa de refinar a pesquisa, a indicação em selecionar os entrevistados, foi pelo maior e menor vínculo do entrevistado com o local. A prioridade foi para os moradores outrabalhadores mais antigos, exercem suas funções a muito tempo na área, ou seja, as pessoas mais idosas, que tivessem vivenciado o passado, ou mesmo os que mantivessem um envolvimento afetiva ou que guardassem um apego pelo local, ou seja, selecionar o entrevistado que possuísse uma representação mais próxima com a história do local.Por tanto, foram priorizadas as entrevistas com os idosos, moradores do local, ou mesmo os que nasceram lá. Como relata o autor sobre sua experiência em entrevistar idosos do Pão de Santo Antônio:

As entrevistas feitas com idosos mostraram-se igualmente importantes para enriquecer a pesquisa em relação aos variados encontros da cidade de Belém com a estrada de ferro Bragança, pois o idoso, como habitante e participante da vida de uma cidade é sem sombra de dúvida, um narrador e um memorialista por excelência. Por isso é fundamental a sua origem, o nascer e o viver naquela cidade, o tempo que morou nela, o convívio com outros habitantes, o que lhe dá as credenciais e os diferencia em sua narração (ANDRADE, 2001, p.18)

O autor ressalta a importância dos relatos dos mais idosos, por serem estes narradores natos, e pelo tempo de vivência no local da pesquisa. Entendendo também a importância da fonte oral, confirmada por alguns autores como Pollak:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.(POLLAK, 1992, p.8)

De acordo com o autor, a fonte oral, tem o mesmo valor que a fonte escrita, portanto, a importância de coletar a fonte oral, parte do princípio, que resgatar a memória, é uma ação que tem como objetivo a preservação da história da avenida e para dar subsídios para alguma ação valorativa da área. Considerando que, sem nenhuma pretensão, não poderemos, trazer de volta o passado, ou mesmo ignorar o presente, como considera o autor, “Mas que, em nenhum momento, à volta ao longo do tempo nos faz omitir as realidades atuais”. (VERNANT, 1990, p.133), Vernant entende que não se poderia dizer que evocar o passado faz reviver o que não existe mais e nos dá uma ilusão de existência.

No caso desta pesquisa, a preocupação em fortalecer a memória dos vividos, posto que seria uma questão de ordenar a memória para a sobrevivência do espaço/tempo, potencializando o objetivo da pesquisa. Para Ipiranga (2010), na dimensão tempo - as discussões giram em torno da memória. Considerando o espaço como um lugar de experiências, simbolismo e significados. Na dimensão-espaço – trata da relação simbólica do espaço, considerando o espaço como lugares de transformação que acolhem as diferenças. Autores como Miranda, demonstram uma perspectiva crítica, em que:

As tensões entre consciência do presente e nostalgia do passado se expressam na arquitetura, objeto que testemunha as épocas da história e permite ao cidadão regressar no tempo ao vivenciar os eventos passados. O percurso dos séculos se cristaliza na cidade, e a preservação do patrimônio edificado conduz à leitura de um tempo-espaço que não volta mais, mas que emerge no imaginário como a busca do ideal, da felicidade. (MIRANDA, 2006, p.18)

Este estudo busca uma interface do modo de viver diante do urbano, mantendo um olhar micro na interação do morador com a avenida, sua relação com a vizinhança e seu sentimento de pertencimento com o patrimônio arquitetônico existente. Como entende a autora:

Entende-se, então, que em suas memórias, existe construída uma relação de pertencimento entre esses sujeitos e o lugar, pois eles não poderiam ocupar outras posições que não fossem aquelas que eles ocupam há anos, no decurso de sua história ali – sob pena de não se reconhecerem legítimos no mundo. (SOBRAL, 2006, p. 53)

Na coleta das narrações a etnografia tece um papel de transfigurar a linguagem expressando o valor simbólico do fato esclarecendo o que ele realmente quer dizer, assim identificando o significando seu valor cultural na vida humana. A descrição detalhada proposta pela etnografia é a de valorizar os simples acontecimentos tornando-

os fatos relevantes, descrevendo práticas e saberes de um indivíduo ou de grupos sociais: “O etnógrafo descreve em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaços históricos do outro-observador, delineando formas que revestem a vida coletiva no meio urbano” (ECKERT; ROCHA, 2001, p.5).

A utilização do método etnográfico em imersões recentes, onde se relatou o que hoje existe do patrimônio edificado na Avenida Governador Magalhães Barata, e com as entrevistas, registrou-se a memória guardada por moradores da avenida, trabalhadores e transeuntes.

Adotaremos aqui o papel de arquiteta, pesquisadora e nativa; arquiteta pela formação, pesquisadora pelo trabalho aqui desenvolvido e nativa por trabalhar no local, o que acreditamos, facilitará a percepção das ações e dos conceitos adotados.

Dos nossos relatos guardamos uma memória dos quase trinta anos que percorremos, em longas e repetidas caminhadas, feitas a pé e muitas de carro, no ir e vir do trabalho, delas lembramos as mudanças significativas ocorridas aqui e ali, percebidas ao longo deste tempo. A elas agregamos nossas observações registradas durante as imersões que fizemos recentemente, fruto do trabalho como aluna das disciplinas do Mestrado e das desenvolvidas junto com alunos de graduação durante o Estágio Docente.

2 PERCORRENDO O CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA

2.1 UM “TERRITÓRIO”⁶ CHAMADO AVENIDA

A Avenida Magalhães Barata, antiga Avenida Independência, tem seu nome em homenagem ao Governador do Estado eleito em 1955, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata⁷. A avenida em toda sua extensão possui um grande potencial histórico e cultural, ou seja, um território inexplorado. Para tanto é necessário especial cuidado em todos os seus aspectos, sejam eles físico, estrutural, estético e social. Poulot(2009, p. 53) cita David Storey quando fala da cidade e seu território “Entre as imagens constantes do território humano, perfila-se a de uma organização da cidade que deve ser mantida e remanejada, bem cuidada e protegida”. O autor acrescenta: A lição de semântica revela, aliás, como a palavra “território” evoca ideias de apropriação, de apossamento ou, no mínimo, de uso. Este imaginário do território manteve regularmente uma relação estreita com a estética, enunciando diferentes figuras mediante as quais a paisagem adquire sentido.

Esta pesquisa detém-se em uma área que até o início do século XIX estava fora dos limites da cidade, possuindo pouquíssimas construções, cuja origem de sua povoação nasceu nos arredores da Ermida de Nossa Senhora de Nazaré. O surgimento da Avenida Nazaré data do século XVIII, ou melhor, o secular Caminho do Utinga, surgiu a partir do Largo da Pólvora ou da Campina, e terminava numa antiga povoação de Santa Maria do Grão Pará, onde realizavam o culto e as Romarias, ergueu-se ali a

⁶A categoria território, juntamente com a paisagem, lugar, região e espaço, é um dos principais focos de estudo da Geografia. Nesse sentido, o território é considerado pela maioria das correntes do pensamento geográfico, um conceito-chave da Geografia. Contudo, sua análise não é exclusiva da Geografia, sendo, portanto, abordado por outras ciências, o que o torna um termo polissêmico. Na análise do território, os aspectos geológicos, geomorfológicos, hidrográficos e recursos naturais, por exemplo, ficam em segundo plano, visto que sua abordagem privilegia as relações de poder estabelecidas no espaço. A concepção mais comum de território (na ciência geográfica) é a de uma divisão administrativa. Através de relações de poder, são criadas fronteiras entre países, regiões, estados, municípios, bairros e até mesmo áreas de influência de um determinado grupo. Para Friedrich Ratzel, o território representa uma porção do espaço terrestre identificada pela posse, sendo uma área de domínio de uma comunidade ou Estado. (ANDRADE, 2014)

⁷ Nascido no município de Belém, na localidade denominada de Val-de-Cães, a 2 de Junho de 1886, e falecido no dia 29 de maio de 1959, em sua residência, a Rua Dr. Moraes. Político influente, adquiriu a confiança e admiração do povo por meio de suas obras que foram grandes e proveitosas à coletividade. Foi por duas vezes nomeado interventor federal no estado do Pará, a primeira vez em 1930, exercendo o cargo até 1935, e a segunda vez em 1943. Saindo em 1945 em virtude da deposição do Presidente de Getúlio Vargas. Por um período o município de Belém deu ao trecho da Rua Dr. Moraes entre Gov. José Malcher e a Avenida Nazaré o nome do eminente político e administrador Magalhães Barata. (CRUZ, 1992, p. 58)

primeira ermida em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, dando um novo nome e estrada que se passou a chamar Nazaré, lugar preferido para construção das Rocinhas⁸.

Foi no fim do século que Belém passou à administração de um de seus mais notáveis intendentos, o Senador Antônio José de Lemos, cujos relatórios nos permitiram reconstituir, parcialmente, a cidade e seus problemas, entre 1897 e 1908. É notável o esforço da administração, que, contando com amplos recursos financeiros, pôde melhorar o aspecto da cidade..... Ao lado dessa melhoria, a abertura de ruas, no então subúrbio do Marco da Légua, “no futuro, um dos bairros mais bonitos e elegantes de Belém”, para onde era “evidente a tendência da expansão urbana”, seguindo o eixo da Av. Tito Franco (atual Avenida Almirante Barroso) e sua ocupação com as primeiras chácaras em terreno ainda recoberto pela mata virgem, constituía, em fins do século, um dos mais notáveis empreendimentos urbanísticos da cidade na qual as Avenidas **Independência** e da Municipalidade, serviam, respectivamente, às zonas **elegantes** e proletárias de Belém.(PENTEADO, 1968, p.145) (grifo nosso)

No final do século XIX a Avenida Nazaré ganhou trilhos para a instalação de bondes com tração animal. Posteriormente a Av. Magalhães Barata, continuação viária da Avenida Nazaré, recebeu urbanização, as duas Avenidas, passaram a ser um dos eixos principais da cidade. As Avenidas Nazaré e Avenida Independência (Figura 2), foram um marco do poder religioso e político, de um momento histórico de expansão da cidade de Belém. “A abertura desta via impulsionou o crescimento urbano e facilitou o acesso a novos bairros”. (CRUZ, 1992, p.84)

Figura 2 -Vista geral da Av. Independência no início do século XX (atual Magalhães Barata) Tomada do Antigo Mercado ao lado da Vila Teta, em frente ao Museu Goeldi. Em primeiro plano o canteiro central, em seguida os postes de ferro e o trilho do bonde nas duas vias



Fonte: site <<portalmatsunaga.xpg.uol.com.br

⁸ Segundo Alfred Wallace viajante da 1ª metade do Século XIX, descrevia as Rocinhas como casas de campo geralmente avarandadas, sem forro, que ficavam no centro do terreno.

O Sr. Elias⁹ funcionário aposentado do Museu Emílio Goeldi, onde trabalhou por 46 anos, relata características da antiga estrada da Independência:

“A Avenida Independência era dividida em duas pistas, nessas esquinas tinha uns quiosques, que vendia lanche, no centro da avenida, os postes eram todos de ferro, as luminárias eram em ferro trabalhado, isso a gente só vai ver no governo de Augusto Montenegro, mas, isso era quando nós tínhamos os bondes, que foram tirados em 1947, então o governo mandou tirar a passarela e ampliar a via.”¹⁰

As histórias contadas são memórias latentes, são sentimentos e emoções vividos, que fazem parte de um contexto maior compartilhado por um grupo ou uma sociedade, Sobral confirma, com sua experiência ao entrevistar engraxates na Praça Dom Pedro II:

E nesse universo que busco, com esta pesquisa, compreender a construção de uma memória que se construído dentro de um universo maior, traduz as representações e os significados referentes às experiências vividas e as lembranças compartilhadas pelos engraxates – a memória como uma construção dos componentes subjetivos e objetivos, que adquirem sentido no universo social. (SOBRAL, 2006, p. 20)

A Belle Époque¹¹, posteriormente, com a renovação urbana ocorrida no período que vai de 1870 a 1912, em decorrência do impulso econômico ligado à exportação da borracha, começam as construções de obras particulares e públicas na então Estrada da Independência hoje Avenida Governador Magalhães Barata. Segundo Derenji, estas construções obedeceram às novas regulamentações impostas no século

⁹ O Sr. Elias Mello, 85 anos, concedeu entrevista no Parque Zoológico do Museu Emílio Goeldi em 20 de agosto de 2014.

¹⁰ O tipo de letra utilizada para transcrever parte das entrevistas no decorrer deste trabalho, foi baseada nas orientações de FERNANDES, 2005, de acordo com as citações da página 59.” O autor propõe que as vozes narrador-entrevistado e pesquisador-entrevistador devam estar de formas distintas no texto, no caso da transcrição da voz deste a fonte permanece a mesma do texto – *Arial* ou *Times New Roman* – para aquele se faz o uso de outra fonte – *ComicsSans MS11*”

¹¹ Na região norte do Brasil à Belle Époque foi fruto do desenvolvimento da economia do látex na Amazônia no período de 1870-1910, o que está intimamente ligado às próprias transformações ocorridas em nível da reprodução do capital e da acumulação de riquezas pela burguesia internacional. Em decorrência do Boom da borracha, Belém do Pará assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção do látex, além de se tornar a vanguarda cultural da região. Verifica-se neste momento a construção de todo um processo modernizador na Região Norte. A necessidade de modernizar a capital paraense e realizar uma melhor distribuição do espaço urbano esteve inevitavelmente ligado ao desenvolvimento da economia da borracha, como também às transformações políticas e sociais ocorridas no país a partir da década de 1880. Era preciso adequar a cidade às transformações capitalistas, no investindo capital e diversificando sua aplicação em outras atividades. Para isso se engendrou todo um processo de modernização da cidade de forma a facilitar o escoamento da produção e de divisas para os países centrais. (SOARES, 2008)

XIX (DERENJI, 1987), o que promoveu um efeito positivo no desenvolvimento urbano de Belém. Como esclarece Pantoja (2014, p.50):

A importância que o ideal de progresso teve na mentalidade do Século XIX e seus reflexos na industrialização e na arquitetura a partir da constituição de princípios que influenciaram a sociedade europeia e os países ultramarinos entre os quais, o Brasil. As políticas públicas de modernização implementadas na gestão do Intendente Antônio Lemos, na cidade de Belém, buscaram o mesmo ideal, por meio de intervenções urbanas e de construções que afirmaram seu poder político conferindo à cidade, entre 1890 e 1910, o status de capital da borracha.

A autora enfoca a importância da modernização, promovida pela industrialização e facilitada pelo auge da comercialização da borracha. No período em questão, o da Belle Époque, foram construídos muitos edifícios com influência Eclética e forte tendência tipológica Neoclássica, e posteriormente foram construídos prédios de múltiplas influências estilísticas e novos modelos arquitetônicos. Para autores como Soares:

O Poder Público atendia mais as demandas da elite da borracha, realizando operações urbanas sob a ótica de civilização e modernização, o que à negação do meio-ambiente natural e cultural da cidade à custa do processo de europeização urbana. (SOARES, 2008, p.50)

Os reflexos deste processo de modernização são percebidos hoje, por toda a extensão da Av. Magalhães Barata, nos imóveis que se alinham nesta avenida como; O Colégio Gentil Bittencourt datado de 1904, projeto do Engenheiro Civil italiano Filinto Santoro, o conjunto que hoje pertence ao Governo do Estado (antiga REDE CELPA, ou mais ainda Parah Electric), O Parque Zoológico Museu Emílio Goeldi, hoje tem 119 anos de existência que serve de cenário para projetos de Educação ambiental, além de ser local de fonte de pesquisa e lazer de turistas e visitantes. O Parque possui um conjunto arquitetônico, que inclui obras como: O Sobrado Alexandre Rodrigues Ferreira (1879) (onde funcionou o Antigo Tribunal de Contas do Estado), a Rocinha (1879), a Biblioteca Clara Galvão (1890), o muro da parte frontal do Museu foi construído com a instalação do gradil e o portão principal, ambos confeccionados nas oficinas do Instituto Lauro Sodré.

Mais adiante, continuando no sentido do trânsito, temos o prédio onde hoje abriga a sede do PPGARTES (Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFPA). O Colégio Vilhena Alves com características ArtDecó, representante do Modernismo, O Palacete Zairah Passarinho, imóvel com características ecléticas, construído em 1925, projeto de José Sidrim, foi antiga residência da família César Santos Passarinho, situado na Avenida Magalhães Barata esquina com a Rua 3 de Maio, atualmente, funciona no

local o Restaurante Soprano. Ao lado o Parque da Residência local que foi a residência oficial dos governadores do Pará a partir de 1934. Teve como morador o governador Magalhães Barata (governador do Pará de 1930 a 1950), sendo que antes o prédio já havia sido lar dos governadores Enéas Martins (1913-1917) e Lauro Sodré (1917-1921), no jardim do parque encontramos, a Estação Gasômetro e o Coreto Pavilhão Frederico Rhossard de 1909, uma homenagem ao poeta paraense, que hoje serve de orquidário para mais de 400 espécies de orquídea.

No mesmo quarteirão encontramos dois imóveis arruinados, o primeiro em estilo Art Nouveau,¹² onde funcionou por muito tempo a Escola Pequeno Príncipe, e o prédio em Art Déco¹³ da União Beneficente dos Chauffeurs construído em 1913 onde foi inaugurado em 1958 o antigo “Teatro São Cristóvão” onde era frequente a apresentação dos Pássaros Juninos.

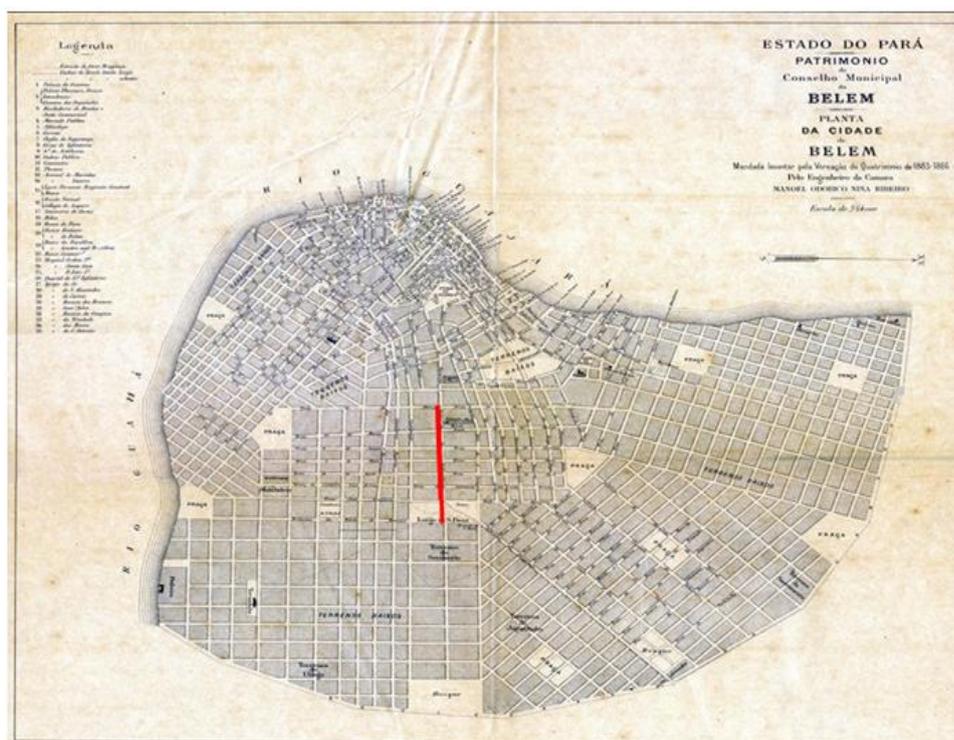
No final da Avenida, um monumento representativo da Arquitetura de Ferro, o reservatório de água pertencente à Companhia de águas de Belém, todo importado da Europa de 1901 até 1904, pela Casa Tony Dussieux de Paris, segundo inscrição na placa que identifica o monumento. Já no final do percurso o Mercado de São Brás (1911), também, projeto do Engenheiro Civil italiano Filinto Santoro. As obras arquitetônicas ali existentes, nos possibilitam fazer uma comparação com dois tempos históricos diferentes, passado e presente.

¹² O Art *Nouveau*, “A Revolução Industrial, propiciou o desenvolvimento econômico do mundo contemporâneo, transformando qualitativamente os processos produtivos e, entre outras coisas, provocando o aparecimento da grande indústria, a expansão do comércio mundial, o surgimento da burguesia industrial, de novas doutrinas sociais e econômicas, de rivalidades mais profundas entre as nações. A partir dela, o poder econômico e social deixou de pertencer somente ao círculo do capitalismo mercantil e passou a outros segmentos, isto é, a todos os que produzissem e fizessem fortuna. Vivenciando o clima de poderio econômico, a sociedade burguesa de fins do século XIX, já refinada culturalmente, eufórica e despreocupada, necessitava de uma arte que refletisse esse ilusório. Foi nesse quadro que surgiu e se firmou um novo, elegante e refinado estilo, Art Nouveau, coerente, sobretudo, como modo de viver da sociedade burguesa e especialmente ligado à arte decorativa, quer seja ela de natureza interior ou exterior”. (BASSALO, 2008, p. 9)

¹³ Art Déco. Movimento surgido na última década do século XIX (1890 – 1900), que durou até as primeiras décadas do século XX, conhecido como Modernismo ou modernista, trouxe também o estilo Neo Colonial. Foi um movimento popular internacional de *design* que durou de 1925 até 1939, afetando as artes decorativas, a arquitetura, *design* de interiores e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e cinema. Este movimento foi, de certa forma, uma mistura de vários estilos (ecletismo) e movimentos do início do século XX, incluindo construtivismo, cubismo, modernismo, bauhaus, *art nouveau* e futurismo. Fruto direto da Revolução Industrial a qual provocou mudanças substanciais no setor sócio/econômico, gerando crescimento acelerado das cidades e no campo, sendo que as grandes mudanças foram no meio agrícola, onde a agricultura não era mais o motor da sociedade e sim o trabalho por meio de máquinas que gera uma acumulação de capital. (Fonte: Guia de Arquitetura Art déco no Rio de Janeiro/Centro de Arquitetura e Urbanismo no Rio, organizador: Jorge Czajbwska.3.ed.-Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Prefeitura do Rio de Janeiro. 2000.)<www.vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/220>

O mapa a seguir representa a malha urbana de Belém em 1905 (Figura 3), na época da administração intendente Antônio Lemos. Nele são relacionados os principais monumentos históricos da cidade de Belém, incluindo todos os trapiches, a estação de trem em São Brás.¹⁴ A linha em vermelho no mapa identifica a área da pesquisa.

Figura 3 - Planta da cidade de Belém, na administração do Senador Antônio Lemos, o mapa mostra a malha urbana de Belém de 1905 na escala de 1\10000 já com a primeira léguas de Patrimonial demarcada, com o bairro de Nazaré e São Brás



Fonte: Andrade, 2010, p.80

¹⁴Na legenda, ao lado esquerdo do mapa, estão relacionados os seguintes monumentos: 1- Alfandega, 2- Academia de Direito, 3-Archivo Publico, 4- Arsenal da Marinha, 5-Banco Commercial, 6-Banco London AndBrazilian, 7-Banco Norte de Brazil, 8-Banco River Plate, 9- Corpo Municipal de Bombeiros, 10- Corpo Auxiliar da Brigada Policial, 11-Cadeia Pública, 12- Chefia de Segurança Pública, 13 -Correio, 14- Delegacia Fiscal do Tribunal Federal, 15- Diário Official, 16- Esquadrão de Cavallaria, 17-Eschola Normal, 18- **Estação de Belém (E.F.B)**, 19- Forte do Castello, 20- **Gazometro**, 21- Hospital de Caridade, 22- Hospital Dom Luiz 1º, 23- Hospital da Ordem 3ª, 24- Hospício dos Alienados, 25- Hospital Domingos Freire. 26- Hospital dos Lazaros, 27- Intendência, Superior Tribunal de Justiça, Forum e Camara dos Deputados, 28- Instituto Cívico-Jurídico Paes de Carvalho, 29- Igreja da Sé, 30- - Igreja de santo Alexandre, 31- - Igreja do Carmo, 32- - Igreja do Rosário, 33 - Igreja de Sant' Anna, 34- - Igreja do Rosário da Campina, 35- Igreja da Trindade, 36- - Igreja das Mercês, 37- - Igreja de Santo Antônio, 38- - **Igreja de Nazareth**, 39- - Igreja de São João, 40- **Muzeu**, 41- Mercado Municipal, 42- Mercado de Ferro, 43- Necrotério Municipal, 44-Palacio do Governo , Secretaria de Justiça, Obras Públicas e Fazenda; Junta de Hygiene, Thezoiro do Estudo e Eschola de Pharmacia, 45- Palacio Episcopal, 46- **Reservatório d'água**, 47- Sucursal do Corpo Municipal de Bombeiros, 48- Telegrapho Nacional, 49- Telegrapho Submarino. 50- Usina da Cremação. Os monumentos que estão em negrito foram destacados pela autora localizam-se na área da pesquisa ou fazem parte do entorno da mesma. (Fonte: Andrade, 2010, p.80)

Hoje na avenida existe uma grande concentração de comércios e serviços, a largura da via ainda é a mesma e o trânsito diariamente é caótico, as pessoas circulam num ritmo acelerado sem perceber o acervo arquitetônico ali existente, a maioria escondidos pelas placas e letreiros, impedindo a percepção dos transeuntes. Num conflito entre o valor econômico e o valor afetivo, os imóveis vêm sendo modificados, de residencial passa a ser imóvel comercial, e os que permanecem sem uso estão descaracterizados. São muitas as fachadas representativas que carregam uma acumulação histórica, um conjunto que não mais representam um núcleo central.

2.2 O PRIMEIRO TRECHO DO PERCURSO

2.2.1 O Complexo Arquitetônico de Nazaré

Sendo a Avenida Magalhães Barata a continuação viária da Avenida Nazaré, o que faz da Praça Santuário da Basílica o entorno desta avenida em questão. Na descrição deste entorno, observamos que os cruzamentos são limitados por grandes Pórticos anunciando as festividades do Círio, local onde turistas do mundo inteiro vivem a efervescência da realização do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

A Avenida Magalhães Barata, recebe parte do afluxo desses turistas nacionais e estrangeiros, que é intensificado em outubro, fato que ocorre com a realização das festividades do Círio de Nazaré, procissão católica que reúne anualmente no segundo domingo de outubro, aproximadamente dois milhões de romeiros, em caminhada pelas ruas de Belém.

O Círio de Nazaré¹⁵, procissão católica realizada na capital do Paraense desde 1793, o que em 2014 tornou-se Patrimônio Imaterial da Humanidade¹⁶ concedido pela

¹⁵ A devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. A imagem original da Virgem pertencia ao Mosteiro de Caulina, na Espanha, e teria saído da cidade de Nazaré, em Israel, no ano de 361, só em 1119, a imagem foi encontrada. No Pará, foi o caboclo Plácido José de Souza quem encontrou, em 1700, às margens do igarapé Murutucu (onde hoje se encontra a Basílica Santuário), uma pequena imagem da Senhora de Nazaré. Após o achado, Plácido teria levado a imagem para a sua choupana e, no outro dia, ela não estaria mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a “Santinha”. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela. Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. Organizado pelo presidente da Província do Pará, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro. (SERRA, 2013)

¹⁶O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹⁷. Segundo o Decreto nº 3551, de 4 de Agosto de 2000 – O Patrimônio Imaterial é definido como um conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua cultura, tendo como uma de suas principais características o fato de tradicionalmente ser transmitido de geração a geração, gerando sentimento de identidade e continuidade em grupos populacionais.

O Decreto deu início ao registro de bens imateriais que constituem o patrimônio cultural brasileiro, no Livro II de Registros de Celebrações, em que são inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. (CASTRO, 2008, p. 127)“A procissão sai da Catedral de Belém e segue até a Praça Santuário de Nazaré. O percurso total é de 3,6 quilômetros.” (Portal do Círio de Nazaré)¹⁸. Além de outras procissões que fazem parte das comemorações do Círio, e que percorrem a avenida.

No legado histórico desta avenida, que aqui descreveremos de forma sucinta, é identificado um cunho religioso que impulsionou seus surgimentos, e teve um papel fundamental para seu desenvolvimento. A história da avenida é marcada por acontecimentos políticos e religiosos relevantes para o crescimento urbano de Belém. Em Belém no século XX, a Avenida Nazaré na época das festividades do Círio era comum as famílias a confraternizarem em frente de suas casas para apreciarem a movimentação das festas no Largo de Nazaré, a “Sociedade do Descanso alugava cadeiras para quem quisesse apreciar o movimento do Largo de Nazaré. Eram contratados criados para servir água em copos de cristal e charutos importados. Um

conhecimentos a seus descendentes. <www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world.../intangible-heritage>

¹⁷No dia 07 de outubro de 2014, a Arquidiocese de Belém, no Pará, recebeu oficialmente da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o certificado de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. No segundo domingo de outubro, principal dia da procissão, a celebração religiosa realizada anualmente há 221 anos chega a reunir cerca de dois milhões de participantes entre curiosos e devotos pagadores de promessa. É constituída de vários rituais de devoção (sagrados e profanos) e de expressões culturais, sendo um grande momento de reiteração de laços familiares, assim como de manifestação social e política. As festividades do Círio de Nazaré – a chamada quadra nazarena – começam bem antes da procissão principal, realizada no segundo domingo de outubro, e se prolongam durante 15 dias. No trajeto do traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré ocorrem diversas homenagens à santa, como apresentações de corais, canto lírico e hinos de louvor. Reconta, por meio de seu cerimonial religioso, a lenda que envolve o achado, em 1700, da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo camponês Plácido José de Souza. (LIMA, 2012)

¹⁸ Fonte: Disponível em <www.ciriodenazaré.com.br/>

anúncio no jornal “O Liberal”¹⁹ da época pedia que todos fumassem os charutos com “chiquismo”²⁰.

O cotidiano que se materializa nas atividades desenvolvidas e vivenciadas, no dia a dia, pelo homem a partir de sua condição como ser individual e coletivo. Estas atividades rotineiras; conversar com os vizinhos, colocar cadeiras na calçada, consumir nos ambulantes, tomar tacacá, fazer compras nos comércio, perambular pelas ruas, consertar sapatos no sapateiro, amolar tesouras e alicates no amolador, são alguns hábitos que desapareceram e outros que estão por desaparecer. Hoje nessas mesmas calçadas ao invés de cadeiras, as pessoas circulam se misturam entre os muitos ambulantes de artigos religiosos. Estas dinâmicas mudanças ocorridas nos costumes, e a variabilidade cultural são para Geertz “uma espécie de teia que amarra o homem, ou melhor, a cultura seria a teia e suas análises, ainda acrescenta, sendo esta uma ciência interpretativa à procura do significado” (GEERTZ, 2009, p.15).

A cultura efervescente no local é bem definida como num conceito que engloba todos os outros e se identifica com a dinâmica do cotidiano e todas as suas manifestações inclusive a religiosa. Esta relação intensa da avenida com os que moram ou trafegam ali é percebida e conceituada como forte e é relacionada a cultura presente no local, a área é demarcada por dois pórticos que fazem parte do mobiliário urbano do trecho que corresponde ao CAN (Figura 4). A religiosidade desta parte da avenida é intensa e aumenta no período de realização do Círio de Nazaré, o comércio geralmente voltado para esta festividade, principalmente o de ambulantes.

“A relação popular local com a Avenida Magalhães Barata se dá não apenas pela necessidade de locomoção ou pelo comércio, existe também uma relação com os fatores históricos e culturais intrínsecos daquela área, a identidade cultural é muito forte, onde fatores como o Círio de Nazaré, as construções antigas que carregam um valor histórico importante, e remontam o período de extração da Borracha na região. É a maneira como a avenida reflete a cultura paraense, percebida pela forte religiosidade, pelos variados estilos arquitetônicos e pela venda informal de comidas típicas da região, tudo contribui para o valor cultural da via²⁰.”

¹⁹ Jornal de grande circulação em Belém e maior parte do Pará desde o ano de 1946.

²⁰ Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa foram citados trechos dos trabalhos, desenvolvidos por alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em 2014 a qual fiz estágio Docente. Os referidos Trabalhos foram intitulados como; “Avenida Magalhães Barata: Análise Histórica, Urbanística e Social” de autoria dos alunos, Claudio Lucas Guedes, Samara

A religiosidade descrita pelos alunos é percebida desde a Avenida Nazaré, em frente à Basílica de Nazaré, onde uma fila se formava para contemplar a imagem de Nossa senhora de Nazaré, que durante a festividade fica em uma capela envidraçada no centro da praça (Figura 5).

As grades que delimitam este espaço (Figura 6), na época em que foram colocadas, provocaram um sentimento conflituoso no povo. Fato que a grade em si, imprime aparência de propriedade particular sendo o largo de Nazaré uma área pública. Durante a celebração da missa uma movimentação acontecia em frente ao altar, homens trabalhavam na colocação do púlpito em mármore que veio da Itália. O púlpito, a oratória, para os mais tradicionais causou estranheza, pois competia muito com a ambientação interna da igreja, cujo projeto do Arquiteto GinnoCoppède marca de outubro de 1909, com a planta semelhante as das Basílicas Romanas. Aqui onde todas as camadas sociais se reúnem em torno da fé. No final da Celebração todos ovacionam a Santa padroeira.

Figura 4 - Vista geral do Pórtico do Círio de Nazaré na confluência da Av. Generalíssimo Deodoro com a Av. Nazaré. Pórtico fixo, nele são estampados detalhes da procissão e no eixo central uma foto da imagem da santa



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Souza de Paula, Tomás Henrique de Oliveira Costa e Wendell Trindade Rocha e o trabalho “Etnografia de Rua na Avenida Governador Magalhães Barata e Avenida Nazaré através de Análise Fenomenológica” de autoria dos seguintes alunos, Ana Beatriz Soares, Alessandra Pompeu, Max Leal de Freitas e Michelle Gutierrez.

Figura 5 - Aspecto da fila formada por fiéis em frente a capela envidraçada, localizada no centro do CAN. A santa fica em uma cúpula envidraçada as comemorações do Círio



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Figura 6- Aspecto da grade que delimita a Praça Santuário da Basílica - CAN – Na chegada da procissão do círio de Nazaré, os fiéis se espremem entre as grades conotando elemento segregador e não agregador



Carmosina Calliari Bahia, 2014.

A decisão de iniciar o percurso no último quarteirão da Avenida Nazaré, especificamente no CAN, por ser esta, uma área característica e fazer parte do entorno da Avenida Magalhães Barata, é por ser de lá que saem as procissões do Círio de

Nazaré. Neste quarteirão, a impressão descrita pauta-se nas impressões da autora e em seguida as percebidas pelos alunos.

Procurei anotar a movimentação da praça; um grupo de jovens que, pela música que cantavam, seriam do Grupo Maíra, todos pegaram um ônibus, talvez a caminho de algum retiro espiritual. Observei que, é frequente a presença de algumas senhoras passeando com seus cachorros, sempre atentas e com saquinhos na mão, outras caminhavam com roupa de ginástica.

De forma despreziosa, no dia 22 de março de 2014, iniciamos às 9 horas a caminhada em direção a esquina da Rua Generalíssimo Deodoro com a Avenida Nazaré, munidos de máquinas fotográficas e celulares e com o objetivo de desenvolver um trabalho de apreensão das características estéticas da arquitetura e das relações sociais intrínsecas de uma rua. A análise local parte de uma observação estimulada pelo apelo emocional, pela constituição física da área, pelo movimento, pela historicidade do local.

Durante a imersão percorremos a pé o trecho que vai da Basílica Santuário de Nazaré (Bairro de Nazaré) até o Mercado de São Brás, passando por sete cruzamentos com ruas transversais, terminando no Bairro de São Brás, todo o trajeto corresponde a 1,5 km de distância.

A visão que se tem do CAN, são os edifícios de apartamentos que contornam toda a quadra, todos com a mesma volumetria, em um deles, com 10 andares, há uma fachada cega em que uma janela foi aberta, possivelmente para servir de camarote para as festas do Círio. Segundo a percepção dos alunos²¹

"De frente para a Basílica de Nazaré, ultrapassando a praça, assenta-se um grande paredão de prédios antigos. O estado de conservação da maioria deles acusa uma idade por volta de 40 anos, reflexo de um provável boom da tipologia de edificações multifamiliares na época, que se concentrou nesta área próxima à Basílica. A importância dada ao privilégio de estar perto da igreja pode ser reforçada pela obtenção da imagem que mostra um grande janelão aberto recentemente para ter uma melhor visão das festividades religiosas do círio, em um prédio que antes tinha uma parede cega em sua lateral".(Figura 7)

²¹Retirado de um trecho do trabalho de Claudio Lucas Guedes, Samara Souza de Paula, Tomás Henrique de Oliveira Costa, Wendell Trindade Rocha.

Figura 7 - Vista geral do paredão formado por prédios no entorno do CAN, em destaque um janelão aberto em uma parede cega, com o objetivo de ter uma vista privilegiada do Círio de Nazaré



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Durante o trajeto anotávamos todas as situações de envolvimento e vivência diária, fruto da dinâmica das ruas. Sentimos o cheiro inesquecível do tacacá, comida típica de origem indígena, o que provocou água na boca.

O que mais chamou a atenção foi a galeria do Cine Ópera, conhecido por passar somente filmes adultos, exceto na Semana Santa que exibem “Paixão de Cristo”. Ainda no mesmo quarteirão o prédio de apartamentos o “Edifício Feliz”, concentra uma quantidade significativa de moradores aposentados que são frequentadores assíduos da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

O percurso era longo, e a caminhada era dificultada pela irregularidade das pedras de lioz nas calçadas. O calor era amenizado pela sombra das mangueiras. Daqui é possível enxergar a roda gigante, junto com outros brinquedos do Arraial do Círio.

Nesta área, referente a quadra do CAN, e corresponde ao entorno da Avenida Magalhães Barata, encontramos variados serviços como: as clínicas, cinemas, cursos profissionalizantes, banco, padaria, lanchonetes e variadas lojas comerciais, incluindo as de franquias importantes, competindo com a clientela da loja “O Mandarim” antigo armarinho cujo dono de origem libanesa.

A loja O Mandarim, (Figura 08 e 09) é referência em artigos de armarinho, vende de artigos esportivos a produtos de corte e costura, tecidos, lá seus empregados

são de longa data, como a antiga funcionária, Dona Maria Alaíde Costa Nunes²², trabalhando há 30 anos na loja, Dona Alaíde não costuma acompanhar o Círio, prefere ficar em casa, só participa das festas, quando sai do trabalho, como ela mesma explica:

"Só faço atravessar a rua para ver a "santinha" de perto". Acrescenta, "Quando o Seu Francisco Hage (dono da loja) morreu ano passado, eu senti muito, porque eu vim trabalhar aqui quando tinha 19 anos".

Dona Alaíde passou a maior parte de sua vida trabalhando na loja, assim como muitos trabalhadores da área, criando um sentimento de familiaridade com o local.

Figura 08 - Aspectos de um trecho da Avenida Nazaré que fica em frente ao CAN. Em detalhe a fachada da Loja o Mandarin e a galeria onde funciona o Cine Ópera. Em primeiro plano os ambulantes de comidas típicas disputam espaço na calçada de piso de Lioz



Carmosina Calliari Bahia, 2010

²² Entrevista concedida na Loja o Mandarin, por Maria Alaíde Costa Nunes, com 50 anos, funcionária da Loja O Mandarin, 11 de outubro de 2010.

Figura 09 - Aspectos do interior da loja o Mandarin, onde todos os tipos de produtos são vendidos no local, o dono de origem Libanesa costuma expor as mercadorias de forma desordenada



Carmosina Calliari Bahia, 2010

No mesmo trecho, em outra incursão, no dia 5 de Maio, pudemos notar que na esquina da Avenida Nazaré com a Travessa 14 de março a calçada tomada por ambulantes, em um carrinho de mão, uma pequena mostra da diversidade da flora amazônica, frutas regionais e exóticas; a sapotilha, o ingá, o bacuri, o biribá, a cajarana, o piquiá, castanha do Pará no ouriço e fora dele ainda (Figura 10). O estímulo para o apetite aumentou quando encontramos uma vendedora de pupunha, fruta encontrada na Amazônia, que tem mais 250 espécies registradas, e que se consome cozida com sal.

Figura 10 - Aspecto geral da venda de frutas típicas da região amazônica, na Avenida Magalhães Barata. Em primeiro plano o ingá, em segundo o biribá, ao lado a sapotilha, o uxi e o bacuri



Carmosina Calliari Bahia, 2014

A multiplicidade então constatada, não só nas frutas e nos alimentos vendidos na extensão das calçadas, mas na diversidade social ali existente, que convivem harmoniosamente na avenida, tal diversidade foi percebida pelos alunos²³:

"Algo perceptível na avenida é a variedade de classes sociais; moradores locais das classes A e B, funcionários de lojas, vendedores informais que vêm de outros bairros, não tradicionais e ou não tão bem estruturados, onde convivem com classes sociais de menor poder aquisitivo, e os pedintes que são muitos, geralmente encontrados nas calçadas ou nas portas de lojas. A população que transita pela avenida, tanto moradores quanto os que frequentam a avenida em decorrência do trabalho ou estudo, entendem a importância de preservação da arquitetura. Consciente de que a preservação dos prédios históricos é importante para a identidade local, mas ao mesmo tempo há críticas pelo fato do estado apenas exigir a preservação e não oferecer nem um tipo de incentivo financeiro para manter o prédio".

No momento em que fotografamos os prédios, paramos para conversar com os ambulantes; o vendedor de livros usados, espalhava os livros pela calçada, ao indagarmos o vendedor de frutas sobre o que ele achava dos imóveis antigos, ele respondeu: **"As casas antigas são verdadeiros tesouros"**, em sua nobre sabedoria, conseguida, não com os estudos, mais com o amadurecimento e vivência. A importância da preservação do patrimônio para a identidade cultural do local é entendida por parte da população, mesmo que de forma ambígua.

A noção de patrimônio implica um conjunto de posses que devem ser identificadas como transmissíveis; ela mobiliza um grupo humano, uma sociedade, capaz de reconhecê-las como propriedade, além de demonstrar sua coerência e organizar sua recepção; ela desenha o passado à espera, ou a configuração de um futuro, afim de promover determinadas mutações e, ao mesmo tempo, de afirmar uma continuidade. (POULOT, 2006, p. 203)

Não importa o grau de educação alcançado pelo cidadão, se trata da consciência adquirida, e pelo apelo patrimonial ali evocado. "Os amigos" dos objetos patrimoniais sejam eles amadores ou profissionais, polígrafos ou experts, militantes ou funcionários, e estejam eles constituídos ou não em comunidades de interpretação,

²³Copilado do trabalho desenvolvido por alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em 2014 a qual fiz estágio docente. O referido trabalho intitulado como; "Avenida Magalhães Barata: Análise Histórica, Urbanística e Social" de autoria dos alunos, Claudio Lucas Guedes, Samara Souza de Paula, Tomás Henrique de Oliveira Costa e Wendell Trindade Rocha. (pg. 09)

erigem-se em porta-vozes ou advogados das inovações, apropriações e atribuições. (POULOT, 2009, p. 207)

Neste primeiro trecho, seguimos no mesmo sentido dos carros, deixamos para trás a pequena quadra da Basílica de Nazaré, cujos fundos limitam com a Travessa 14 de Março. Neste início de quarteirão sentimos uma sensação de amplitude, proporcionada pelo posto de gasolina de um lado e do outro lado da esquina, uma *Lojafastfood* de franquia internacional Mc DONALD'S, ambos localizados de forma central no lote, promovendo uma sensação de alargamento²⁴. Um dos primeiros imóveis do lado direito da via, nos chamou a atenção, em seu jardim uma pequena loja, com tamanho e aspecto de banca de revista funciona vendendo de artigos religiosos. Resolvemos conhecer o local. Foi surpreendente saber que lá funcionava uma casa de transito de religiosas de Bragança.

2.3 O SEGUNDO TRECHO DO PERCURSO

2.3.1 A Casa das Irmãs Missionárias Santa Terezinha

Em meio a poluição sonora circunstante, as dez badaladas do sino da Basílica da Nazaré insistiam em anunciar a hora, concorrendo com o barulho do trânsito, que já tomava conta da avenida, carros de propaganda, as buzinas dos veículos pareciam compor com o que parecia uma festa-batedores e suas sirenes protegiam o carro da polícia.

Procuramos a campainha da casa de nº 52, olhando para cima, em uma das sacadas um rapaz limpava os vidros das esquadrias, foi ele que nos atendeu de forma simpática, expliquei a que vínhamos, e ele imediatamente chamou uma das freiras. O imóvel possui uma arquitetura contemporânea, recuada onde no jardim uma banca de venda de artigos religiosos A casa serve de local de trânsito para as freiras que vem de Bragança, doentes ou só para fazer compras, algumas passam anos até ficarem boas ou faleceram. A congregação a que pertencem “As Irmãs Missionárias Santa Terezinha”, cuja imagem estampava aquela pequena sala decorada de forma rudimentar, o silencio que ali habitava contrastava com o que havia lá fora. A freira magra, bem franzina, de

²⁴ A sensação de alargamento, segundo Maria Elaine Kohlsdorf (1993), acontece quando as referências laterais afastam-se do observador, provocando também uma sensação de amplitude, onde os limites do campo visual estão distantes.

sobrancelhas grossas ao natural, de olhar triste, voz mansa, algumas vezes quase desaparecia, carecendo aproximar mais o microfone. Ao sentar-se ao meu lado e percebi que estava ali em tratamento. A Irmã Palmira Ribeiro Onça²⁵, de anos, ao ser indagada pela função do local responde:

"Aqui é casa de trânsito, estamos aguardando novas irmãs que chegam. Houve casos de morte, tinha irmãs de idade que faleceram ou que foram transferidas, atualmente somos três. Esta casa existe desde 1972, funcionava lá em São Braz, em frente à praça. Esta casa antes era uma casa antiga, de assoalho, as paredes de enchimento, era de barro, era uma porta alta e duas janelas".

Pela descrição este imóvel pertencia ao Classicismo Imperial Brasileiro²⁶ (figura 11), neste contexto, o imóvel seria mais um dos descaracterizados do cenário da avenida. A irmã contou que a última reforma ocorreu há uns quarenta anos. A irmã um tanto pensativa, continua:

"Olha é eu gosto de Belém, gosto desta casa, mas a noite é uma coisa terrível, o barulho tanto aqui no Mc Donald's como no posto de gasolina, tem um bar aqui do lado, mas nem é tanto ai, mas até que a música não é alta, é som baixo e não fica muita gente ai. O posto é que é o problema, na madrugada os filhinhos de papai vem fazer arruaça ai no ao lado no Mc Donald's, mas esses posto ai vende bebida alcoólica, eles bebem e já vem embriagados ai para o lado, ai que eles fazem toda a arruaça. A noite sempre tem confusão ai a gente não dorme. Não tem advogado, ninguém ajuda, nem a polícia, ontem à noite mesmo teve confusão. Esse que é o ponto negativo aqui da avenida."

Acasa das irmãs fica na face oposta da avenida, bem em frente à Casa do Trabalhador, entre o muro do Mc Donald's e outro imóvel onde funciona um serviço de lava-jato o Rota 62, nome que identifica o número do imóvel. O lava-jato fica na testada da rua, lá tem um pequeno comércio de distribuição de bebidas, atrás onde se percebe um acentuado desnível do terreno, possui uma grande área para estacionamento.

²⁵ A Irmã Palmira Ribeiro Onça, de 64 anos, concedeu entrevista na casa de trânsito, no dia 27-09-2014.

²⁶ Classicismo Imperial Brasileiro, A arquitetura classicista produzida no Brasil imperial a partir da segunda metade dos anos 1820, por nós denominada de classicismo imperial brasileiro – a qual tem sido, em geral, rotulada, erroneamente, como neoclássica. As edificações do classicismo à brasileira eram habitações, tanto unifamiliares quanto coletivas, e prédios públicos de diferentes funções, como teatros, escolas, edifícios da administração pública e estações ferroviárias. (Fonte: SOUSA, ALBERTO. Ed. Universitária. UFPB, 2007. Brasil p. 200).

Figura 11 - Vista em perspectiva do imóvel da Congregação das Irmãs Missionárias Santa Terezinha. Na parede da varanda a imagem de Santa Terezinha em mosaico de azulejos. Ao lado direito destacada pelo círculo vermelho a pequena loja de artigos religiosos administrado pelas freiras



Carmosina Calliari Bahia, 2014

2.3.2 A Cortina de Concreto

No primeiro trecho da Avenida Magalhães Barata, o que chama a atenção é o contraste formado pela cortina de concreto, da face direita do sentido da via do trânsito e os imóveis da face esquerda, estes aqui relacionados segundo uma hierarquização histórica dos monumentos da avenida, como o Colégio Gentil Bittencourt, os galpões do Complexo de Serviços do Governo do Estado (Antiga Parah Electric e ou Rede Celpa), Casa do Trabalhador, e o imóvel do classicismo imperial restaurado pelo condomínio Torre de Saverne.

O Paredão é formado pelos prédios Edifício Rainha Elizabeth, Edifício Banna, Edifício Palazzo Verona e por último o Edifício Maison Cartier. (Figura 12) O prédio Maison Cartier tem sua fachada revestida de pequenas lajotas nas cores marrom e bege, e muro de vidro, última tendência de modernização para revitalizar velhas fachadas e valorizar o imóvel. Ao seu lado com uma arquitetura mais moderna o Palazzo Verona com a numeração 110, possui recuo frontal ocupado por um grande jardim e sacadas em todos os ângulos da fachada, junto a ele com uma volumetria menor, um prédio pertencente a Caixa Econômica Federal, fecha esta parte da face desta quadra, sendo interrompida por duas alamedas, a primeira Alameda José Facíola serve como mirante

para uma espécie de condomínio com casa de classe média alta ao fundo e ao centro uma rotatória com praça no centro que direciona o fluxo de veículos para a segunda alameda que retorna para a Magalhães Barata, bem ao lado desta alameda, o prédio Rainha Elizabeth, contornando o Edifício Banna que completa o paredão. O Edifício Banna, ocupa um lote maior, sua fachada possui grandes vãos de esquadria todas voltadas para o exterior. O prédio possui corredores internos abertos, parecendo grandes sacadas, características semelhantes as propostas pelas reformas de Alfred Agache (1930)²⁷, as grandes varandas são compartilhadas por todos os moradores, que geralmente são muitos, a contar pela área ocupada pelo edifício no lote, com uma quantidade razoável de apartamentos por andar. A visão a que se tem de fora do edifício é de vãos de esquadrias que ocupam toda a parede de um ambiente, sendo a maioria em madeira, os materiais variam do alumínio aos mais modernos como o vidro temperado, formando uma cortina envidraçada. Na sobreloja do edifício, cujo acesso ocorre externamente, pela alameda lateral, as pequenas lojas são ocupadas: salão de beleza, escritórios de advocacia e outros serviços, no térreo além das garagens, funcionam uma Loja dos Correios.

Os remanescentes Modernistas, encontrados na avenida, são exemplares de uma arquitetura que priorizava a padronização, estimulando conflitos com a cultura local. De acordo com Miranda:

A Modernidade e segregação na cidade contemporânea brasileira são faces do conflito entre as concepções de padronização e individualidade expressas na cultura, na qual coexistem modelos importados do 1º Mundo e tradições locais. A compreensão do processo de transformação da cidade de Belém em metrópole nas décadas de 70 a 90 passa pelas questões da desigualdade social, das migrações e da periferização incentivada pelo Estado. Para entender esta paisagem urbana que se apresenta a nossos olhos é preciso,

²⁷Alfred Hubert Donat Agache (1875 — Paris, 1959), mais conhecido como *Alfred Agache*, foi um arquiteto francês, melhor conhecido por ter planejado a urbanização de cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Curitiba nas décadas de 1940 e 1950 em um amplo projeto financiado pela ditadura de Getúlio Vargas e em função do fim deste regime, em 1945, muito do que foi proposto por Agache não veio a acontecer. Agache chegou ao Brasil pela primeira vez, na cidade do Rio de Janeiro, em 1927. Agache foi o primeiro urbanista a introduzir no Brasil as discursões relacionadas à cidade industrial moderna, desenvolvido na Europa. Em Belém, realizou o projeto como os estabelecimentos industriais do Bairro do Reduto, posteriores a 1915, são os primeiros a ostentar ornamentos retos de inspiração Art déco nos anos 30 se destaca a sede dos correios e telégrafos. Em meados da década de 1930 voltou para a França, retornando ao Brasil em 1939, com honras de grande herói do urbanismo mundial, como consultor da empresa carioca Coimbra Bueno & Cia. Ltda. e, em 1941. Com fim da era Vargas, sua fama desvaneceu, permanecendo no Rio de Janeiro até 1959, quando retornou para a França. (Fonte: Guia de Arquitetura Art déco no Rio de Janeiro/Centro de Arquitetura e Urbanismo no Rio, organizador: Jorge Czajbwska.3.ed.-Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Prefeitura do Rio de Janeiro. 2000)<www.vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/220>

portanto, recorrer à leitura dos objetos arquitetônicos e, através deles, obter as relações sociais que constroem este panorama. (MIRANDA, 2000, p. 1)

Este paredão formado pelos edifícios de apartamentos causa estranheza pela dimensão e pela ausência de vazios, herança do progresso técnico do Modernismo o que constata Choay com relação ao moderno.

Ele confere ao espaço urbano construído uma extensão e uma escala sem precedentes a lhe atribui novas funções, entre as quais o prazer estético parece não ter mais lugar. São, antes de tudo, as dimensões gigantescas assumidas por nossas grandes cidades que rompem, por toda parte, o limite das formas antigas (CHOAY, 2001, p.183)

Figura 12: Vista em perspectiva do paredão formado pelos prédios em frente ao Complexo de Serviços do Governo do estado (antiga Rede Celpa), da esquerda para direita: o Edifício Rainha Elizabeth, Edifício Banna, o Edifício Palazzo Verona e por último o Edifício Maison Cartier



Carmosina Calliari Bahia, 2014

2.3.3 Residência do Ex-governador do Pará Manuel Marojah Neto

Continuando a observar a arquitetura local, voltamos a descrever a face esquerda da primeira quadra, na sequência, ao lado do condomínio Torre de Saverne, um prédio que une materiais modernos como o alumínio o vidro e o concreto, em destaque na fachada uma torre redonda em concreto aparente com pequenos e estreitos vãos de abertura fechados com vidros, denotando ser uma estrutura de caixa d'água. A grande placa que encobre parte da fachada, indica ser ali uma instituição financeira, com as sinalizações, rampa e estacionamento específico para Portadores de Necessidades especiais (PNE). O conjunto de funções indica uma arquitetura totalmente funcional,

sem nenhuma preocupação estética, a fusão de materiais elementos contemporâneos nem sempre implicam em um resultado esteticamente favorável.

O movimento na agência parecia razoável, inclusive com o entra e sai de veículos do estacionamento próprio. Na sequência a loja de móveis da Y. Yamada eo Hospital Santa Terezinha mantinha a mesma tranquilidade.

Fechado estava o imóvel residencial com característica do classicismo imperial brasileiro, nele mora uma das poucas famílias da avenida.

Por indicação de uma colega de mestrado, entrevistamos a família Maroja. Paramos em frente ao em frente ao casarão, observando os detalhes da fachada, conservado o imóvel possui três janelas frontais em arco pleno, com entrada pela varanda lateral e platibanda balaustrada. pintado na cor rosa e detalhes em amarelo, com características do classicismo imperial, talvez o único conservado que ainda mantem a função original (de raiz), moradia familiar. (Figura 13) Tocamos a campainha, somente uma vez para não ser inconveniente, esperamos alguns minutos, imaginando a distância que o morador percorreria até chegar a porta para nos atender. Primeiramente a empregada, logo depois a veio a filha da dona da casa, sentamos todos na sala, os olhares observadores percorriam todos os detalhes dos móveis antigos, muito conservados, que completavam a ambientação. A entrevista começou com a filha da proprietária do imóvel: Dulce Maroja²⁸, médica aposentada, ela nos conta que, nasceu neste imóvel em 1956, a mãe que veio do interior para o Colégio das Educandas, depois a casa foi adquirida pelo meu avô em 1941, a última escritura consta de 1896, meu avô Manoel Maroja Neto.

"Ele foi o único interventor federal no Estado do Pará, governador, então meu avô fez parte da história do Pará."

Dulce fala das dificuldades de manter o imóvel conservado:

"É uma casa muito dispendiosa pros dias de hoje, nós temos quatro funcionários para manter a casa, nosso problema é o forro, a gente procura material para repor na casa, a gente não acha nem quem faça, por exemplo o forro, tinham umas tábuas precisando ser trocada, nós tiramos para mandar o marceneiro fazer igual ele sumiu com as tábuas, porque deu aquela punilha, não foi cupim, o nosso problema é o forro, mais nada, não é assoalhado. Nosso assoalho tá perfeito. O porão é habitável, você precisa ver o

²⁸ Dulce Maroja²⁸, 58 anos, médica aposentada, concedeu a entrevista em 12 de agosto de 2014.

desnívelamento, até 2 metros no máximo, todos estes terrenos vão descer muito, o lado de lá é mais que o lado daqui.”

Em sua fala, Dulce sugere um sentimento de exaustão, quando trata da manutenção do imóvel, mas ao longo da conversa percebemos um orgulho exacerbado de pertencimento daquele imóvel e de seu avô **Manuel Marajah Neto**²⁹, **ex-governador do Estado do Pará** e antigo proprietário do imóvel.

A família de Dulce se recorre com os constantes assaltos ocorridos no local. Como relata Dulce:

“Aqui é maravilhoso morar, porque, a gente tem banco, tem supermercado, colégio, todos os serviços do dia a dia perto, nós moramos numa rua privilegiada, a espinha dorsal de Belém, mas a segurança zero, o hospital aqui ao lado (se referindo ao Hospital Santa Terezinha) atrai todo tipo de gente, e os assaltos ocorrem com frequência”.

Este sentimento de insegurança é percebido nos trechos que se seguem, com mais ou menos frequência, o que parece ser comum e inerente às grandes cidades. Como afirma Giulio Argan “Dentro das grandes cidades, portanto, verificam-se impulsos antiurbanos, ou melhor, verdadeiras crises de rejeição que se manifestam na violência, na malandragem, no vandalismo contra o bem comum, na neurose, nas drogas.” (ARGAN, 1998, p.7)

Figura 13 - Vista da fachada da residência do Manuel Marajah Neto, ex-governador do Estado do Pará. O imóvel é mantido com todas as linhas originais do projeto interno e externamente

²⁹ Manuel Marajah Neto foi Governador do Estado de 6 de novembro de 1945 a 9 de fevereiro de 1946. Fonte: Lista de governadores do Pará. Tribunal Superior Eleitoral. Centro de Divulgação da Justiça Eleitoral. Disponível em: <http://agencia.tse.gov.br/sadadmagencia/index.jsp>



Carmosina Calliari Bahia, 2014

"Aqui, todas as casas eram residenciais, tinham poucas casas comerciais, a não ser a Aveirense, na esquina, que era uma panificadora, uma mercearia famosa Aveirense". 'Ela foi vendida, depois foi demolida mais ou menos em oitennnnnnta, 85, 86, foi quando demoliram a Aveirense e a casa de junto. Não tinha azulejo, eram cheios de portas em arco, tudo em estilo antigo, dessas coisas antigas de portugueses, e tinha lá em cima tinha a data, era cheia de portas e tinha na esquina, como é que se diz, chanfrada, e continuava pro outro lado chanfrado, agora o chão era todo de lajotas, lá era bar, mercearia, era panificadora, tudo o que você pode imaginar era conhecidíssima a Aveirense".

O desaparecimento do testemunho arquitetural, presente na memória do homem, ou materialmente desaparecido, por vezes a duras penas conservado, mas sempre presente na memória coletiva. Os imóveis do trecho em que mora são descritos com precisão e detalhes. Continua Dulce a desfilar suas lembranças:

"Na outra esquina isso tudo pertencia ainda a Importadora de Ferragens, em baixo tinha uma casa da Importadora chamada A Doméstica, que vendia material de ferragens, ai no lado era tudo comércio, cada porta dessa era uma coisa, comércio, no início de 1960, acho que a Importadora fechou no início dos anos setenta, tinha uma Lavanderia, a Lavanderia Paraense, a Yamada teve uma do outro lado, em cima era tudo residência. Onde hoje é o Edifício Banna era uma vacaria, tinha um desnível muito grande, era um capinzal enorme era uma vacaria, onde é o famoso Jardim Independência. Existia o cinema onde é o Edifício Rainha Elizabete, era o Cinema Popular.

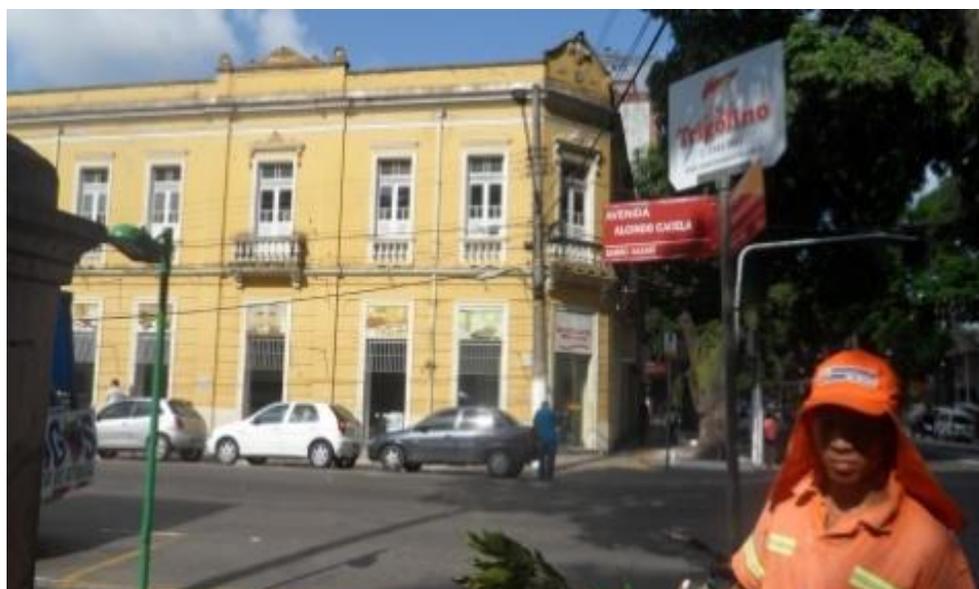
Eu lembro da rua em paralelepípedo, tinha os trilhos do bonde. Eu não lembro do bonde mais eu lembro do ônibus com janela de madeira.”

No lado oposto da avenida, em frente à casa da Dulce Maroja, fica a residência da Família Mufarej, donos da Casa Salomão, e ao lado, um posto de gasolina, diferente por se localizar no meio do quarteirão, o que não é comum, pois, a maioria dos postos ficam nas esquinas. Ao lado do Posto de Gasolina, já na esquina, um sobrado (Figura 14), onde em seu térreo uma padaria e uma loja de móveis disputam a clientela do local. Segundo relatos no térreo do sobrado funcionou a Loja A Doméstica, por várias vezes citada em entrevistas, e na esquina oposta funcionava a Padaria Aveirense.

No mesmo imóvel foi entrevistada Dona Maria Raimunda Nery Leal³⁰, nascida em 1941, veio morar com a família Maroja no ano de 1955 aos 15 anos de idade. Dona Maria lembra da Padaria Aveirense.

“E na esquina era uma Panificadora a Aveirense, ai ia, agora essas lojas era tudo por ali eram residências, tudo antigo”.

Figura 14 - O Sobrado pertencente ao Classicismo Imperial Brasileiro, localizado na esquina da Avenida Alcindo Cabela com a Magalhães Barata, local onde funcionou a Loja “A Doméstica”



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Estávamos então, no meio do trajeto, o calor era amenizado pela cortina de mangueiras seculares, trecho longo, mais significativo, existem muitos prédios antigos

³⁰ Dona Maria Raimunda Nery Leal³⁰, com 73 anos concedeu entrevista na casa da família Marojah em 12/08/2014.

com suas fachadas descaracterizada sofrendo o desgaste do tempo e do abandono. Uma parada estratégica para tomar água de coco, então, seguimos em frente.

Com olhares atentos, anotamos em nossos diários de campo toda situação que para um pesquisador não teria importância, um olhar de curiosidade, uma expressão de susto, todas as reações que as pessoas interpeladas por nós faziam, com câmera e diário na mão, por muitas vezes assustávamos os ambulantes, tinham muitos, e os tipos de mercadoria, os mais variados, eram vendidos ali mesmo nas calçadas, de DVD'S piratas, livros, bijuterias, lanches baratos e todo tipo de bugigangas, esta atividade que por vezes atrapalha quem transita no local. (Figuras 15 e 16)

As reações, sempre com uma suspeita de que éramos da prefeitura, ledo engano, estávamos ali fazendo uma imersão em um espaço de nossa cultura. O sol forte nos acompanhava pelas calçadas de pedra lioz, o calor era amenizado pela cortina de mangueiras seculares, trecho longo mais gratificante e recompensador, para apreensão do espaço.

Figura 15 e 16 - Aspecto geral das calçadas da Avenida Magalhães Barata, observa-se a venda de DVD'S e bugigangas na faixa de acessibilidade para deficientes visuais



Carmosina Calliari Bahia, 2010

De aspecto genuíno, este lugar, e bastante contraditório, é um misto de área comercial residencial, lugar que gera um eixo de passagem e também lugar de permanência, local de relações transitórias e relações permanentes. O fluxo de carros varia de intenso á tranquilo, e a movimentação de transeuntes diariamente é grande e nos finais de semanas e feriados é pequena, o que dá uma sensação de tranquilidade ao local, nesses dias.

No contexto étnico do comércio da avenida, o comércio informal se destaca com a venda de tacacá, alimentação de origem indígena, vendida em barracas nas calçadas de toda a Avenida Magalhães Barata. A venda de Tacacá³¹, em barracas instaladas nas calçadas de Belém, é costume tradicional, em todos os logradouros públicos, é mais frequente tomar esta bebida, a partir das cinco da tarde, bem no horário da saída do trabalho. Existem algumas tacacázeiras³² que vendem desde de manhã, como acontece na área comercial. De certa forma há uma disputa entre as barracas de venda, qual o mais gostoso. Depende do gosto de cada um, alguns gostam do tucupi³³ azedo, outros com o tucupi mais doce, algumas com o camarão graúdo, outros com mais

³¹ Iguaria de origem indígena, típica da Região Norte. Tereza Corrêa, cita o tacacá em sua tese de doutorado “O tacacá é uma bebida típica do Pará. Seus ingredientes básicos são o tucupi, a goma, o jambú e o camarão salgado. É servido quente e em cuia, com pimenta ou sem pimenta. O paraense ainda hoje possui o hábito de tomar tacacá. Toma-se a bebida normalmente no final da tarde, quando o abrandamento do calor solar ameniza a transpiração provocada pela bebida”. (Corrêa, 2010, p.49)

³² Mulheres que vendem tacacá em barracas nas calçadas de Belém.

³³ Sumo amarelo extraído da raiz da mandioca brava, é ralado e espremido, depois de descansar sai o amido (goma) que se separa do líquido.(Fonte: Corrêa, 2010, p.49)

goma menos goma, com mais jambu³⁴ ou mais chicória, com pimenta ou sem pimenta de cheiro, e por ai vai. Observei que do outro lado da rua, uma barraca de Tacacá, estava sendo arrumada para começar a venda. Não era mais a antiga proprietária, que com o próprio punho tirava o tucupi da mandioca, fato que tornava seu tacacá um dos melhores de Belém.

2.4 O TERCEIRO TRECHO DO PERCURSO

2.4.1 O Comércio étnico

A cidade de Belém que, no século XVIII, era cercada de florestas densas e cortada por igarapés, tornou-se, no limiar do século XX, uma cidade cosmopolita, um dos centros de influência regional da Amazônia.

Não pode haver dúvida alguma de que a cidade se firmara como centro de região; a influência da borracha já estava numa grande capital, onde não faltavam seis jornais diários e cinco semanários, duas companhias de bondes e um movimentado porto; de uma extensa relação das atividades exercidas pelos habitantes da cidade, comprova-se este fato; 5 bancos (dos quais três com sede em Belém e dois ingleses), 4 companhias seguradoras, 387 lojas (destacam-se 101 de fazendas³⁵), 103 escritórios de comissões, 12 hotéis, 13 agentes de leilão, 41 advogados, 52 médicos, 43 fábricas de (12 de fogos de artifícios, 4 de malas, 10 de licor, 1 de chapéu de sol, 1 de perfumaria, uma de carros de luxo, 4 de caixas de borracha, 4 de cal, 1 de chocolate, 1 de cera 1 de instrumento de corada e de fole, 1 de figuras de gesso, 1 de figuras de c, 1 de gasosas). Era um centro comercial muito ativo, mas não possuía um setor industrial desenvolvido; importava-se tudo. (PENTEADO, 1968, p.133)

No final do século XIX e início do século XX, insere-se um conjunto de correntes migratórias europeias que se dirigiram para a Amazônia, tendo como principal motivação a busca das riquezas decorrentes do auge da exploração da borracha. Belém recebeu imigrantes de diversas nacionalidades europeias, mudando a estrutura econômica da região, a maior parte deles se estabeleceram no comércio da cidade, e a antiga Rua da Independência absorveu parte deste comércio, que até hoje funciona com seus antigos proprietários ou descendentes destes. A identificação destes imigrantes muda a referência e as características deste comércio e da própria avenida, que passa a ter sua própria identidade. Como equacionam Eckerte Rocha em uma de suas passagens no exercício da etnografia;

³⁴ Erva típica da região Norte do Brasil, uma de suas principais características é a capacidade de tremer os lábios de quem a mastiga, nome científico é *acmellaoleracea*. (Fonte: Corrêa, 2010, p.49)

³⁵ Termo comumente usados na época para designar tecidos para confecção de peças para o vestuário.

[...] as marcas pluriétnicas caracterizam o local. A forte presença recorrente destas camadas de diferentes tempos. Através da referência do olhar etnográfico aos seus fragmentos e detalhes na paisagem urbana desta área do bairro, amalgamam-se no tempo presente de nossa caminhada. (ECKERT; ROCHA, 2001, p. 17)

Em Belém, existem mosaicos construídos pelos fragmentos das lembranças levantadas e contextualizadas na memória dos viventes da avenida, semelhantes ao descrito pela autora. O reconhecimento da singularidade e da diversidade de nacionalidades dos moradores mais antigos, proporcionou um desenvolvimento cultural diferenciado e um perfil múltiplo na Avenida Magalhães Barata.

No caminho a ser percorrido, mais adiante, encontramos muitas lojas de tecidos de malha, que fizeram quase desaparecer do mercado os tecidos de algodão, tão confortáveis para o nosso clima. Hoje a praticidade das malhas ganha mercado, os modelos se multiplicam em séries, não se encontram mais no mercado o linho, a cambraia bordada, a seda, ao não ser que se procure em lojas como o Mandarim e Casa Salomão, que ainda insistem em manter, produtos exclusivos no mercado.

Seu Elias Melo³⁶, funcionário aposentado do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde trabalhou por 46 anos, manteve relações de amizade com comerciantes e proprietários, vivenciando as mudanças ocorridas na área. Assim, ele lembra das lojas que ficavam em frente ao Museu:

"Em frente ao museu tinha as pernambucanas, era uma grande loja, tinha a Museuense bem de esquina da Vila Teta, na outra esquina da Vila Teta, era a loja de tecidos do Seu CiraCibiAian, depois a loja do seu Antônio, era um armarinho que vendia de tudo."

Ao entrevistar Dona Estela³⁷ ex-moradora da avenida, com 91 anos de idade, ela mantém uma memória invejável e uma aparência que não denuncia sua idade. Branca de olhos claros e cabelos curtos pintados de louro dourado, bastante simpática aceitou responder as perguntas sem relutar, sentamos no pequeno pátio de sua residência na Avenida Gentil Bittencourt e começamos a conversar, ela, de origem portuguesa, era aluna da Escola Normal, professora de corte e costura, lecionou para muitas senhoras. Dona Fátima passou a morar na avenida desde seus 33 anos, isso por

³⁶ Sr. Elias Melo, 85 anos concedeu entrevista no Parque do Museu Emílio Goeldi em 28/08/2014

³⁷ Dona Estela Oliveira da Costa, 91 anos nascida em 1922, concedeu entrevista em sua atual residência na Avenida Gentil Bittencourt no dia 13-08-2014.

volta de 1955. Nos quase 40 anos vividos na avenida Dona Estela também guarda lembranças dos tempos idos, e em seus relatos faz citações do que existia na avenida:

"Em frente à minha casa tinha o Cinema Popular mais ou menos em 1955, a Cervejaria Paraense, uma vacaria por volta de 1968, na esquina tinha a loja doméstica. Na outra era a Casa Aveirense, que era muito conhecida, vendiam tudo, faziam pão que era uma beleza, era de esquina da Rua 22 de Junho, agora é a Rua Alcindo Cacela".

Outra entrevistada que citou a Padaria e Merceria Aveirence, foi a irmã Ana Clemes³⁸. Interna do Colégio Gentil Bittencourt, passou parte de sua vida, morando no colégio. Quando indagada sobre as antigas lojas do comércio da avenida ela responde.

"Ha tinha a Casa Salomão, tinha outra loja, A Doméstica na esquina da 22 de Junho, a Padaria Aveirense."

Ao longo desta caminhada foram observados muitos exemplares representativos da arquitetura dos séculos XIX e XX a maioria com influências dos modelos estéticos europeus, como a ornamentação eclética das fachadas dos prédios de tipologia neoclássica, estilo que se fortaleceu no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912 de acordo com Derenji (1987), quando escreve sobre a influência do Ecletismo na arquitetura paraense na época do ciclo econômico da Borracha³⁹.

A etnografia neste trabalho não se restringiu na coleta da memória, das narrativas e das formas de sociabilidade, mas na descrição dos espaços urbanos que fazem cenário para a dinâmica da vida no local. Como advoga Eckert e Rocha "A técnica da etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas <<sem destino fixo>> nos seus territórios." (ECKERT; ROCHA, 2001, p. 6), no entendimento das autoras:

A intenção não se limita apenas a retornar o olhar do pesquisador para sua cidade por meios de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana. (ECKERT; ROCHA, 2001, p. 6)

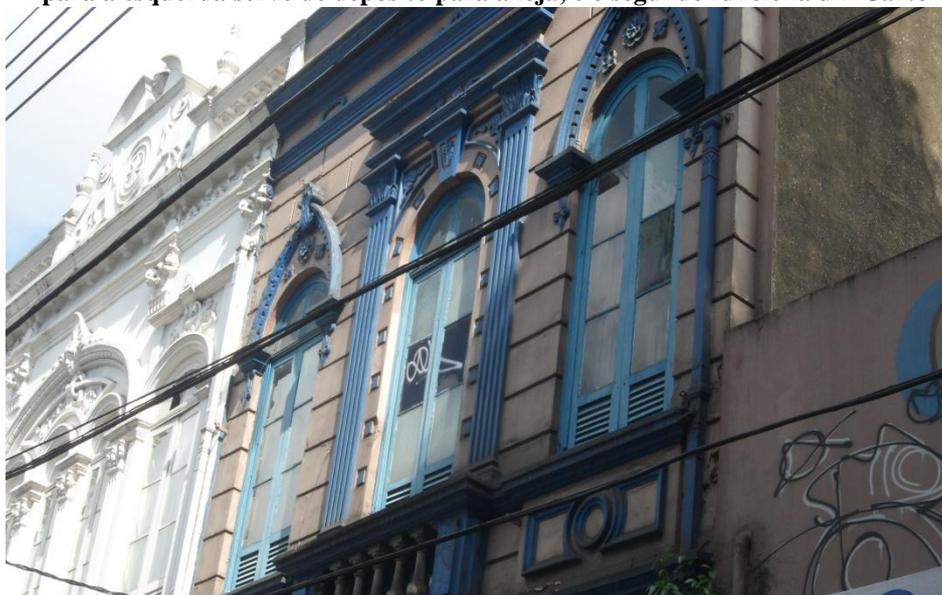
³⁸ A irmã Ana Clemes (Nome de batismo Irecê) 88 anos, concedeu entrevista no Colégio Gentil Bittencourt em 13/08/2014.

³⁹ Jussara Derenji escreveu "Arquitetura Eclética no Pará no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912." (1987) Este trabalho mostra a influência do Ecletismo na arquitetura paraense na época do ciclo econômico da Borracha.

Portanto, continuamos seguindo o percurso, vivendo este reencantamento, não somente como pesquisadora, mas como admiradora do local, na descrição deste urbano que a muito faz parte de nosso caminhar. Ao atravessarmos o cruzamento da Rua Alcindo Cacela, observamos pessoas, fazendo malabarismo, fazendo piruetas com algumas facas, entre eles um viajante de origem argentina, ganhando alguns trocados quando o sinal fechava.

Com a mesma volumetria da loja de móveis da esquina, dois sobrados antigos aparentemente conservados ao lado da Casa Salomão, no primeiro sobrado, seguindo a via do trânsito, por uma rara consciência, o proprietário não lhe impõe as grandes placas e mantém conservada sua fachada, bem conservados, sendo que um deles funciona, há muitos anos, um cartório e possui a identificação do serviço de forma discreta, sem que esta impeça a visualização da fachada, os dois imóveis possuem características arquitetônicas semelhantes que reforçam a ideia de influência eclética. O outro permanece sempre fechado e pertence à Casa Salomão que fica bem ao lado. (Figura 17)

Figura 17 - Vista em perspectiva de dois sobrados vizinhos da Casa Salomão, o primeiro da direita para a esquerda serve de depósito para a loja, e o segundo funciona um Cartório



Carmosina Calliari Bahia, 2011

A conservação de um imóvel antigo, de cunho particular, depende da vontade de seus herdeiros, o que muitas vezes, por falta de interesse, leva o imóvel ao abandono. Para Ruskin a Arquitetura é a expressão material do caráter de um povo onde a casa ou

a arquitetura, é o reflexo da retidão moral e da dignidade do seu construtor, visto que o trabalho é o espelho do Homem.

Há uma certa santidade na casa de um homem honrado, que não pode ser revivida em qualquer habitação que surja sobre ruínas. Estou certo que os homens honrados, em geral, compartilhariam desta mesma sensação, e que, depois de terem vivido uma vida feliz e íntegra, seria para eles todos uma afronta ao chegar ao fim dos seus dias, pensar que o lugar de sua morada terrestre o qual assistiu e quase dividiu com eles todas as suas honras, alegrias e sofrimentos, esse lugar, guardião de todas as recordações das suas vidas e de todos aqueles bens materiais que amarram e deixado sobre eles sua própria marca, devesse ser arrasado assim que eles tivessem tomado lugar na sepultura. Eu afirmo que se os homens vivessem verdadeiramente como homens, suas casas seriam como templos, templos que nós dificilmente ousaríamos violar, nos quais seria uma bênção nos ser permitido viver. (RUSKIN, 1996, p. 9)

Na Avenida Magalhães Barata, a maioria do acervo arquitetônico existente, conservado ou não, predomina em suas fachadas elementos do Eclétismo, mais conhecido como arquitetura do eclétismo, que seria a somatória de estilos históricos europeus, que fez escola em nossa região. Ao longo desta via onde as pessoas circulam diariamente num ritmo acelerado sem se aperceber dos casarios escondidos entre as placas ou mesmo os grandes monumentos de nossa arquitetura.

Diferente do vizinho, o 'velho' Raja Mufarrej deixa o tempo mostrar suas marcas, na fachada da Casa Salomão. Descrever a fachada e o interior da "Casa Salomão" não constitui tarefa fácil, há muito maltratada pelo tempo, escondida atrás do letreiro, a fachada possui uma marquise que corta as dez portas estreitas de folhas duplas e arco abatido, mostrando a influência do Classicismo Imperial. No piso, São muitos os desníveis e tipos de lajotas hidráulicas, denunciando as reformas que uniram vários ambientes e transformaram a loja num grande galpão.

Levamos horas lá dentro, tudo chamou atenção, a iluminação natural feita por telhas transparentes e às colunas de ferro que sustentam a estrutura da cobertura e apoia o telhado, se destacando em meio a tantas improvisações arquitetônicas. A quantidade de mercadoria das mais variadas todas dispostas de forma desorganizada. O setor de ferramentas, onde as peças ficam expostas no balcão. E o Velho Raja Mufarrej sempre sentado em uma mesa antiga, fazendo a contabilidade da loja.

Para os alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, do curso de Arquitetura da UFPA⁴⁰, a Casa Salomão chamou atenção pela diversidade e forma de organização das mercadorias, observando que a forma eclipsada de localização da Casa com o Museu Goeldi pode diminuir seu grau de destaque e passar despercebida. Confirmando a inscrição que estampa sua fachada **“Casa Salomão, desde 1906. Tudo para todos em um só lugar.”** Concluem os alunos⁴¹

“E é verdade, a Casa Salomão é uma loja com lógica Árabe de organizar as coisas; carrega em cada partícula de poeira acusada pela luz e peso do tempo; e há de tudo um pouco. Criou-se verticalidade no lugar com o grande tumulto de objetos prestes a se relacionar consigo através do observar vagante possível pela iluminação fraca”. Continuam os alunos:

“A experiência sensorial é incrível. A iluminação natural através das persianas no topo das paredes, por portas escancaradas e grandes telhas translúcidas criam uma atmosfera a parte das quais experimentamos na luz forte nas lojas de grandes franquias. O cheiro é de mofo, poeira e coisas, tudo contribui para criar a identidade do lugar”. (Figura 18 e 19).

De origem libanesa seus donos mantêm as mesmas características dos armarinhos Árabes, vendem de tudo sem a menor organização, difícil de entender como seus empregados encontram as mercadorias, acho este seja um dos motivos pelo qual os empregados são os mesmos de tantos anos atrás. Conversamos com uma das vendedoras, hoje ela estava no caixa da loja, Maria do Carmo Cerqueira Souza, há 33 anos trabalhando na Casa Salomão, moradora da Cidade Nova, quando questionada sobre o tempo em que trabalha na loja. Maria do Carmo responde:

“Quando comecei a trabalhar aqui eu tinha 19 anos, ai eu fui ficando, eles sempre me ajudavam. O velho Raja aqui da Loja Salomão é irmão da viúva do Francisco Hage dono da loja O Mandarin”⁴².

⁴⁰Copilado do trabalho desenvolvido por alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em 2014 a qual fiz estágio docente. O referido Trabalho foi intitulado como “Etnografia de Rua na Avenida Governador Magalhães Barata e Avenida Nazaré através de Análise Fenomenológica” de autoria dos seguintes alunos, Ana Beatriz Soares, Alessandra Pompeu, Max Leal de Freitas e Michelle Gutierrez.

⁴¹ Idem referência 34.

⁴² Entrevista concedida na Casa Salomão por Maria do Carmo Cerqueira Souza, 52 anos, em 11.10.2010.

Continuando as indagações, pergunto pelo horário do estabelecimento, ela nos dá as coordenadas: abre pela manhã de 9h00 às 12h30, fecha para a sesta⁴³, e reabre às 15h00 para fechar as 18h30. Segundo as informações de Maria do Carmo, antes de mudar o sentido da via, com o objetivo de melhorar o fluxo do trânsito do centro para os bairros mais afastados, se aglomeravam muitas pessoas na parada de ônibus em frente à Casa Salomão, o que aumentava a frequência de clientes.

Figura 18 e 19 - Vista geral do interior da Casa Salomão. Na segunda figura nota-se o aspecto interno dos vãos de abertura mostrando influência do Classicismo Imperial



Carmosina Calliari Bahia, 2011



Carmosina Calliari Bahia, 2011

⁴³ Comumente é chamado ao costume de tirar um cochilo após o almoço.

2.4.2 O Antigo Mercado

Ao lado da Casa Salomão, um imóvel de uso misto, sua fachada, com friso horizontal acompanhando a platibanda, um grande vão de abertura fechado por esquadria de ferro, onde funciona uma gráfica, uma porta permite o acesso ao pavimento superior, onde visualizo uma imagem de São Sebastião pintada em um quadro azulejado. Na sequência uma loja de móveis em lote estreito, o Bar Damasco, a placa encobre parte da fachada, deixando aparente a platibanda, cujos detalhes arquitetônicos destacam o coroamento, denotando a influência do estilo eclético, ao lado um bangalô em estilo ArtDecó, onde no pavimento superior observa-se abertura de vão de janela fechado com esquadria de madeira e vão de porta com guarda corpo desenhada em marmorite verde, no térreo o vão aberto funciona um pequeno restaurante e ao fundo um salão de beleza, cujo dono o Sr. SubhiAyan⁴⁴ de origem Libanesa, citado em algumas entrevistas. Ao entrevist-loo Sr. SubhyAyan, citou um antigo mercado que funcionava onde hoje é a Loja Novo Mundo, o comerciante contou:

"O imóvel aqui ao lado onde é a Loja Novo Mundo, nos alugamos, antes toda essa parte aqui até a Vila Teta era um mercado, eram várias portas como essas da Casa Salomão. Quando construíram o Mercado de São Brás, foi desativado o Mercado, aí, meu pai CiraSubhyAyan junto com meu tio, compraram várias portas, então nós fizemos o Bar."(Figura 20)

O Sr. SubhyAyan não soube indicar sobre a data de desativação do antigo mercado. O Mercado de São Brás foi erguido durante época áurea do ciclo da borracha amazônica, e sua construção foi iniciada no dia 1 de Maio de 1910 e concluído em 21 de Maio de 1911, talvez assim, seja possível precisar a desativação do antigo mercado.

⁴⁴SubhyAyan, 78 anos, concedeu entrevista no Bar Damasco em 01-10-2014.

Figura 20 - Vista geral de dentro dos jardins do Museu Goeldi, onde observa-se em segundo plano e destacado pelo círculo vermelho as portas do antigo mercado. Percebe-se as grades do muro do museu, confeccionadas nas oficinas do Instituto Lauro Sodré⁴⁵



Fonte: Arquivo Guilherme De La Penha/MPEG-Original em chapa de vidro

2.4.3 A Museuense

A venda de móveis é o forte do terceiro trechodo percurso, seguido da venda de tecidos de malha. Uma das lojas de móveis ocupa um lote estreito, a placa encobre totalmente a fachada, e logo abaixo o vão aberto mostra a exposição dos móveis que estão venda. Ao lado funciona outra loja de tecidos de malha, dentro só os vendedores conversando em pequenos grupos. A loja possui uma boa largura, com cinco vãos largos de abertura fechados por vidros. Novamente, outra loja de móveis e eletrodomésticos, num lote três vezes maior que a anterior, as aberturas de vão são em

⁴⁵“O Instituto Paraense de Educandos Artífices”, embrião do que mais tarde passou a se chamar Instituto Lauro Sodré. Funcionava como instituição pública voltada à profissionalização de meninos órfãos ou em situação de extrema pobreza. No local, além da instrução regular, jovens eram formados em ofícios como tipografia, encadernação, alfaiataria, mecânica, serralheria, marcenaria, sapataria e outros, em instalações do mais alto padrão, que nada deixava a dever a escolas profissionais europeias da mesma época. O prédio onde funcionava, o instituto foi em 1893. Atualmente, é considerado um dos mais expressivos símbolos da Belle Époque. A obra começou a mando do governador Lauro Sodré, mas só foi concluída em 1899, já sob a gestão do governador Paes de Carvalho. Este último alterou o nome do lugar para Instituto Lauro Sodré, em homenagem ao ex-governador. Fonte:<www.diarioonline.com.br/noticia-129432-antigo-colegio-lauro-sodre-e->

número de cinco, fechadas por porta de enrolar, pela largura dos pilares percebesse que ali existiram três imóveis que foram unidos para dar espaço a um grande salão de exposições de móveis. Uma grande marquise separa os vãos da platibanda. Durante a noite moradores de rua dormem enfileirados, aproveitando a proteção da marquise. Situação constante a partir de um determinado horário do início ao fim da avenida, signo da globalização atestada por Argan:

Em todo o mundo, hoje, a grande cidade é um organismo economicamente passivo e politicamente ingovernável, perigoso para a saúde física e psicológica dos habitantes. A grande disparidade do teor de vida das diversas classes sociais torna-se exclusão dos menos favorecidos do usufruto do bem cultural que a cidade representa. (ARGAN, 1998, p.7)

O sol já nos causava desconforto, passaríamos agora pela Vila Teta, lá alguns imóveis do início do século XX, ficam espremidos em pequenos lotes e em péssimo estado de conservação, ao longo da vila. Ao atravessamos a vila, alcançamos um pequeno imóvel, cujas linhas ecléticas ficam escondidas por uma grande placa, que identifica ser ali um centro de estética. Antes no local, funcionava a Museuense, um misto de bar e armário, na parte da frente o armário da esposa e da filha do Sr. Arthur, e na parte de trás o Bar do Sr. Arthur. Em 2010, quando fizemos a primeira imersão o Sr. Arthur, o “Velho Português”, ainda atendia seus clientes, em seu bar, atrás de um balcão de granito preto, cujas portas altas em madeira se abriam para a Vila Teta, O que encantava era o piso com lajotas hidráulicas em preto e branco, que parecia um tabuleiro de xadrez. Não menos encantador, o armário de sua esposa, Dona Altina, cujas portas se abriam para a grande via a Magalhães Barata, lá se vendiam produtos para costura; como linhas, tecidos de cambraia, passamanarias⁴⁶, bordados inglês e gregos, dentre tantos acessórios para costureiras, todos guardados em armários que cobriam as paredes inteiras, semelhante às antigas Boticas⁴⁷. Quando ele faleceu, mãe e filha desistiram do negócio e resolveram alugar o ponto.

Novamente o mesmo imóvel de linhas clássicas foi alugado para uma loja que vende semi-jóias. Ali agora, a tão cruel placa se instalou novamente, anunciando um novo uso. Em entrevista com o Sr. Elias Mello, ele relata a relação de amizade que mantinha com o dono da Museuense. As memórias do Sr. Elias fazem parte de um

⁴⁶ São bordados, apliques, fitas ou cordões, que aplicados nas roupas femininas melhoram e valorizam o acabamento.

⁴⁷ Boticas, termo usado para designar, as antigas farmácias de manipulação de medicamentos, começaram a funcionar no Brasil desde 1640.

universo maior, um universo construído por suas vivências, suas relações de amizade e apego.

"Ai em frente ao museu tinha as Casas Pernambucanas, eu conhecia o Manuel das Pernambucanas, era uma grande loja. Depois tinha a Museuense, bem de esquina da Vila Teta. O dono, o seu Arthur, eu saía daqui e ia ajudar ele, ai ele ia me levava em casa, ele era tão amigo, ele e a esposa dele Dona Altina. O meu primeiro liquidificador foi ele que me deu. Também tinha a loja de tecidos do Seu CiraSubhiAyan, depois a loja do seu Antônio, e outros comércios pequenos. Na Alcindo Cacela, onde é a Eletromóveis tinha a loja de móveis Sempre Viva, que vendia móveis em macacaúba, tipo cama, petisqueiro."

As casas que fazem o cenário de nossa caminhada, algumas estão conservadas, outras já mostram um grande prejuízo estético, devido a reformas que privilegiam a função ao invés da forma. O uso do comercial na área é visivelmente observado, o que leva o proprietário a modificar seu imóvel, para adaptá-los ao novo uso, que não seja o original.

Maria do Carmo Serqueira Souza⁴⁸, trabalha na Casa Salomão há 37 anos, natural da Bahia, veio para Belém quando tinha 23 anos, ela também relembra com um certo saudosismo, as lojas da avenida.

"Digamos lá onde hoje é a Romanel, na esquina da Vila Teta, lá era um armarinho e era também o bar do seu Arthur, lá mudou tudo a estrutura, piso, o aspecto todo do prédio em si, tinha uns armários tão bonitos lá, mudaram tudo. Aqui onde é a Eletromóveis era uma loja antiga, era um prédio que nem este aqui, como era essa casa aqui do lado que é da Salomão, essa ao lado do cartório, agora ficou toda moderna".

2.5 O QUARTO TRECHO DO PERCURSO

2.5.1 A Loja de Tecidos Leyla Modas

No quarto trecho da avenida, na face esquerda da via, observam-se dois terrenos, sem ocupação definida, no primeiro, um barracão de obras montado e alguns operários circulando no local, o outro serve de estacionamento pago, ao lado pequenas

⁴⁸ Maria do Carmo Serqueira Souza de 57 anos concedeu entrevista em 27-09-2014.

lojas em imóveis de um pavimento, com letreiros em suas fachadas, em algumas ainda é possível perceber a platibanda. Na primeira imersão em 2010, no mesmo local, visitamos uma loja de tecidos, negócio estritamente familiar, inaugurada em 1968, pelo Sr. Joaquim Ferreira de 75 anos, ele cearense, descendente de portugueses, comandava a administração da loja junto com sua esposa Dona Oneide e sua filha. Ao visitar o prédio percebi uma situação comum as outras lojas visitadas, elas mantinham na parte posterior do prédio uma espécie de casa de apoio, cozinha/ quarto. O que permitia a seus donos descansar no intervalo após o almoço, a tradicional “sesta”⁴⁹ do paraense.

No intervalo temporal decorrido entre a primeira visita e a segunda visita, dois prédios foram construídos onde antes funcionava a loja Leyla Modas, (Figura 21) hoje o local abriga a Padaria Avenida. Antes, a mesma padaria, ficava na esquina da Avenida Governador Magalhães Barata com a Travessa 14 de Abril, em um imóvel do Classicismo Imperial, bem ao lado onde funcionava a loja tecidos Leyla Modas, ambos os prédios com platibanda, foram demolidos para dar espaço a uma construção moderna onde hoje funciona uma farmácia conhecida na cidade.

Em entrevista Dona Fátima Hanna Haber⁵⁰ moradora do Reduto, seus filhos têm loja de Material de Construção no quinto trecho da Avenida na Magalhães Barata, confirmam estas informações:

“Lembro, que tinha uma loja de tecidos Leyla Modas, agora os donos foram para Brasília, ele já estava bem velho, e a filha é médica, lá em Brasília, eles foram indenizados, porque não era deles, eles tinham bem mais de trinta anos aqui, o Joaquim e a Oneide, eles trabalharam a vida inteira aqui. O Dono que é o mesmo dono da Padaria que era na esquina, agora construiu o prédio da Big Bem e do lado construiu uma nova a padaria”.

⁴⁹ Sesta do paraense é o tradicional cochilo tirado após o almoço geralmente feito com o consumo do açaí.

⁵⁰ Dona Fátima Haber, 70 anos, concedeu entrevista concedeu entrevista na calçada da avenida Magalhães Barata em 04/10/2014.

Figura 21 -Aspecto do interior daloja de tecidos Leyla Modas, observa-se os tecidos ficam em exposição de forma desordenada, distribuídos em prateleiras de compensado



Carmosina Calliari Bahia, 2010

Dona Fátima foi entrevistada quando cuidava, junto com um jardineiro, dos canteiros do entorno das mangueiras da Avenida Magalhães Barata. Hoje os filhos cuidam das lojas e dona Fátima que ficam na mesma avenida, enquanto ela cuida dos canteiros da avenida por conta própria: (Figura 22)

“Eu estou fazendo um movimento para preservação destes canteiros, eu fiz uma promessa para Nossa Senhora de Nazaré, que quando ela passasse os canteiros estivessem todos arrumados e bonitos”. Agora eu quero mobilizar as pessoas para que elas não maltratem os canteiros, Eu e as pessoas que comungam comigo deste sonho. Campanha “Corrente de Amor a Belém”.

Figura 22 - Dona Fátima Haber, no momento em que cuidava dos canteiros da avenida Carmosina Calliari Bahia, 2014



Carmosina Calliari Bahia, 2014

2.5.2 O comércio informal

Conversamos com o ambulante Nivaldo Moraes Gloria⁵¹, vendedor de frutas que há 25 anos, faz da esquina da Travessa 14 de Abril, no trecho 6, seu local de venda, situado em frente a um casarão abandonado. A depredação e o descaso são percebidos neste imóvel que serve de estacionamento e moradia informal, que apesar do abandono não perdeu as ornamentações da fachada. Com um grande recuo frontal, acesso por escada e varanda lateral com guarda corpo balaustrada, as dimensões dos vãos de portas e janelas combinadas com o arco pleno e a ausência de platibanda com queda d'água do telhado para as laterais, dão um tom nostálgico que nos permite transportar para o passado. No muro que protege o imóvel ainda encontramos vestígio de azulejos portugueses. O vendedor que por vezes dorme no imóvel, surpreende com suas bem relatadas memórias. Durante a entrevista ele comentou que o proprietário não tinha dinheiro para restaurá-lo. *"Bem que o governo podia ajudar, os móveis da casa ainda continuam nos mesmos lugares, mais estão se acabando."* continua ele:

⁵¹ Nivaldo Gloria, de 58 anos concedeu entrevista na calçada da Avenida Magalhães Barata em frente ao seu carro de venda de frutas em 04/10/2014.

"Minha infância foi aqui, eu gostava muito, a gente corria atrás de pipa aqui, as mangueiras eram muitas, antes era de paralelepípedo, o trânsito mudou muito, foi investido. Quando eu vim para cá os bondes já tinham acabado, eles vinham de Bragança, mas tinham ainda os trilhos, aqui e na José Bonifácio, criado aqui neste ambiente, eu morava aqui na Vila Farah, então esses prédios todos sumiram aqui olha era foi a Loja Bagdá depois foi uma funerária, ali foi uma sorveteria onde é a Extra Farma, todos os prédios eram antigos, foram se acabando, quem não conseguiu gravar nada futuramente não vai se lembrar de nada, e os mais novos".

Continuando com as entrevistas, conversamos com o sapateiro Aluizio que por muitos anos montou sua barraca na calçada lateral do Museu, o sapateiro de 36 anos (Figura 23), nos conta que mudou para a Magalhães Barata há 4 anos, quando pintaram o muro do Museu Goeldi, Aluizio lamenta, "A tinta sujava os sapatos, minha clientela morava nos prédios da frente, eu sou morador do bairro da Terra Firme, sou evangélico, quando a Santa passa eu viro de costas"⁵² Este pequeno discurso, demonstra uma interface entre costumes e crenças, dentro de uma condição humana, de certa forma relacionada a classe social do indivíduo.

Figura 23 - O sapateiro Aluizio exercendo seu ofício a mais de 20 anos na calçada da Avenida Magalhães Barata com a Travessa 14 de Abril. Observa-se o carrinho de mão onde Aluizio conserta os sapatos



⁵² Entrevista foi concedida por Aluizio Lima, sapateiro, 33 anos, na calçada ao lado de seu carrinho de consertar sapato, em 11. 10. 2014.

2.6 O SÉTIMO TRECHO DO PERCURSO

2.6.10 Reservatório de ferro da casa Tony Dussieux de Paris

Chegando a Travessa Castelo Branco, último trecho da via, deste ponto é possível enxergar a fachada do Mercado de São Brás que se enquadra finalizando o percurso. A via continua arborizada, amenizando a sensação térmica acentuada, que é de uns 40 graus. O movimento continua intenso, tanto de veículos como de transeunte, aqui a via parece um tanto abandonada. Na esquina um imóvel fechado, as placas encobrem sua fachada, somente o telhado fica visível, pelo formato e acabamento da estrutura, seria um imóvel neocolonial, semelhante ao imóvel vizinho, que sem pintura está enegrecido pela acumulação de fuligem impregnada nas paredes, omitindo as cores da fachada, que possui acabamento chapiscado e arcos estruturais no pátio de estrada, suas linhas mantêm a descrição de um imóvel neocolonial,. Na sequência em um prédio de arquitetura contemporânea funciona a delegacia do bairro, e ao lado casas, com porão habitável, onde hoje funcionam lojas, os vãos de janelas em várias dimensões e formatos, e a existência de platibandas frontais denotam o estilo eclético nas edificações, uma vila separa o casario de dois imóveis modernos.

Agora se percebe uma quebra de angulação em relação ao caminho reto da via, chegarmos então em frente a caixa d'água de ferro da COSANPA.

A Companhia de águas de Belém, ainda exhibe seu mais representativo monumento da Arquitetura do Ferro do Brasil, o reservatório de água, todo importado da Europa pela Casa Tony Dussieux de Paris. Concluída sua construção, foi inaugurada na gestão do Governador da Província Lauro Sodré, em Abril de 1884. A obra que hoje é um marco histórico do saneamento em Belém: a Caixa d'Água de São Brás, construído de forma cilíndrica com capacidade de 1.570 .000 litros, o reservatório tem 25 m de altura, feito em ferro forjado e sustentado por colunas de ferro fundido (ANDRADE, 2010, p. 94). A caixa d'água tem valor de rememoração, cercada por grades, sem acesso ao público, parece um monumento para contemplação à distância. (Figuras 24 a 25) Alguns autores como Andrade, citam a Caixa d'Água de São Brás em suas obras:

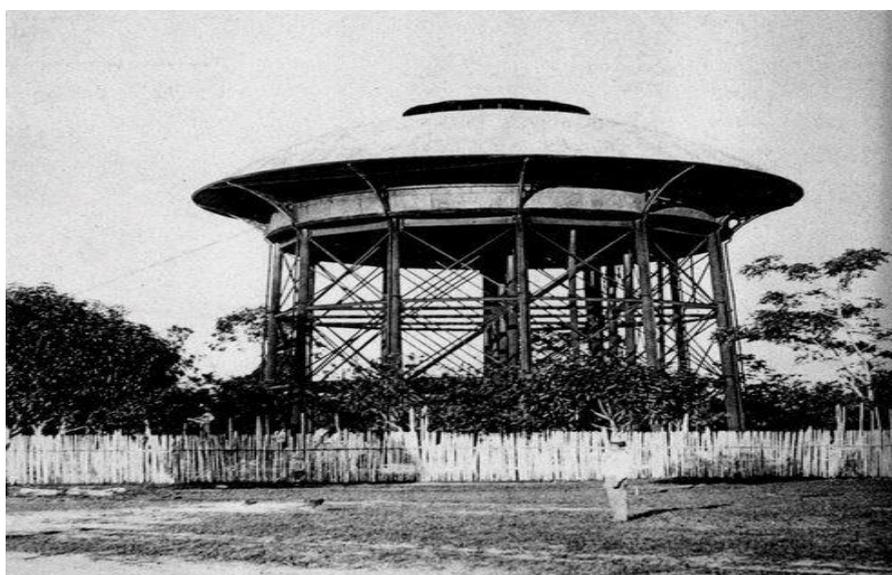
O Largo conhecido hoje como São Braz teve origem em meados do Século XIX em uma clareira aberta na Estrada do Utinga, a qual recebeu a denominação de Praça da Independência, alguns anos depois foi transformada e recebeu o nome de Avenida Independência. No largo de São Braz ficava a Caixa d'água responsável pelo abastecimento da cidade e a Estação Ferroviária da Estrada de Ferro Bragança. Além de paradas das linhas dos bondes. A origem do nome São Braz deve-se à fé do povo

paraense, devoto daquele santo protetor das moléstias da garganta, que organizava grandes com início na Igreja das Mercês finalizando no Largo de Nazaré. (CRUZ *apud* ANDRADE, 2010, p. 20).

Andrade continua a descrever a Caixa D'Água:

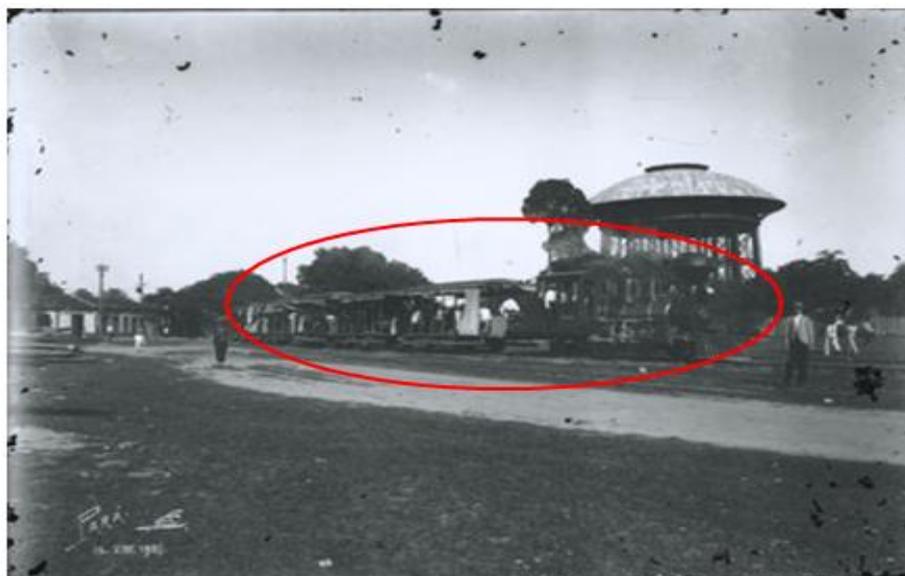
O largo de São Braz ocupava uma área urbana de 28 hectares. De qualquer ponto daquele grande espaço a população tinha uma privilegiada visão da Caixa D'Água construída em ferro fundido, de origem francesa que, pela singularidade de sua forma e altura também permitia que fosse vista de vários pontos da cidade. Era um marco visual para orientação dos moradores de Belém que queriam deslocar-se na direção de São Braz ... (ANDRADE, 2010, p. 94).

Figura 24 - Vista geral do reservatório de água, provavelmente logo após sua construção, observa-se a cerca em madeira, e a avenida sem pavimentação na via e sem delimitação de calçada



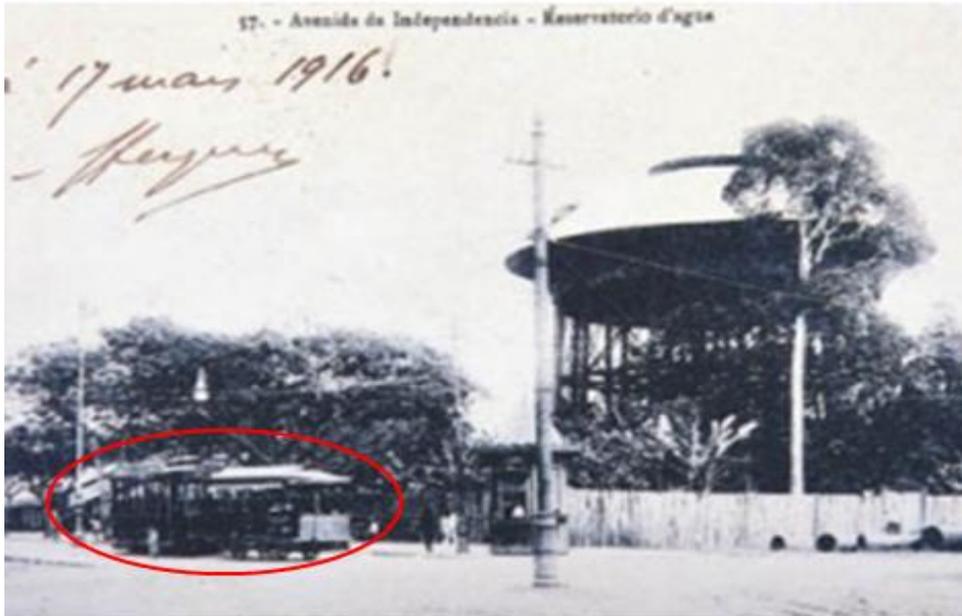
Fonte: Disponível em < haroldobaleixe.blogspot.com/2009/05/blig-post.html >

Figura 25 - Vista geral da estrada da Independência com Avenida Tito Franco (Atual Almirante Barroso). Em primeiro plano e destacado pelo círculo vermelho o trem e seus vagões, observa-se que a via permanece sem pavimentação



Fonte: Arquivo Fotográfico do Museu, original em chapa de vidro

Figura 26 - Aspecto geral do reservatório de água de São Brás, nota-se a pavimentação da via, a delimitação do passeio público e os postes de iluminação elétrica. Em destaque no círculo vermelho o Bonde



Fonte: Disponível em < haroldobaleixe.blogspot.com/2009/05/blig-post.html >

Figura 27 - Vista geral da antiga Delegacia de Polícia de São Brás, características ArtDecó provavelmente de 1925, localizada na esquina da Avenida Independência com a Avenida Tito Franco (Atual Almirante Barroso). Observa-se o a caixa d'água em segundo plano. Nota-se a pavimentação da via em paralelepípedo e as pedras de lioz fazendo a delimitação do passeio público



Fonte: Disponível no site Nostalgia Belém

2.7 O FINAL DO PERCURSO: A PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

A Praça Floriano Peixoto, ao chegar lá, foi como numa apoteose, ir ao encontro da praça e seus monumentos. Uma das estátuas mantinha um aviso de retirada para ser restaurada pelo Museu do Estado. O espelho d'água que compunha um dos monumentos, já não mais refletia, imerso ao lodo e ao lixo. Ali se reúnem jovens de algumas tribos urbanas. (Figura 28) O entendimento do processo destrutivo, pode ser de forma involuntária ou voluntária, preso a leis ou aos maus costumes. O que promove o abandono, seria a ausência de relação do indivíduo com os monumentos. A própria identificação do monumento dificulta seu entendimento, e a afinidade com o mesmo. No texto de Alberto Manguel em sua crítica aos memoriais, observa: “O monumento tinha um mero valor anedótico. Não se fixou em minha memória. Homenageava um personagem que me parecia à beira da ficção. Nada mais”. “A culpa por escassez de leitura pode estar menos no monumento em si do que em seu espectador”. (MANGUEL, 2001, p. 274)

Contudo, segundo autores como Choay, a importância dada aos monumentos reflete no bem estar da sociedade: “O monumento, assegura, acalma, tranquiliza, configurando o ser do tempo. Ele constitui a certeza das origens e dissipa as inquietações geradas pelas incertezas dos começos.” (CHOAY, 2006, p. 169). “Ora, ao dar testemunho eloquente de um mundo fragmentado, o patrimônio assegurava também a continuidade- de um passado regenerado a um futuro estabilizado. Ele podia configurar a permanência dos valores e dos recursos diante da incerteza do futuro.” (POULOT, 2009, p. 89)

A valoração dada ao monumento também é reforçada por Beatriz Kühl quando cita Alois Riegl no livro *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*: “O monumento é um instrumento da memória, destinado à rememoração de fatos, indivíduos ou crenças, estando presente em todos os povos e culturas” (KÜHL, 2008, p.33).

Figura 28 - Aspecto da Praça Floriano Peixoto, observa-se um grupo de skatistas e artesões



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Ao chegar na praça observamos que mora lá um rei ‘Um Rei Bebum’, sentado em seu trono, gesticula, fala com seus súditos imaginários, ao perceber a presença da câmera fotográfica, desce do trono ajeita sua roupa, desfila, mostrando seu território. (Figura 29)

Figura 29 - Vista geral do monumento da Praça Floriano Peixoto, em homenagem ao Governador Lauro Sodré, observa-se um morador de rua sentado sobre a estátua que serve de trono, o qual lhe denominei “O Rei Bebum”



Carmosina Calliari Bahia, 2010

A análise da arquitetura facilitou a identificação do local e suas significativas transformações; no estilo, proporcionado pelas influências culturais, ou mais recentemente no uso de novos materiais, decorrente das práticas e dos costumes, e da iniciativa produtiva, permitido pela evolução tecnológica, influenciando de tal maneira no *modus vivendi*.

Deste modo concluímos nosso percurso pela Avenida Magalhães Barata, não deixávamos escapar nada, como bons observadores; sentimos os cheiros, ouvimos os barulhos, conversamos com os transeuntes observamos o casario, falamos com os moradores e trabalhadores, fotografamos todos os detalhes dos mais simples aos mais inusitados desta avenida, anotamos as situações de envolvimento e vivência, ou seja, praticamos a etnografia. A observação participante das múltiplas formas de apropriação, identificou o maior ou menor vínculo com a avenida e proporcionou um diálogo do passado com o presente.

3 ANDANDO SOBRE O MOSAICO DA MEMÓRIA

3.1 UM PASSEIO PELA MEMÓRIA DOS VIVENTES

A memória individual pertence ao eu na memória coletiva. Manter a memória coletiva trata-se de um grande desafio, mas constitui fator importante num processo de preservação dos valores culturais de uma nação “Manter a memória viva é transmitir às novas gerações, pois a transmissão dos saberes às novas gerações e a perspectiva de valorizá-las tendem a contribuir para a elevação de nossa autoestima e para a retomada de tradições milenares”. (PELEGRINI, 2008, p.8) Para Pelegrini, a preocupação em preservar a memória e transmiti-la para o futuro é a garantia de fortalecimento de uma nação. A memória se reproduz pela imagem guardada na lembrança, nos remetendo ao passado, ela passa a existir quando relatada. De acordo com o autor:

Frequentemente, é verdade, tais imagens, que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Pode ser que essas imagens reproduzam mal o passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito, seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. (HALBWACHS, 1990, p.28)

As memórias levantadas nas entrevistas deram subsídios para um olhar mais intimista e uma visão mais aprofundada sobre a história da Avenida Magalhães Barata.

No mapa turístico apresentado abaixo, organizado por Mayr Sampaio Fortuna para o VI Congresso Eucarístico Nacional⁵³, (Figuras 30 e 31) realizado em Belém 1953, são elencados alguns dos monumentos que estarão presentes na memória dos que foram entrevistados. O mapa apresenta a malha urbana de Belém, divididas em seis

⁵³VI Congresso Eucarístico Nacional, 1953. "Simultaneamente ao Congresso, os bispos do Brasil, reunidos em Assembleia Geral (AG), constituem o órgão supremo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), estiveram reunidos na primeira AG, realizada de 17 a 20 de agosto de 1953, em Belém (PA). Naquela ocasião, o encontro dos vinte arcebispos do Brasil (...). Na segunda-feira, dia 10, ocorreu a chegada triunfal da Procissão Eucarística fluvial de Manaus a Belém, sob a presidência do então Arcebispo de Manaus, Dom Alberto Gaudêncio Ramos. No dia seguinte houve a marcha luminosa em honra ao Legado Pontifício, Cardeal Álvaro Augusto da Silva, Arcebispo de S. Salvador - BA, e Primaz do Brasil. No dia 12, a solene pontifical de abertura na Praça do Congresso foi celebrada pelo Cardeal D. Jaime Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro na época. A quinta-feira, 13, foi marcada pela missa solene presidida por D. José Medeiros Delgado, em que 40.000 crianças receberam o Sacramento da Eucaristia. Fonte: Flávio Nassar, 18 Agosto de 2014.

distritos, e mostra em destaque os mais importantes monumentos da cidade. Prova do interesse público em incluir seus monumentos nos roteiros turísticos. Nota-se, porém, que neste mapa não está assinalado o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Esta forma de apropriação do patrimônio seja ele cultural, histórico e natural, ajudando na sua interpretação é encontrada nos guias e catálogos “No entanto, a apropriação por um público - a maneira como o patrimônio é visitado, interpretado, e exerce influência – está associada também às formas de sua apresentação, ao olhar bem acolhido ou importunado, aos catálogos ou aos itinerários”. (POULOT, 2009, p.15) Poulot reforça que:

No decorrer do século XVIII, a categoria dos objetos notáveis indicava o que merecia ser visto, o que era digno de satisfazer a curiosidade dos estrangeiros e dos habitantes. A própria estrutura dos guias coincidia aos poucos com os dos catálogos: tratava-se de repertoriar o conjunto de riquezas artísticas. (POULOT, 2006, p. 55)

Figura 30- A figura mostra o histórico resumido sobre o surgimento de Belém. O pequeno mapa turístico de bolso, desenhado e organizado por Mayr Sampaio Fortuna para o VI Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belém 1953



Fonte: acervo de Carmosina Calliari Bahia

Figura 31 - O mapa mostra as ruas da Cidade de Belém dividida em 6 distritos. Colocando em destaque 15 principais monumentos históricos da cidade sendo eles: nº 01. Palácio do Governo Lauro Sodré, nº 02 Prédio da Prefeitura Municipal de Belém, Palácio Antônio Lemos, nº 03 Quartel General da 8ª Região Militar, nº04 Comando Naval e Arsenal da Marinha, nº 05 Praça da República, tendo ao fundo o Teatro da Paz, nº 06 Instituto Gentil Bitencourt, nº 07 Ginásio Paes de Carvalho, nº08 Forte do Castelo, nº 09 Estátua Frei Caetano Brandão, n °10 Igreja das Mercês, nº 11 Santa Casa de Misericórdia do Pará, nº 12 Basílica Nossa Senhora de Nazaré, nº 13 Instituto Lauro Sodré, nº 14 Mercado de São Brás, nº 15 entrada principal do Bosque Rodrigues Alves. Em destaque por um círculo vermelho o recorte indicado para a pesquisa. Percebe-se que apesar do Museu Emílio Goeldi ser identificado no mapa, ele não aparece em destaque nas fotografias



3.1.1 O Collegio das Educandas

Cheguei ao Colégio Gentil Bittencourt um pouco antes da hora marcada, enquanto esperava a freira mais antiga do colégio, fiquei anotando as inscrições gravadas em duas grandes pedras de mármore fixadas nas paredes laterais do hall do colégio. São informações de fatos e reformas importantes ocorridas no Colégio Gentil⁵⁴. Não demorou em que, a Irmã me atendesse ali mesmo no sofá da sala de recepção do colégio, começamos a entrevista; a irmã Ana Cledes Melo⁵⁵ (nome de batismo Irecê), nos seus 88 anos a irmã mais antiga do colégio, de estatura pequena, quase some dentro de seu hábito. A irmã veio para o Colégio Gentil com 11 anos de idade em 1938 para estudar como pensionista, depois então formar-se como professora, como ela mesmo lembra: Sobre o comércio existente na Avenida a irmã descreve a sorveteria do Japonês (O China), sendo a única das pessoas entrevistadas que citou a sorveteria. Ainda lembro, diz a freira:

"Tinha a Casa Salomão, tinha uma outra A Doméstica na esquina da 22 de Junho, a Padaria Aveirense, ali também naquele pedacinho, tinha a sorveteria do japonês, que agente chamava a sorveteria do China. Quando

⁵⁴Fatos e datas memoráveis do Instituto Gentil Bittencourt. 1-Fundação de Recolhimento das Educandas por D. Manoel Almeida Carvalho, 7º Bispo do Pará. 10 de Junho de 1804 - 2- Reforma executada pelo Presidente da Província Dr. João Antônio de Miranda. 30 de Maio de 1840 - 3- Fundação definitiva do Asylo sob a Denominação de "Collégio de Nossa Senhora do Amparo", reforma geral, Lei nº 205 de 2 de Novembro de 1851. 4 -Transferência do Collegio para o Prédio da Rua Santo Antônio, canto da Travessa de mesmo nome, adquirido e adaptado pelo Presidente da Província Dr. Vieira Couto Magalhães-19 de Janeiro de 1867. 5-Autorização do Congresso Legislativo do Estado para ser construído este edifício Lei nº 86 de 25 de Janeiro de 1893. 6-Lançamento da Pedra fundamental d'este edifício no cunhal de nordeste do corpo principal. Em 21 de Abril de 1894. 7-Mudança de denominação de Collegio de Nossa senhora do Amparo para "Instituto gentil Bittencourt" decreto nº 414 de 1º de Fevereiro de 1897. 8-Reforma promulgada pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado, decreto nº 1405 de 21 de Novembro de 1905. 9-Inauguração Solenne deste Edifício sob os auspícios do mesmo governador, em 26 de Junho de 1906. Fes- J. S. Ribeiro & Cª Pará. 10-1905- A Direção do Instituto Gentil Bittencourt é outorgada pelo Governo Estadual as Religiosas filhas de Sant'ana. 11-1921- Abertura do pensionato anexo ao Instituto. 12-1958- Transferência pelo Governador Magalhães Barata das Educandas para o orfanato Antônio Lemos. 14-1989- O refeitório do colégio é adaptado para ser auditório 1905. 15- A Direção do Instituto Gentil Bittencourt é outorgada pelo Governo Estadual as Religiosas filhas de Sant'ana. 16-1958- Transferência pelo Governador Magalhães Barata das Educandas para o orfanato Antônio Lemos. (Informações contidas em duas placas inaugurais do hall do Colégio Gentil Bittencourt)

⁵⁵ Irmã Ana Cledes Melo, 88anos, concedeu esta entrevista em 13 de agosto de 2014.

eu era externa, a mãe dava dinheiro pro bonde, ai nós íamos lá comprar picolé do China”.

O Colégio Gentil Bittencourt⁵⁶, instituição de ensino, administrado por freiras da Congregação das Filhas de Sant’ana, tem um valor histórico e um importante papel religioso nas comemorações do Círio de Nazaré, pois sua sede é o abrigo da imagem original peregrina de Nossa Senhora de Nazaré. Os alunos uniformizados costumam fazer parte do traslado da Santa durante as festividades.

Bem localizado no lote, um terreno de 20.393 m², o prédio possui recuos laterais e um grande recuo frontal, dando espaço para circulação interna de veículos, facilitando o transporte de alunos, fechado por ser o período das férias⁵⁷. A construção denota sua arquitetura monumental, com escadaria central que leva a uma grande varanda, área que serve de palco para apresentação do alunado, construído pelo engenheiro italiano Filinto Santoro e inaugurado em 1906. A fachada apresenta elementos ecléticos com forte influência neoclássica, possui um grande frontão triangular interrompido no vértice superior por um meio círculo, onde no centro destaca-se um brasão, o porão em meia altura segue ritmado com a presença de óculo em número de 18, todos dispostos abaixo das esquadrias dos corpos laterais de mesmo número, arrematadas com frisos e arco completo. Para a grande varanda abrem-se três portas em arcos plenos, completando no pavimento térreo um total de 21 vãos.

No pavimento superior os detalhes das aberturas de vãos, variam as 3 das laterais esquerda e direita possuem vãos alongados e retangulares com coroamento em frontão triangular, num total de seis, as oito intermediárias são de vão altos e retangulares, e as três centrais em arcos plenos, todas juntas formam um conjunto de 42 esquadrias, denotando assim, pelas variedades de detalhes, a forte presença de elementos decorativos do ecletismo. O prédio se destaca na quadra pela suntuosidade da edificação. (Figuras 32, 33 e 34)

⁵⁶O colégio é fruto do auge da borracha na Amazônia. Foi fundado pelo bispo católico Dom Manuel de Almeida de Carvalho em 10 de junho de 1804. Reformado pelo então governador Augusto Montenegro em 1904 e dado à administração das irmãs italianas Filhas de Sant’Ana, o internato era previsto apenas para mulheres. Conhecido Como Internato Nossa Senhora do Amparo. É o prédio educacional mais antigo do Brasil em funcionamento, com mais de 200 anos, e que tem reconhecimento internacional pela sua excelência em educação. Em 1972 passou a ser misto e hoje incorpora a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Fonte: :<<Carlo Franco. [Instituto Gentil Bittencourt / Acervo](#). Fragmentos de Belém>>

⁵⁷ Incursão realizada no dia 13 de agosto de 2014

A origem do estabelecimento de ensino foi o Colégio Nossa Senhora do Amparo, criado em 1804 pelo Bispo Frei Caetano Brandão (Manoel de Almeida Carvalho), inicialmente denominado de Recolhimento das Educandas, para abrigar meninas índias. Esse estabelecimento foi instalado no dia 10 de junho do mesmo ano em uma casa de aluguel pertencente ao Seminário Episcopal, à Rua do Açougue (ou antiga Rua das Indústrias e atual Rua Gaspar Viana). O colégio era administrado e mantido pelo governo da província conhecido também como Escola das Educandas, tendo papel importante na província e objetivo principal acolher e educar órfãos do sexo feminino, propondo uma educação que visava a formar boas mães e esposas, como comprovam os relatórios do Governo da Província. O relatório apresenta solicitação de ampliação da estrutura física do prédio para atender a demanda de órfãos da província.

O Collegio de Nossa Senhora do Amparo vae satisfazendo os fins, que teve em vista o seu caridoso instituidor. As meninas, que são desvalidas dos bens da fortuna, para beberem uma instrução regular encontram n'este pio estabelecimento um seguro asylo e poderoso amparo (Figuras 27 e 28). Seria, porém, conveniente dar a tão útil instituição, e que faz tanta honra à Provincia, mais largas proporções. E' mui diminuto o número de meninas, que podem alii ser admitidas, e, se podesse ele ser elevado, seria de utilidade e caridade. (Relatório de 1869, p.9)⁵⁸

Os relatos são confirmados com as declarações da irmã Ana Clemes:⁵⁹

"Aqui tinha um orfanato, em 1921 uma crise econômica que houve, o governo queria acabar com o orfanato, e a superiora propôs fazer um pensionato em anexo, então foi esse pensionato que eu vim para cá como pensionista, mas continuava o orfanato. Porque quando passou para este prédio, até 1905, funcionou como Colégio Nossa Senhora do Amparo, lá na Rua Santo Antônio, na naquele prédio da Polícia, mas estava pequeno, aí o Governador Augusto Montenegro construiu este prédio aqui, na estrada do Maranhão".

A importância do papel que este estabelecimento representava para a província era sempre demonstrada nos relatórios da província. "Tendo o exmº sr. Dr. Domingos Antonio Rayol solicitado sua exoneração do cargo de provedor do Collegio de Nossa Senhora do Amparo, attendi-o por acto de 8 do corrente ano, nomeando na mesma data

⁵⁸ Relatório que o excellentissimo senhor coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da província, dirigio a Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1869 por ocasião da abertura da segunda sessão da 16.a legislatura da mesma Assembleia. Pará, Typ. Do Diário da Gram-Pará, 1869.

⁵⁹ A Irmã Ana Clemes, 88 anos, concedeu entrevistas nas dependências do Colégio Gentil Bittencourt no dia 13/08/2014.

para substituí-lo o dr. Manuel de Sá Souza.” (Relatório de 1882, p.09)⁶⁰. Ainda nos relatórios são relatadas as qualificações estendidas as 198 meninas órfãs, internas no colégio.

“N’este pio instituto, onde são constantemente recebidas educandas e dotadas á expensas dos cofres provinciaes as orphãs desvalidas; há duas escolas públicas de ensino primário, um professor de piano e canto e duas cadeiras deprendas domésticas frequentadas este anno por 198 educandas”. (Relatório de 1872, p.20)⁶¹

Nas entrevistas realizadas no decorrer das pesquisas o orfanato foi citado pelo menos duas vezes como relata a Dona Georgina BoulhosaMaroja⁶², nascida em 1930:

“Estudei como interna, o Gentil era dividido, orfanato para as meninas pobres e o internato que era pago, era as meninas do interior, dos que tinha mais recursos, nós não podíamos usar pó, batom nem perfume, tinha andar fedendo, eu era boazinha, na hora de rezar, as freiras pediam para limpar a sala, ai eu colocava a lata na cabeça e saia, ai elas não brigavam comigo”.

Figura 32 - Vista em perspectiva do prédio do Colégio Gentil Bitencourt, observam-se na fachada decoração em homenagem ao Círio de Nazaré



Carmosina Calliari Bahia, 2011

⁶⁰ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente, Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, passou a administração da província ao exm. Sr. 1.º vice-presidente, Dr. José da Gama Malcher. Pará, Typ. Do “Liberal do Pará,” 1882

⁶¹ Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na primeira sessão da 18.ª legislatura em 15 de fevereiro de 1872 pelo presidente da província, Dr. Abel Graça. Pará, Typ. Do Diário do Gram-Pará, 1872.

⁶² Entrevista concedida por Dona Georgina BoulhosaMaroja, 84 anos, em 13-08-2014, em sua residência.

Figura 33 - Vista interna do Colégio Gentil Bittencourt, aspecto geral do antigo refeitório. Em primeiro plano, o refeitório onde as alunas, que pagavam o pensionato, faziam as refeições, e em segundo plano, um segundo refeitório, onde as órfãs internas almoçavam. Hoje o pátio é usado para recreação dos alunos



Carmosina Calliari Bahia. 2011

Figura 34 - Vista em detalhe da estrutura da cobertura do refeitório, toda trabalhada com rosáceas em ferro fundido



3.1.2 A Parah Electric

No Primeiro trecho, que é um dos maiores da avenida, ainda temos o Complexo de Serviços do Estado do Pará, que funciona nos galpões, em estilo “ArtDecó”, da antiga Parah Electric, bem ao lado do Colégio Gentil Bittencourt, local onde concentra serviços oferecidos aos cidadãos, órgão pertencente ao Governo do Estado.

Os galpões deste complexo possuem volume e fachadas, frontais e laterais semelhantes e simétricas, lembrando galpões de antigas fábricas, os vãos de janela são interrompidos por frisos, as fotos denunciam fechamento de vãos de porta na parte frontal, acima o frontão encobre uma grande da cobertura em telhas francesas. Entre os galpões um grande espaço aberto com arborização, dando uma sensação de amplitude e conforto. A sensação de conforto é completada pelo sombreamento das mangueiras, dispostas nas calçadas em posição linear constante em todo o trajeto, assim como a iluminação com postes altos.

A Iluminação da Avenida Magalhães Barata como em toda a cidade está relacionada a Rede Celpa ou a Antiga Parah Electric, de acordo com Manoel Barata (1973), no dia 13 de Maio de 1861, a intendência Municipal de Belém, inaugurava um novo sistema de iluminação a gás, fornecido pela *Pará Gáz Company, de C. H. Christopher Moller*, cessando definitivamente a iluminação a azeite e a petróleo. O que mais tarde viria a evoluir para iluminação elétrica, ainda no governo de Lauro Sodré, o que veio a acontecer em 26 de Maio de 1894, quando foi celebrado contrato com a Companhia Urbana de Estrada de Ferro Paraense. Após 11 anos de contrato, essa mesma companhia requereu à Intendência municipal em 6 de Junho de 1905, licença para fazer cessão e transferência do seu contrato, o que foi concedido por escritura pública, à Parah Electric Railways and Lighting Company Limited, a sua concessão por contrato definitivo (BARATA, 1973, p. 361).

A Companhia de Eletricidade Paraense Ltda., a Parah Electric Railways and Lighting Company Limited, administrada pelo sócio fundador, o americano Harry Foster-Smith, também investiu na construção dos bondes elétricos, na primeira década de 1900. A empresa administrou os bondes com tração animal, o que depois lhes multa diária de 400\$000 (quatrocentos mil réis), em decorrência dos transtornos causados pela

sobrecarga de passageiros e mercadorias. A Parah Electric em resposta acelerou os trabalhos de assentamento dos trilhos para o novo sistema de viação urbana. Em 25 de Julho de 1907 o gerente da empresa Sr. A.G.Mc. Haffie comunicou ao Intendente de Belém a inauguração da linha pelo sistema elétrico, o que ocorreu em 15 de Agosto do mesmo ano o sistema de viação urbana por TRAMWAIS elétricos que percorreram por um bom tempo as ruas de Belém. Era o fim dos bondes puxados por tração animal, acontecimento que encheu de júbilo a população e as autoridades (CRUZ, 1971). A malha urbana desenvolvida pela empresa era de 120 km interligando vários bairros de Belém, como o Reduto, Batista Campos, Jurunas, Pedreira e áreas próximas como a da Santa Casa. A sede da empresa era no prédio onde hoje funciona a Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM)⁶³(Diário do Pará, 8.12.2014). A partir de 1902, o Estado do Pará tinha seu fornecimento de energia controlado pela empresa Parah Electric Railways and Lighting Company Ltda. Após algumas décadas, por volta de 1962, a Centrais Elétricas do Pará é fundada objetivando eletrificar todo o estado. Em 1969 a FORLUZ é fundida com a Celpa, passando então à companhia pública.(BARATA, 1973, p. 361)(Figura 35)

Sobre o Bonde, o Sr. Elias Melo, que trabalhou no Museu Emilio Goeldi por 46 anos, em sua entrevista, relata:

"Ele ia e vinha aqui em frente, ele saía onde é o Mercado de São Brás de onde é a caixa d'água, ele vinha da Tito Franco, hoje é a Almirante Barroso, então nós tínhamos aqui o Bonde Souza e o Marco, o Marco vinha do canto da Itororó, ele ficava aqui junto ao Hospício Juliano Moreira, já o Souza ele ia até a Fábrica de Guara Suco".

Sr. Elias continua a lembrar suas memórias

"Há, eu lembro, aqui vinha o Bonde Santa Isabel que ia até o Cemitério Santa Isabel".

Segundo os alunos de Estética das Artes Plásticas,

"A via se modernizou ainda mais no início do século XX, quando os bondes elétricos começaram a passar por lá, e mais tarde, todo o "charme" dos paralelepípedos e dos bondinhos deu lugar a pavimentação asfáltica, em razão do alto e crescente fluxo de veículos na avenida, que possui, hoje em

⁶³ O prédio da CODEM localiza-se na esquina da Avenida Nossa Senhora de Nazareth ou Avenida Nazaré com a Rua Quintino Bocaiuva.

dia, sentido único (Centro-Bairros), na maior parte com três faixas de rolagem e mais as faixas laterais para estacionamento.”⁶⁴

Como lembra a Irmã Ana Clemes:⁶⁵ (nome de batismo Irecê) com 88 anos a maioria dos quais vividos no do Colégio Gentil, lembra:

“Aqui junto, era a Pará Elétrica (abrasileirando o nome), era também a garagem dos bondes, e venda de bilhetes, às vezes dia de domingo, as irmãs falavam quem quer ir passear, quem tem dinheiro para pagar o bonde, ai fazia uma coleta, ai o bondenos levavas. De noite quando nos dormíamos era aquela “batata de bonde” chegando e saindo “.(Figuras 36 a 38)

Figura 35 - Vista geral da Avenida Nazaré de esquina com a Quintino Bocaiúva, no lado esquerdo o prédio onde na época funcionava a sede da Companhia de Eletricidade Paraense Ltda. ou Parah Electric, onde hoje funciona a CODEM



Fonte: Disponível em <www.mackenzie.br/dhtm/seer/index/.php/article/download/-/52>

Figura 36 - Vista em perspectiva de um dos galpões do antigo Escritório de Tráfego da Companhia de Eletricidade Paraense Ltda. Percebe-se em um dos postes uma placa indicando a venda de bilhetes para o bonde, no local uma quantidade de pessoas aguardando a chegada do bonde, nota-se o calçamento em paralelepípedo, e acima da cobertura, detalhe para a platibanda do Colégio Gentil Bittencourt



⁶⁴ Copi profess como; Claudi Rocha

⁶⁵ A Irmã

nistrada pela no intitulado dos alunos, ell Trindade

**Fonte: Disponível em <www.mackenzie.br/dhtm/seer/index/.php/article/download/-/52>
Figura 37 - Vista em perspectiva de um dos galpões do Complexo de Serviços do Governo do Estado, tirado do mesmo ponto focal da figura anterior, observa-se que as linhas originais do prédio permanecem. Houve um aumento na arborização e o tipo de pavimentação mudou de paralelepípedo para asfalto**



Carmosina Calliari Bahia, 2015

As vias férreas não se limitavam apenas aos Bondes, outros autores como Andrade relatam sobre o Trem e seus itinerários.

O Trem de ferro de Bragança continuava seu trajeto e em seguida vinha a Estação do entroncamento à direita, depois, à esquerda, a parada do asilo Dom Macedo Costa e a parada do Instituto Lauro Sodré. Mais algumas centenas de metros à direita estava o Bosque Rodrigues Alves, um quilometro e meio adiante, à esquerda, chegava-se ao grande Largo de São Braz. (ANDRADE, 2010, p.67)

Moradora da Avenida Magalhães Barata, a Irmã Ana Cledes, relata suas lembranças sobre o trem:

“A eu andei de trem, no meu tempo ele vinha até onde hoje é a rodoviária, meu pai foi ser prefeito de Igarapé Açu, naquela época eu ainda era externa no Colégio Gentil, eu morava lá na Gentil Bittencourt, a gente ia muito pra lá, íamos passar as férias lá. Quando ele foi prefeito, minha mãe, meus irmãos pequenos e eu era a mais velha, ai eu fiquei como interna”.

Figura 38 - Vista geral do Bonde provavelmente na Estrada da Independência, observam-se as duas vias de trilho e os postes de eletricidade em ferro. O círculo evidencia a luminária dos postes laterais.



Fonte: Arquivo Guilherme De La Penha/MPEG, original em chapa de vidro

3.1.3 A Cervejaria Paraense

Junto à alameda denominada Paulo Maranhão onde hoje funciona o prédio da Caixa econômica Federal, pela pesquisa iconográfica, nesta área no início do século XIX funcionava o complexo com a Cervejaria Paraense, e um Bar Teatro que movimentou por muitos anos a vida social de Belém. (Figuras 39 a 41) A memória é constituída por lembranças, pessoais e coisas e finalmente lugares, que podem ser lugares de memória, lugares ligados a uma lembrança, e que nem sempre tem uma estrutura cronológica. A

lembrança do vivido, ou mesmo do que já não existe mais, impossível de resgatar, proporciona uma sensação de vazio, da perda do vínculo.

A freira do Colégio Gentil Bittencourt, Ana Clemes lembra da Fábrica de Cerveja:

"Tinha uma fábrica de cerveja ai na frente, eu não lembro bem, mas acho que tinha um igarapé, atrás da fábrica. O pai de uma colega de turma era gerente lá na Fábrica de cerveja, também então a gente, estudava aqui, eu era externa, quando a gente saia dava uma passadinha lá."

As relações proporcionadas pela interação linear dos habitantes com a cidade, seu bairro, sua rua e seus espaços, são ricas em simbolismo, estabelecem vínculos e constroem identidades. Como afirma Ipiranga "A cultura da cidade, como espaço de enraizamento, memórias, interação, fronteiras e hibridismo, constrói no tempo identidades, produz e reflete identificações, símbolos, signos e significados." (IPIRANGA, 2010, p.68).

Figura 39 -Vista geral da Fábrica de Cerveja Paraense. Destaque para a praça e um pequeno coreto em ferro fundido. Ao fundo edifício da fábrica e a chaminé. O círculo em vermelho identifica o espaço que mais tarde será construído um novo edifício. Provavelmente a foto é de 1905



Fonte: Disponível em <www.mackenzie.br/dhtm/seer/index/.php/article/download/-/52>

Figura 40 -Vista geral da Fábrica de Cerveja Paraense, em destaque a edícula com detalhes em lambrequim.Ao fundo edifício da fábrica e a chaminé, a seta mostra o novo edifício. Foto datada de 1908



Fonte: Disponível em <www.mackenzie.br/dhtm/seer/index/.php/article/download/-/52>
 Figura 41-Vista frontal do Teatro Bar da Fábrica de Cerveja Paraense. O teatro de arquitetura eclética com detalhes em ferro fundido, lambrequim na beirada do telhado. Ao fundo a esquerda o edifício da fábrica. A frente detalhe para via paralelepípedo e os trilhos dos bondes. Percebe-se que os trilhos se cruzam, provavelmente, demarcam na via o local de manobra para entrada na Rede Celpa que servia de garagem para os mesmos



Fonte: Disponível em <www.mackenzie.br/dhtm/seer/index/.php/article/download/-/52>

3.2 O ANTIGO MUSEU PARAENSE DE HISTÓRIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

Aproveitamos o sinal fechado da Avenida Alcindo Cacela e alcançamos a faixa de pedestres, atravessando com pressa, neste cruzamento encontramos vendedores ambulantes, faixas divulgando casas de recuperação hasteadas por ex-usuários de

drogas. Chegamos do outro lado da rua junto com outros caminhantes. Paramos em frente a uma loja de móveis, os grandes vãos fechados com vidros, permite visualizar a reprodução de ambientes residenciais, a loja permanecia sem clientes, os vendedores encostados nos móveis, esperavam o tempo passar.

A oportunidade de estar do outro lado, do lado do observador não mais do transeunte nos oportuniza uma grande satisfação pessoal. Por tantas vezes caminhando por esta avenida com pressa, sem perceber o entorno, sem ver os detalhes, deixando para trás, deixando passar, sem ser percebido, na correria do dia a dia, anulando o passado em nome do presente. Ao Trabalhar no Museu Emílio Goeldi, há 30 anos, vivenciamos a área, desde então, frequentando os serviços e utilizando a infraestrutura local. O Museu Goeldi, instituição onde se produz pesquisas científicas nas áreas de Botânica, Ciências da Terra, Zoologia e Antropologia reconhecidas internacionalmente, além de manter importantes coleções científicas, principalmente as etnográficas, é um marco que valoriza a avenida.

O Museu Goeldi como é conhecido pela população local, mantém um parque zoobotânico centenário, o mais antigo da Amazônia, que ocupa um quarteirão, com o seu acervo arquitetônico, arqueológico, faunístico e florístico, todos conjugados nos seus 5,2 hectares. Sendo o primeiro zoológico do País, criado em Belém no final do século XIX, e início do século XX, Neldson Marcolin (2012) ressalta que o parque zoobotânico do Museu Goeldi “é estreitamente regional concentra um rico acervo da fauna e flora da região amazônica”.

O Museu se originou de uma ideia, do então secretário do presidente da província do Pará, Domingos Soares Ferreira Penna, que liderando um grupo de intelectuais e políticos da província paraense, criou a Associação Filomática, base para o futuro Museu. Em 20 de setembro de 1866, Ferreira Penna publicava no Jornal do Amazonas, de Belém, o estatuto da Associação Filomática. (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006). Desta forma, em 25 de março de 1871, depois da cerimônia de instalação da Biblioteca Pública teve lugar a instalação do Museu Etnográfico e de História Natural como órgão oficial quase cinco anos após a criação da Associação Filomática. A Biblioteca e o Museu foram instalados em compartimento térreo do Liceu Paraense. (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006) De acordo com o que anunciava o Diário do Gram-Pará, imprensa local:

Consta-nos que também deve ter lugar hoje, depois da instalação da Biblioteca Pública, a instalação do Museu Etnográfico e de História Natural, para cuja fundação tem o ilustre Sr. Domingos Soares Ferreira Penna enviado os mais inteligentes e detidos esforços. O museu há de inaugurado em um dos aposentos do Colégio Paraense. (CRISPINO, BASTOS, TOLEDO, 2006, p.70)

Em 17 de Abril do referido ano, uma portaria dá regulamento provisório para organização definitiva e desenvolvimento do *Museu Paraense*. Depois de passados muitos percalços, em 25 de abril de 1894 o governo da província celebra contrato com o naturalista suíço Emilio Goeldi. Em março de 1895, Emílio Goeldi transfere o Museu Paraense a sua nova e definitiva sede, localizada a estrada da Independência, número 22 (atual avenida Magalhães Barata), propriedade adquirida do Coronel da Guarda Nacional Bento José da Silva Santos, o prédio datado de 1879, mais conhecido como *Rocinha*. Hoje a área corresponde a um quarteirão da avenida, como podemos observar na figura abaixo. (Figura 42)



Figura 42 - Representação aérea do trecho, num total de 1500 metros de caminhada referente a pesquisa em questão, onde estão marcados os bens histórico arquitetônicos: n°1- Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, n° 2- Casa do Trabalhador, n° 3- Colégio Gentil Bitencourt, n° 4- Antiga Rede CELPA, n°5- Parque Zoobotânico do Museu, n°6- Colégio Vilhena Alves, n°7- Palacete Zaira Passarinho (Restaurante Soprano), n°8- Parque da Residência (Estação Gasômetro), n° 9- Antiga Caixa D'água, n°10- Mercado de São Brás. A área circulado em vermelho representa o quadrante do Museu

Fonte: Google Erth, Pará, 2011

Neste trecho, todos os imóveis da face esquerda têm seu térreo ocupado por comércios e serviços, ao lado oposto ao muro do Parque Zoobotânico do Museu que envolve o elemento de caracterização vegetativa da paisagem, de uma grande área verde, preenchendo todo o quarteirão. (Figura 43) O marco de destaque que constitui o

Museu não é exatamente pela proporção física, mas pela historicidade do lugar e pelo apego emocional. Este apego ao valor histórico vem desde sua criação descrita em relatório como este do governo datado de 1882, quando fala do Museu:

Ilustrados como sois, escuso dizer-vos qual a importância que tem um estabelecimento desta natureza, não só para fins científicos, como, principalmente, para o desenvolvimento da indústria, desde que ele seja, ao mesmo tempo, conforme convém, uma verdadeira exposição de riquezas da Província⁶⁶.

Figura 43 - Aspecto geral da esquina do Museu Paraense Emílio Goeldi, observa-se o Prédio da Biblioteca Clara Galvão



Carmosina Calliari Bahia, 2015

O trajeto agora parece mais estimulante, visualizamos em destaque a Biblioteca Clara Maria Galvão do Museu Emílio Goeldi. O prédio da biblioteca compõe junto com outros, o acervo arquitetônico do Museu Goeldi. Centralizado em meio ao jardim, sua fachada principal possui seis vãos de abertura, sendo quatro janelas em arco pleno com guarda corpo balaustradas, separadas por duas portas centrais de linhas retas apoiada em patamar de escadas duplas com guarda corpo em madeira e ferro fundido. Durante a mais recente intervenção realizada no imóvel, em 1994, foram substituídos panos de alvenaria do muro por grades, seguindo a leitura do restante do muro frontal, abrindo nova visual do prédio da Biblioteca Clara Galvão, como declara a arquiteta responsável

⁶⁶ Retirado dos relatórios governamentais de 1882, p. 48 -Provincial Presidential Report (Fonte: site<<www-apps.crl.edu/brazil/provincial/pará>>)

pelo projeto Maria Eugênia Coimbra⁶⁷. Com uma suntuosa fachada, que de forma inevitável chama a atenção dos transeuntes que caminham diariamente nas calçadas ao redor do parque.

O prédio foi citado em uma das entrevistas por Dona Georgina BoulhosaMaroja, proprietária e moradora de um imóvel da avenida:

"Onde é Biblioteca do Museu na esquina da Rua Alcindo Cacela antes era chamada de Rua 22 de Junho, era a residência do Dr. Agostinho Monteiro".

O Sobrado Alexandre Rodrigues Ferreira do Museu Emílio Goeldi, constitui um exemplar da arquitetura do Classicismo Imperial. Os elementos em sua fachada; como os ornatos, platibanda com arco central nos remetem ao ecletismo. As cinco portas principais altas, sendo que uma delas leva a um vestíbulo e a escada do pavimento superior, o prédio possui platibanda que envolve toda a cobertura. Hoje o casarão imperial é um misto de auditório e teatro do Museu Goeldi, onde se desenvolvem atividades múltiplas relacionadas à pesquisa e a exibição de documentários etnográficos. Pelos depoimentos do Sr. Elias Melo, funcionário aposentado do museu:

"Antes era moradia depois, funcionou ali a Farmácia Chermont, depois foi um cartório 3º ofício, e aí em cima foi residência do pesquisador Alois String entomólogo. E depois foi o Tribunal de Contas do Estado". (Figura 44)

Figura 44 - Vista frontal do sobrado do Museu Emílio Goeldi



Carmosina Calliari Bahia, 1994

⁶⁷ Arquiteta especialista em Preservação do Patrimônio Histórico do Governo do Estado.

3.2.1 Década de 50: O Amanhecer com o Canto dos Pássaros

Seu Elias Melo nascido em 1946, hoje com 85 anos, trabalhou no museu durante 46 anos, em entrevista no dia 28 de agosto de 2014, percebe-se um grande apego emocional, e uma estrutura cronológica clara aliada a relatos históricos importantes, como o fato do entrevistado ter prestado serviços para o Governador Magalhães Barata, como ajudante de ordem, em seus horários de folga do Museu Goeldi. Foi um privilégio e um aprendizado conversar com um dos funcionários mais antigos do Museu. Seu casamento em 1952, foi realizado nas dependências da instituição, com Dona Teodora a qual conheceu numa visita ao museu. O Sr. Elias veio trabalhar no museu muito jovem como auxiliar de pesquisa na Botânica depois na área de piscicultura. Também foi muito tempo porteiro da Instituição. Sobre Magalhães Barata Sr. Elias Melo⁶⁸ relata:

"Ele morava ali na Presidente Pernambuco, depois ele foi morar na Dr. Moraes onde ele morreu. Eu chegava lá e falava Izabel (segundo as informações do entrevistado Isabel era uma mulher negra empregada da família do governador), já são 10 e meia, tenho que ir embora, olha o monte de carta que eu tenho pra distribuir, eu vou já falar com o chefe, serve logo o meu almoço, há, ha, há...". A casa do governador, lá no Parque da Residência, quem comprou o imóvel da Companhia Ford e depois foi o Governador Magalhães Barata, depois ele pegou ele foi morar na Dr. Moraes onde ele morreu. Ele falava meio rouco. "Eu vou ali mais quando eu voltar, quero ver isso tudo aqui em ordem" não demorava hora, hora e meia ele estava aqui de volta. E pra mim o Museu não se acabou por causa do Barata. "Porque se não o americano tinha levado tudo isso aqui". Ali no Pavilhão Eduardo Galvão (Museu) tinha o busto de Getúlio Vargas, o Itamarati que deu para o Museu, um governo desses tirou daqui e colocou em frente a justiça do trabalho na Praça Brasil. Tá lá pegando sol e chuva".

Depois do casamento com Dona Teodora Seu Elias Melo moraram seis meses na antiga pousada (imóvel com características de Rocinha, que pertence ao patrimônio do Museu Goeldi), isso na década de 50, como ele fala:

"Meu casamento na década de 50 foi nas dependências do Museu, depois nos fomos morar na Pousada do Museu. Eu amanhecia com o goviar dos pássaros."

⁶⁸ Sr. Elias Melo, 85 anos concedeu entrevista no Parque do Museu Emílio Goeldi em 28/08/2014.

3.2.2 A Rocinha e os Fotógrafos do Museu

Seguindo no mesmo lado da via encontramos a Portaria do Parque Zoobotânico Museu Paraense Emílio Goeldi, o pequeno prédio da bilheteria reproduz as mesmas características da antiga portaria do parque, falso histórico, pouco funcional, mas que é representativa da Instituição. É ali que todos os anos os funcionários se reúnem para homenagear a passagem da Santa Padroeira.

A “Rocinha”⁶⁹, é o principal e mais importante acervo arquitetônico do Museu Emílio Goeldi, localizada bem na entrada principal, o imóvel ainda mantém suas principais linhas arquitetônicas, como o frontão triangular na fachada, indicando forte influência do Neoclássico e elementos decorativos do ecletismo, como os ornatos e escaíolas, nas paredes internas. O prédio, com uma área total de 700 m² teve sua construção iniciada em 1879 e concluída em 1887, nos seus 136 anos vem sofrendo modificações e alterações em sua estrutura física, que não seguiram a nenhuma das teorias que norteiam as intervenções em patrimônio histórico arquitetônico, nem levaram em consideração seu valor artístico e histórico. Os atos de intervenção, considerando-se sua configuração externa e interna, se fizeram não só nos elementos formais como também na estrutura física e espacial, algumas delas, recentemente removidas, outras adaptadas ao uso, mas que marcaram profundamente suas características primitivas. (Figura 45)

Figura 45– Vista frontal do Prédio “Rocinha”

⁶⁹Segundo Leandro Tocantins (1963), Rocinha foi o termo usado para designar o conjunto que formava a pequena propriedade rural: campo, floresta, pomar e casa. Usualmente significava a vivenda cercada de árvores silvestres, de fruteiras, jardins rústicos, na paz dos subúrbios. Era comum as construções de Rocinhas no Caminho do Utanga (Antiga estrada de Nazareth e posteriormente Avenida Nazaré) e Estrada da Independência, área afastada do centro da cidade.



Carmosina Calliari Bahia, 2011

Ao visitar o parquezoobotânico,inevitavelmente se passa pela “Rocinha”.Ascrianças tiram fotos no cavalinho,em charrete ou em miniatura de cavalo, feitos de fibra, bem colorido, já virou tradição no Parque Zoobotânico do Museu.(Figura 46) Tirar fotos no museu, uma profissão que passou de pai para filho, conforme relata o filho do antigo fotógrafo Seu Valdomiro, hoje já falecido, Carlos Alberto Barros Vasconcelos⁷⁰:

“Meu pai era o antigo fotografo daqui do museu, ele trabalhou aqui 46 anos. Ele parou porque adoeceu, e foi de vez e faleceu, ai eu fiquei no lugar dele, desde os quatorze anos, eu vinha por aqui com ele, isso faz 26 anos. O cavalinho e a charrete são da época do meu pai, a moto já foi eu que comprei. A charrete e o cavalinho eu só vou consertando, o cavalo tem mais de setenta anos. Hoje o Sr. Carlos Alberto revela as fotos na hora em uma pequena máquina. Brinquei com ele falando que seu pai ficaria rico se tivesse uma máquina, igual naquela época, ele falou não, naquela época uma pessoa tirava várias fotos para levar para toda a família, hoje todos têm câmaras digitais”.

Durante a entrevista a criançaada cercava os brinquedos, a entrevista foi direcionada ao fotógrafo que estava ao lado, o Sr. Avanildo Dias Siqueira⁷¹:

⁷⁰ Carlos Alberto Barros Vasconcelos, 51 anos. Concedeu entrevista no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, em 31-08-2014.

⁷¹Avanildo Dias Siqueira, 48 anos, fotografo, concedeu entrevista no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, em 31-08-2014.

“Eu conheci o Sr. Osvaldo Azevedo, era outro fotógrafo antigo, um dos fotógrafos pioneiros daqui do Museu, era o, ele tinha o Foto Azevedo, tinha o Foto Azevedo lá no comercio, lá na Arthur Bernardes. Ele parou recentemente ai, porque ele ficou muito idoso né, ai os filhos começaram a implicar com ele pra ele não vim, trabalhar. Ele vinha aos domingos para cá e dia de sábado também, ele tinha um cavalinho também, eram três fotógrafos aqui. Era o Waldomiro o Azevedo e o..... (pausa... para lembrar o nome) Oswaldo, eles eram todos muito unidos aqui. Que nem eu e ele agora.”

Figura 46 - Aspecto geral do cavalinho e charrete, que virou tradição no Parque Zoobotânico do Museu



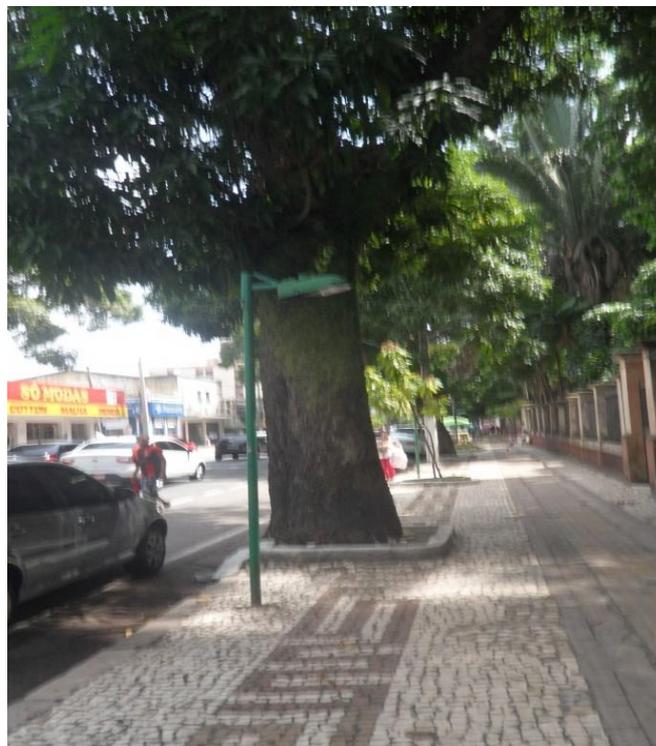
Foto: Carmosina Calliari Bahia, 2015

3.2.3 O Museu Paraense Emílio Goeldi e seu entorno construído

Neste quarteirão toda a calçada é revestida em pedras portuguesas e a iluminação com postes baixos e luz de baixa densidade baixa de iodo, na entrada principal com grades e portões confeccionados no Instituto Lauro Sodré como registrado no relatório de Emílio Goeldi ao Governador do Estado Augusto Montenegro datado de 1902⁷², “Mandei pintar de novo o edifício do Museu; fez-se muro e gradil na frente do terreno desapropriado (o gradil foi manufacturado no Instituto Lauro Sodré)”. (Figura 47) No mesmo relatório o então diretor do Museu Goeldi informa ao governador a desapropriação dos terrenos contíguos a Instituição:

Este estabelecimento científico que honra o estado, tem merecido de minha administração particulares cuidados, de modo a dota-lo de elementos de vida e prosperidade. Logo após minha posse, procedi à desapropriação de dous terrenos particulares para o fim de estabelecer continuidade em toda área por elle ocupada. Estou em trato para continuar a realizar o plano de desapropriação de todo o quarteirão; conto, assim, em breve dotar o Museu de bastante terreno para o desenvolvimento de suas culturas.” (Relatório, 1902, p. 29)

Figura 47- Vista geral do calçamento em pedras portuguesas ao redor do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, onde a população costuma fazer caminhadas



Carmosina Calliari Bahia, 2014

⁷²VerRelatórios governamentais de 1902, p. 29 - Provincial Presidential Report. Disponível em:<www-apps.crl.edu/brazil/provincial/pará>. Acesso em 12 set 2014.

Desta forma foi desapropriado todo o quarteirão que hoje ocupa o Museu Goeldi com área de 5,2 hectares. (Figuras 48, 49 e 50)

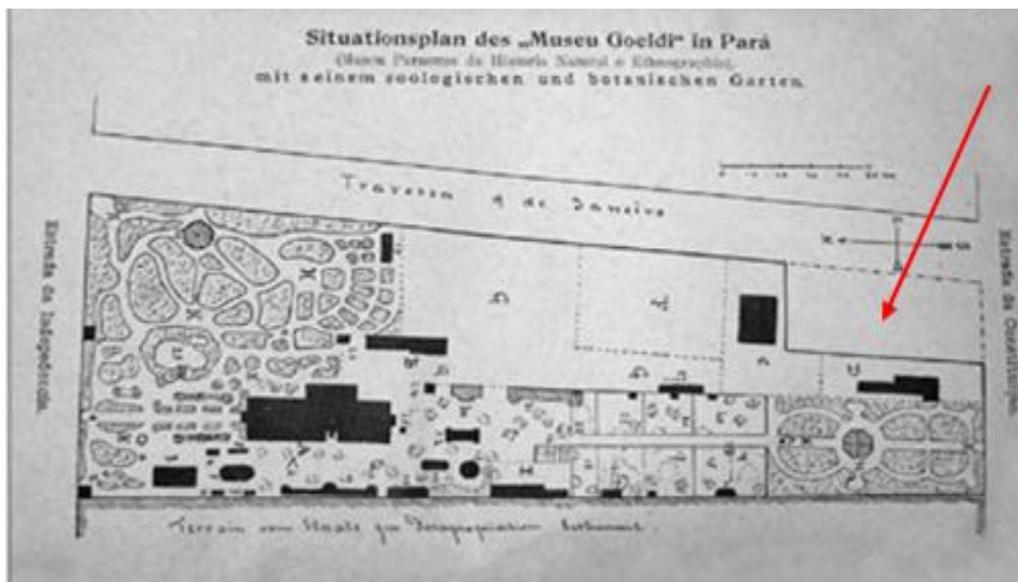
Os Mapas das Desapropriações:

Figura 48 - Planta do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, seus anexos (Horto Botânico e Jardim Zoológico) e dos terrenos vizinhos a desapropriar, de autoria de C. Wiegandt (1896). Em destaque a planta do prédio principal do Museu. A seta indica que o prédio da Biblioteca ainda não foi desapropriado



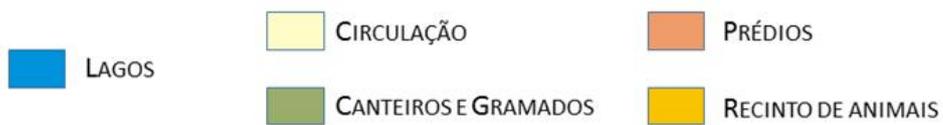
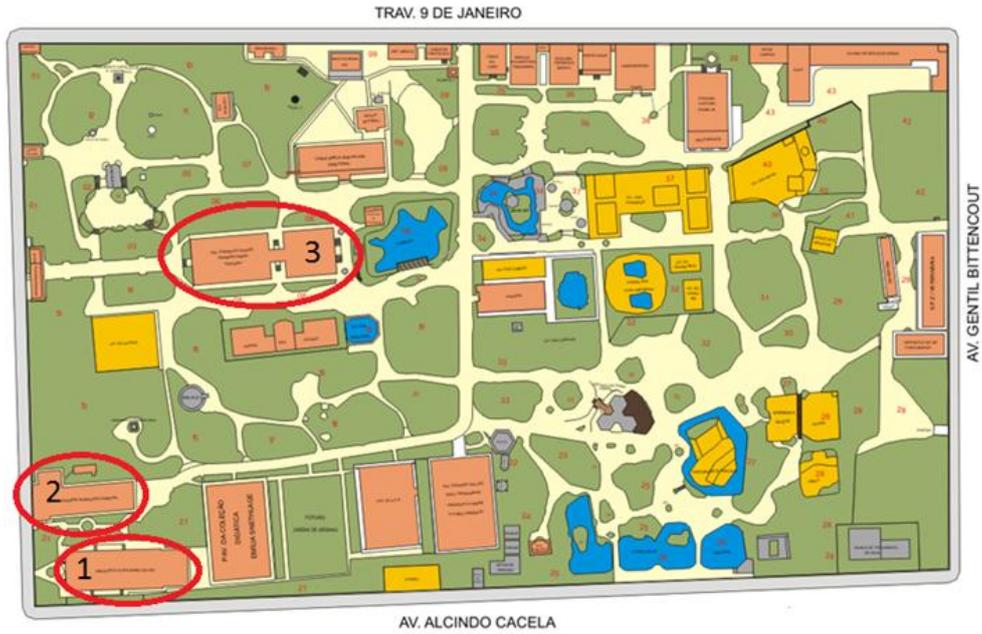
Fonte: Boletim do Museu. Tomo II. 1898

Figura 49 - Planta de situação do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia indicando os terrenos vizinhos a serem desapropriados em 1895, este mapa deu origem ao anterior. A seta indica que a área não aparece como pertencente ao museu, como no mapa anterior



Fonte: Boletim do Museu. Tomo II, 1898

Figura 50 - Planta de situação atual do Museu Paraense Emílio Goeldi, já ocupando todo o quarteirão, em destaque o Prédio da Biblioteca Clara Galvão -1, O Sobrado Alexandre Rodrigues Ferreira- 2, e a Rocinha (Pavilhão Ferreira Penna) - 3



- ① BIBLIOTECA CLARA GALVÃO ② SOBRADO ③ ROCINHA

A Avenida Alcindo Cacela compõem as lembranças dos entrevistados, como a Rua 22 de Junho, fazendo parte do entorno museu. Por tanto, é pertinente, relacionar imagens que mostrem parte da evolução urbana da referida avenida. (Figuras 51 a 53)

Figura 51 - Vista em perspectiva da fachada principal do Prédio da Biblioteca do Museu. Na época da foto provavelmente início do Século XX, o imóvel de nº 02 já havia sido adquirido pelo Museu, e já ostentava o nome da biblioteca na platibanda



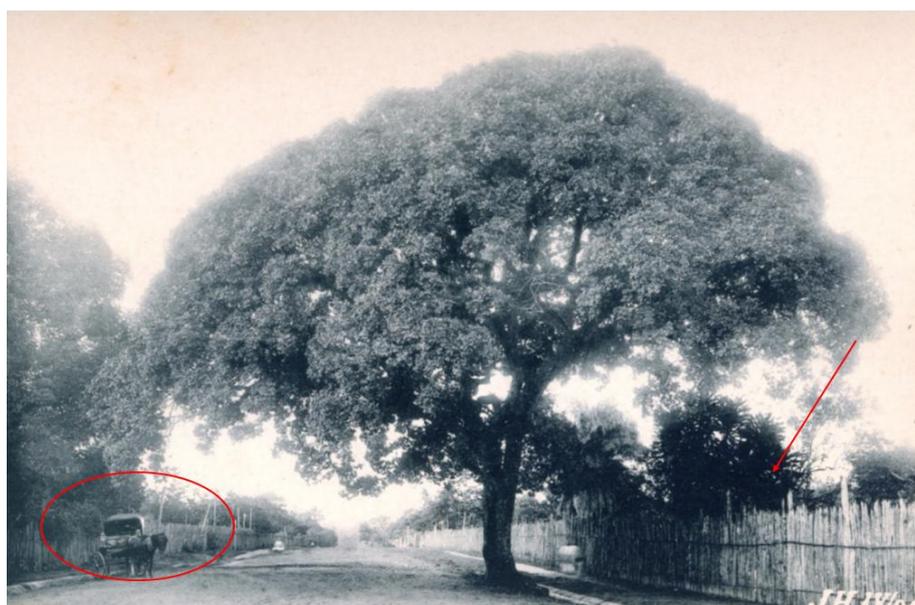
Fonte: Arquivo Guilherme De La Penha/MPEG- original em chapa de vidro

Figura 52 - Aspecto geral da esquina da Estrada da Independência com a Rua 22 de Junho no início do século XX, destaque no lado esquerdo parte da fachada lateral do prédio da Biblioteca do Museu. Ao lado percebe-se restos de obra, são paralelepípedos, para pavimentação das Ruas 22 de Junho e Avenida Independência



Fonte: Arquivo Guilherme De La Penha/MPEG- original em chapa de vidro

Figura 53 - Aspecto geral da Rua 22 de Junho, em primeiro plano a Árvore Angelim, plantada na via, ainda não pavimentada. Ao lado esquerdo da foto em destaque um carro puxado por um cavalo a cerca é de madeira. A foto foi tirada pelo pesquisador do Museu Jacques Huber



Fonte: CRISPINO, 2007

No terceiro trecho da avenida, que corresponde ao quadrante do Museu, aqui, como em toda a via são poucos os imóveis desocupados, os que estão não possuem condições de moradia. As barreiras visuais foram os elementos marcantes, generalizando o ambiente e massificando o elemento arquitetura. Nas duas laterais do trecho o calçamento de lioz, não aparece mais, o passeio público e acabamento do meio fio, possuem pavimentação que atendem as necessidades de Portadores de Necessidades Especiais (PNE).

Da esquerda para direita, onde hoje funciona a Loja Eletromóveis, de acordo com estudos comparativos com o Skyline de 1994, primeiro contorno em vermelho, observa-se que foi acrescentado mais um andar no prédio. Ao lado os dois imóveis do classicismo imperial, continuam com suas fachadas inalteradas. No segundo círculo, identifica o local do antigo mercado, onde hoje funciona a Loja Novo Mundo. No terceiro círculo, na esquina da Vila Teta, observa-se a loja onde funcionou o Bar e Armário do Sr. Arthur, antiga Museuense. Seguindo o mesmo lado da via, a última loja da quadra, possui dois pavimentos de características modernas, e grandes panos de vidro no térreo, hoje se encontra fechada para reforma, em uma imersão anterior em 2010, móveis finos eram vendidos neste local. (Figura 54 e 55)

Figura 54 - Skyline do segundo trecho da avenida, feito em 1994, durante a elaboração de monografia de especialização. Da esquerda para a direita, em destaque dois imóveis do classicismo imperial que ficam ao lado da casa Salomão, no segundo foi destacado o local onde funcionou o antigo mercado citado pelo Sr. Subhy Ayane no terceiro a Loja onde funcionou a Museuense, na esquina da Vila Teta



Fonte: Skyline de 1994, elaborado pela autora

Figura 55 - Aspecto de parte do quarteirão, na sequência da esquerda para a direita; uma porta da Casa Salomão na cor azul, ao lado a gráfica Sagrada Família, a loja de móveis Espaço Nobre em seguida loja de móveis Líder ao lado e em destaque O Bar damasco e a Loja Novo Mundo, onde funcionou o antigo Mercado, citado pelo Sr. Subhy Ayan



Carmosina Calliari Bahia, 2015

3.3 A AVENIDA DOS GOVERNADORES

3.3.1 O Parque da Residência

O Parque da Residência⁷³, espaço preservado, em cujo complexo encontramos a antiga moradia dos ex-governadores do Pará. O Prédio principal, com localização privilegiada

⁷³A antiga residência oficial dos governadores paraenses. Erguido no início do século passado, na antiga Avenida Independência, o palacete residencial possui elementos estéticos do ecletismo -com recursos do neoclássico misturados a outros elementos estilísticos e decorativos. Uma curiosidade é o fato de que o palacete foi alugado ao Estado para ser utilizado como residência dos governadores Enéas Martins e Lauro Sodré. Mas, oficialmente, em 1933, o primeiro inquilino a morar foi o interventor federal Magalhães Barata, quando o terreno foi adquirido pelo Estado para ser a Residência Oficial do Governador do Pará. Com o passar dos anos, foram acrescentados à residência alguns elementos como o extenso gradil pertencente ao antigo reservatório Paes de Carvalho, um trabalho em 'Art Nouveau' da firma inglesa Walter Macfarlane, e o pavilhão Frederico Rhossard (homenagem ao jornalista e poeta paraense), de procedência Europeia, e que fazia parte do conjunto da Praça da República. O conjunto histórico sobreviveu sem boas condições de uso até 1981, quando foi tombado pelo Estado e desativado

no lote se destaca na entrada do parque, construído no início do Século XX, em estilo eclético predominando linhas *Art Nouveau*, possui dois pavimentos mais o porão, com escada para a entrada principal. As grades que limitam a área foram confeccionadas nas oficinas do Instituto Lauro Sodré e o portão pertenceu ao antigo Reservatório Paes. (Figuras 56 e 57). O terreno é composto por outras construções que contribuem para identificar o espaço como um ‘lugar de memória’, no conceito de Pierre Nora, com boa frequência turística e programação cultural exibida no Teatro Gasômetro.⁷⁴ Ao analisar a percepção de lugar, e relacionar suas classificações Castello cita a Usina Gasômetro de Porto Alegre como lugar de urbanidade, que segundo autor:

Nela, encontramos inequivocamente representadas a *memória* de um tempo fabril vivido pela cidade e a aura que adquiriu ao se consubstanciar como o símbolo dos tempos atuais em que vive a urbe, tornando-a responsável pela produção de uma vivaz pluralidade, nas ações que lá gostam de experienciar seus diversificados frequentadores”. (CASTELLO, 2007, p. 249)

O complexo sobressai não somente como lugar de memória, mas também pelo valor histórico-político e valor simbólico conferido ao ambiente construído, o espaço reúne, o Coreto Pavilhão Frederico Rhossard⁷⁵ de 1909, o nome em homenagem ao jornalista e poeta paraense. Este pavilhão que fazia parte do conjunto de coretos da Praça da República. De procedência Europeia, foi construído todo em ferro com características Art Nouveau, hoje funciona um orquidário com mais de 500 espécies de orquídea

como residência oficial do governador, em 1992. O conjunto arquitetônico foi restaurado e inaugurado Como Parque da Residência em 1995. Fonte: Pará, Secretaria de Cultura do Estado e Estação Gasômetro. Belém. SECULT .2000.

⁷³ O Gasômetro do Largo de São José, era utilizado para fins industriais. Na metade do século XIX várias estruturas em aço foram trazidas da Inglaterra para a cidade de Belém, estas iriam abrigar a Companhia de Gás do Pará Ltda., também conhecida como Gasômetro. Responsável pela produção de energia da cidade. Segundo a publicação da Secretaria de Cultura do Estado do Pará, o gasômetro ocupava um quarteirão inteiro, no local onde antes se encontrava um Jardim público. Era constituído de vários galpões industriais, que abrigavam: oficinas, casas de retortas, armazéns de carvão, casa de purificação, condensadores, exaustores, máquinas de vapor, residência de engenheiros e trabalhadores, dois gasômetros, casa do regulador, grande chaminé entre outros. Com a implementação da iluminação elétrica na cidade a estação gasômetro começou a ser desativada aos poucos. Sendo totalmente abandonada com o passar dos anos. Fonte: (FREITAS, 2014)

⁷⁴ FREITAS, Ricardo Emanuel, artigo, publicado no Blog Percorrendo a História da Arquitetura de Belém, (O Material publicado neste blog é resultado dos trabalhos desenvolvidos na disciplina História da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil, do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade federal do Tocantins.) com o Título Gasômetro do Largo de São José: um exemplo de Preservação da arquitetura de ferro em Belém- PA. 2014.

⁷⁵ Poeta e jornalista paraense, faleceu aos 32 anos de idade em Poerto Alonso no Acre, antes de ser transformado em Território Federal. Estudou no Seminário do Carmo em Belém, fez o Curso de Humanidades no Liceu Paraense, desde cedo passou a trabalhar na imprensa da época como relator, no Diário do Pará, depois simultaneamente no Diário de Belém, no “Arena” e no Comerciário do Pará, por onde dava vazão a sua lira poética. Fonte: PARÁ, Secretaria de Cultura do Estado e Estação Gasômetro. Belém. SECULT, 2000.

mantidas pela UFRA, no espaço encontramos também a ‘Estação gasômetro’, ambos representativos da arquitetura de ferro, e um vagão do trem Maria Fumaça. (Figuras 58 a 61)

A Antiga residência dos Governadores é um grandioso palacete que conta com grande jardim e área verde. Quando o Governo do Estado decidiu fazer o Parque da Residência, o palacete foi desocupado – passando a abrigar a Secretaria de Estado da Cultura – e em sua área foram feitas uma série de adaptações incluindo a transferência do coreto, da Estação Gasômetro, antigo vagão de trem, etc. E a inserção de construções novas que formam o complexo atual. (FREITAS, 2014).

O lugar tem seu valor conferido e todos os elementos que compõem o parque se encaixam nas características de um ‘lugar de memória’. A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. (NORA, 1993). Nora trouxe uma nova abordagem da Memória Coletiva a partir da noção de ‘lugares de memória’ que são ao mesmo tempo material, simbólico e funcional, em diferentes graus, e se constituem em —um jogo da memória e da história.

Figura 56 - Vista frontal do Prédio Principal do Parque da Residência



Carmosina Calliari Bahia, 2011

Figura 57 - Vista em perspectiva da fachada posterior do prédio principal do Parque da Residência



Carmosina Calliari Bahia, 2011

Figuras 58 - Vista em perspectiva do pavilhão Frederico Rhossard



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Figuras 59 - Vista em detalhe do pavilhão Frederico Rhossard, observa-se a escada com os patamares em marmorite, com desenhos de estrelas e o corrimão em ferro fundido



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Figura 60 e 61- Vista em perspectiva do gradil confeccionado nas oficinas do Instituto Lauro Sodré. Na segunda imagem, aspecto geral de uma pequena fonte, elemento atrativo do parque



3.3.2 A antiga Residência dos Vice-Governadores e o Hospital Ophir Loyola

O Hospital Ophir Loyola, iniciou suas atividades em 6 de outubro de 1912, como Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Pará, tendo como função principal prestar assistência médica a infância desvalida. Em 1934, passou a chamar-se Instituto Ophir Loyola, em homenagem ao médico fundador do hospital. Posteriormente junto com o Hospital dos Servidores, iniciou o tratamento Oncológico.

A primeira sede do Instituto funcionou na Rua Lauro Sodré (Rua Ó de Almeida) entre Rua Frei Gil de Vila Nova e Avenida 15 de Agosto (Avenida Presidente Vargas). Depois se mudou para a Rua 13 de Maio, 104 entre Travessa 7 de Setembro e Avenida Portugal, o imóvel pertencente à Santa Casa. Em 1932, transferiu-se para outra sede mais ampla na esquina da Avenida Nazaré com a Travessa Joaquim Nabuco, prédio demolido para a construção do Edifício João Rocha⁷⁶.

Em 1961, todas as atividades prestadas pelo estabelecimento de saúde são transferidas para o endereço da Avenida Magalhães Barata, passando a ocupar parte do prédio do Hospital dos Servidores do Estado. Em 2006, foi definitivamente separado do Hospital dos servidores virando autarquia.

Na esquina da Travessa 14 de Abril, no penúltimo trecho antes de chegar ao final da caminhada, novidade é a construção de um prédio de um anexo de oito andares do Hospital Ophir Loyola. Ente novo anexo situa-se ao lado de um imóvel antigo, um exemplar da arquitetura *Art Nouveau* que faz parte do complexo do hospital. Este prédio com vãos arqueados, varanda lateral com guarda corpo balaustrado, serviu de moradia aos vice-governadores do Pará na época do governo de Antônio Lemos. Conservado interna e externamente, continua sem função definida, atendendo as necessidades internas do hospital. (Figura 62)

⁷⁶Albuquerque, Carla Francinette Rodrigues de; BELTRÃO, Jane Felipe e MIRANDA, Cybelle Salvador. **Hospital Ophir Loyola**. Disponível em: < <http://patrimonioarquitetonico.coc.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em 20 abril 2015.

O Sr. Elias Melo⁷⁷ foi o único entrevistado a citar o hospital, como referência, lembrando sua primeira função:

“Onde é o Ophir Loyola antes era a assistência a infância, onde é hoje a casa do trabalhador, onde hoje é a delegacia criminal era o Centro de Saúde nº 2, eles acabaram era a assistência a parturiente”.

Figura 62 - Vista frontal do imóvel pertencente ao Hospital Ophir Loyola, antiga residência dos vice-governadores



Carmosina Calliari Bahia, 2010

3.4 O MERCADO DE SÃO BRÁS

No outro lado da via observa-se apenas a repetição de modelos arquitetônicos, com pequenos vão de abertura, mantendo a mesma volumetria, formam um paredão que finaliza a via. Novamente temos a sensação de amplitude e alargamento, a vista converge para o Mercado de São Brás e a Praça Floriano Peixoto que lhe serve de moldura. A monumentalidade do Mercado adornada pela praça, favorecida pela área alargada, opera de acordo com posição do transeunte, determinando os vários pontos focais e variadas visuais, possibilitando a observação dos detalhes marcantes deste monumento de nossa arquitetura.

⁷⁷ Sr. Elias Melo, 85 anos concedeu entrevista no Parque do Museu Emílio Goeldi em 28/08/2014.

O Mercado de São Brás⁷⁸ cuja obra de construção iniciou em 1º de Maio de 1910 e terminou em 21 de Maio de 1911, teve projeto atribuído ao engenheiro italiano Filinto Santoro (Figuras 63 e 64).O mercado possui estrutura em ferro agrega elementos do *ArtNouveau* e do Neoclássico, com detalhes escultóricos também em ferro e azulejos nas paredes internas.A partir da entrada principal são distribuídas 12 portas laterais, 6 de cada lado, e mais duas entradas secundárias uma de cada lado.

Segundo Laura Pantoja a riqueza dos materiais “se destaca nos elementos de composição: mármore de Carrara em todas as portas e soleiras e nas pilastras ornadas de diamantes talhados. Lanternins cobertos com chapas em cristal, grades e escada helicoidal interna em ferro forjado e azulejos decorados com motivos *Art-Nouveau*”. (PANTOJA, 2014, p. 39)

O mercado foi projetado para ampliar o abastecimento da cidade, que até então se concentrava no Ver-o-Peso. Constituído por um complexo que inclui feira, mercado de peixe, mercado de carne e praça de alimentação, no mercado trabalham mais de 500 feirantes que vendem produtos como carne, verduras, peixe e camarão. Além de artesanato, móveis de madeira, ervas medicinais, artigos de umbanda, vestuário e produtos de mercearia. Como afirma Pantoja:

O Mercado de São Brás enquanto coisa edificada se configura como elemento polarizador e se integra no entorno edificado, desempenhando sua função ao lado dos pequenos e grandes estabelecimentos comerciais que se disseminaram no início dos anos 70, os supermercados, e seu modelo inovador estruturado em cadeias de distribuição de alimentos. (PANTOJA, 2014, p. 49)

Hoje parte do mercado é a visão do abandono, o prédio apresenta sinais de deterioração, e é local de abrigo e mictório para moradores de rua. A noite serve de espaço de interação e hibridismo, local de encontro de várias tribos urbanas. Para Argan a preservação dos espaços urbanos gira em torno de disputas, como explica o autor: “O jogo de conflitos das relações entre os espaços públicos e os espaços privados, entre proprietários e os interesses coletivos, entre o afetivo e o econômico, entre o estético e o histórico...” (ARGAN, 1998, p.8)

⁷⁸O Mercado de São Brás é uma construção da Belle Époque, construído em função da grande movimentação comercial gerada pela ferrovia Belém –Bragança. Como ponto final do trem, haviam muitas pessoas embarcando e desembarcando ali, tornando a área atrativa para a comercialização dos produtos. Antônio Lemos, intendente de Belém na época, ceder a Filinto Santoro o terreno. Foram importados da Itália os materiais e mão de obra para a execução do projeto. (PANTOJA, 2014)

A valorização histórica do monumento vem a partir de seu reconhecimento como testemunho do passado como Brandi:

[...] sugeriu quando fala do valor histórico do monumento que nos remete a ancestralidade de que é testemunho, sem comprometer sua integridade física sem ter sido alterada suas características, solicitando um trabalho de restauro para garantir sua perenidade como fonte histórica. (BRANDI *apud* KÜHL, 2004, p.70)

Contudo, este monumento da arquitetura continua vivo, com suas linhas arquitetônicas marcadas por elementos Clássicos, como descreve Pantoja:

A localização no eixo da Avenida Almirante Barroso e no cruzamento com as Avenidas Independência e José Bonifácio permitiu destacar sua monumentalidade com elevação principal voltada para a Praça Floriano Peixoto. O edifício guarda as proporções clássicas, exibindo as ordens dóricas, jônicas, romana e coríntia, a planta baixa é dividida em três corpos de amplos pavilhões distintos ligados por duas galerias. Os pórticos e colunas externas abrem para o norte e sul e a cobertura em forma de abóbada em arco abatido foi concebida combinando estrutura metálica e telhas em cimento amianto Eternit, alternando losangos nas cores preta e cinza. (DERENJI, *apud* PANTOJA, 2014, p.38).

O projeto final, continua a autora:

Resultou em um edifício monumental, com linhas clássicas, porém de expressão eclética, em razão da composição entre formas e materiais, uma tipologia que atesta a transferência do modelo europeu para a capital paraense: um grande espaço, mercado público coberto, estruturado em ferro e vidro, com finalidade de abastecer a cidade. (PANTOJA, 2014, p. 39)

Ao descrever a imponência do mercado, a autora reforça sua grandiosidade como um espetáculo para quem finda todo o trajeto da Avenida Magalhães Barata. Este espetáculo visual tem várias cenas, dependendo do olhar atento a quem jamais passariam despercebidas, sua significação, as suas várias leituras.

Figura 63 - Vista frontal da fachada principal do Mercado de São Brás



Calliari Bahia, 2010

Figura 64 - Vista geral em perspectiva do Mercado de São Brás, detalhe para a arborização com palmeira imperial. A disposição do caminhamento diferencia-se do que existe hoje no local



Fonte: SECULT, 1998

3.5 O DIRIGÍVEL ZEPELIM

Os ônibus Zepelins foram criações exclusivas produzidas em Belém do Pará, o nome faz alusão ao balão dirigível Zeppelin⁷⁹. Dos cinco Zepelins adquiridos junto a Viação Sul Americana, quatro foram negociados para São Luís do Maranhão e um ficou em Belém. Como os coletivos eram fadados ao prejuízo por questões técnicas, o remanescente foi desmontado e seu madeirame virou fogueira de São João⁸⁰. De acordo com José Miguel Abrahão Filho, primogênito do último proprietário dos ônibus: “o Dirigível Pérola foi o mais antigo, confeccionada na funilaria do Pérola que depois pertenceu à Viação Sul Americana, que posteriormente foi transmutada para Viação Triunfo. Há a atribuição de autoria de construção, pelo menos parcial, ao mecânico Osvaldino Ferreira de Oliveira.” A data de montagem do primeiro Zepelim terrestre ‘parauara’ é de 1948 (ANDRADE, FAU/ITEC, 2013). Para Mendes apenas a montagem era feita em Belém:

Com um design inspirado nos já aposentados Zeppelins⁸¹, este veículo bebia na mesma fonte do styling norte-americano, uma vez que sua preocupação estética não estava atrelada a uma evolução funcional: sua estrutura básica era comprada da White Motor Company, fábrica de caminhões e utilitários do início do século, e seu acabamento externo e interno eram feitos em uma oficina local (MENDES, 1998, p.5).

Na década de cinquenta os ônibus circularam por muito tempo nas ruas da cidade, servindo de transporte e lazer, hoje o zepelim faz parte do imaginário coletivo dos viventes da avenida.

O zepelim de Belém caracterizou-se por um veículo de transporte coletivo, diretamente influenciado pelos dirigíveis Zeppelins, tanto em seu formato particular, quanto ao modo como seus passageiros e funcionários o estimavam. Mais do que uma mera diferenciação didática, o uso do nome Zeppelin, tornou-se sinônimo de dirigível, enquanto a grafia “zepelim” corresponde ao aportuguesamento da palavra, simbolizando um uso mais adequado ao fazer referência ao ônibus paraense. (MENDES, 1998, p.1).

Ao entrevistar Dona Maria Raimunda Nery Leal⁸², nascida em 1941, trabalhando na casa da família Maroja há 59 anos como empregada da família, Dona

⁷⁹ Zeppelin, um balão dirigível de estrutura rígida que foi muito popular no início do século 20, resultado de centenas de pesquisas e experimentos anteriores, incluindo os inventos de Santos Dumont. Com um design único, o Zeppelin marcou não somente a indústria aeroespacial, mas também toda a sociedade da época. E sua influência no pós-guerra poderá ser comprovada até mesmo na Amazônia brasileira. (MENDES, 1998).

⁸⁰ ANDRADE, Fabiano Homobono Paes de. Blog da FAU. Disponível em: <fauufpa.org/2013/12/17-onibus-zepellins-de-belem-do-para-por-jose-miguel-abrahao-filho/>.

⁸¹ O dirigível aéreo LZ 127 Graf Zeppelin, orgulho da engenharia alemã, fabricado como um dos ícones da história da aviação e aerostação, construído em 1929, possuindo 213m de comprimento, transportava de 24 passageiros e cerca de 36 tripulantes. Disponível em <<http://www.fotosdomundo.com.br>>.

⁸² Dona Maria Raimunda Nery Leal, empregada doméstica, 73 anos, concedeu entrevista na residência de Dulce Marojah em 12 de agosto de 2014.

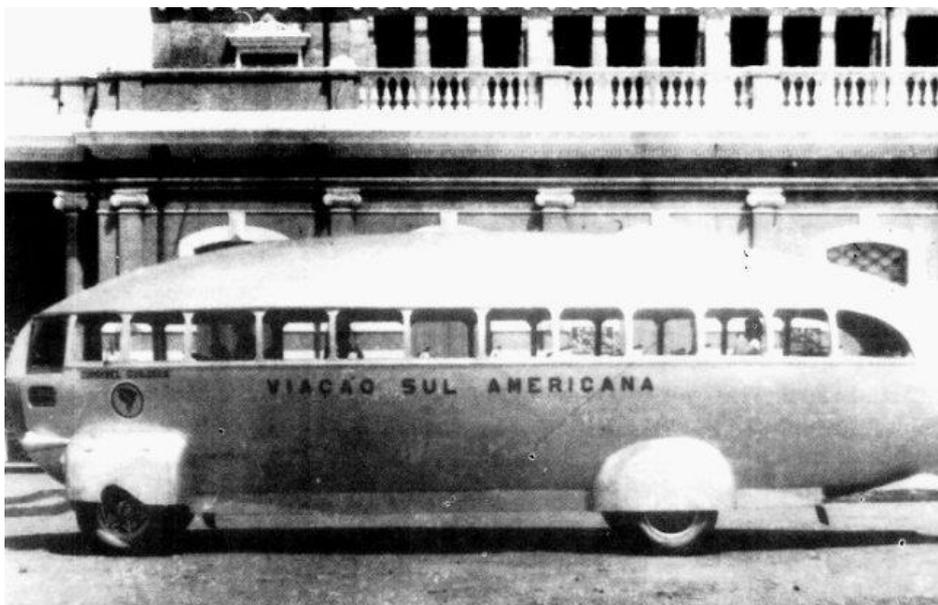
Raimunda foi morar com a família no ano de 1955 aos 15 anos de idade. Ray relata as lembranças, do Zepelim.

"Lembro-me do Bonde e do Zepelim. Lembro até do caminho que ele percorria e do nome do motorista, Sr. Abraão. Ele vinha de São Brás passava aqui na frente e ia até o Ver-o-Peso e voltava pela Magalhães Barata até chegar em São Brás onde é o mercado, aqui tinha duas mãos e um canteiro central, era tudo paralelepípedo, e tinha ônibus também, o zepelim era linha de transporte, era um só, era parece um avião, isso durou uns 10 anos."(Figuras 65 a 67)

A irmã Ana Cledes, tem em suas memórias mais antigas, as lembranças sobre as linhas de Bonde e o Zepelim:

"Eu andei muito de Bonde, quando eu voltei em 1948, ainda andava muito de bonde, naquela época. Andei de Zepelim, ai eu dava umas passeadas nele por ai."

Figura 65–Imagem do ônibus Zepelim da Viação Sul Americana, registrada em frente ao Mercado de São Brás



Fonte: BLOG DA FAU

Figura 66 – Imagem do Dirigível Pérolaem frente a Casa das Onze Janelas



Fonte: BLOG DA FAU

Figura 67 - Imagem do ônibus Dirigível da Viação Triunfo, registrada em frente ao Mercado de São Brás



Fonte: Foto tirada pelo ucraniano DmitriKessel em abril de 1905 para a revista Estadunidense LIFE. BLOG DA FAU

3. 4. OS CRUZAMENTOS DA MEMÓRIA

Ao traçar um eixo na pesquisa, na coleta de campo e posteriormente estabelecendo uma unidade nas análises de forma padronizada, pautada na apreensão do espaço urbano, buscamos sintetizar os elementos advindos da pesquisa etnográfica e suas variadas formas de coleta, na observação direta dos comportamentos sociais a partir de suas relações com o ambiente.

Partiu-se então para a análise geral de todo o conteúdo coletado, a seleção e classificação das informações retiradas das entrevistas, de acordo com categoria e a necessidade da proposta. Posteriormente foram construídos gráficos, que permitiram as análises qualitativas e a identificação dos percentuais do conhecimento adquirido; memória-espaço-tempo.

Foram realizadas 27 entrevistas classificadas em três categorias de acordo com o perfil dos entrevistados: a dos moradores, dos trabalhadores e a dos transeuntes, selecionadas posteriormente de acordo com a faixa etária. A categoria dos moradores foi dividida em dois grupos de faixa etária: entre 45 e 65 anos, e no segundo grupo de 65 a 95 anos. No primeiro grupo foram entrevistados dois moradores e no segundo sete.

A segunda categoria, a dos trabalhadores, foi classificada em três faixas etárias, entre 25 a 45, onde foram entrevistados três trabalhadores, na faixa de 45 a 65, um e na faixa de 65 a 85 também um entrevistado. Na terceira categoria, a dos transeuntes, também pudemos agrupar os entrevistados em três grupos, na faixa entre 25 a 45 anos foram entrevistados dois transeuntes, na faixa de 45 a 65 foram entrevistadas sete pessoas e na faixa etária de 65 a 85 um total de quatro transeuntes.

As informações selecionadas foram expostas em sete gráficos: o primeiro identifica a relação dos entrevistados com o Patrimônio edificado da Avenida, o segundo identifica as referências arquitetônicas relacionadas, o terceiro identifica as citações mais frequentes, o quarto define a memória das perdas, o quinto gráfico refere-se às principais queixas relacionadas à avenida, no sexto gráfico as vantagens de morar e trabalhar no local e por último o gráfico que define a afetividade com o local, este último relacionado principalmente aos entrevistados que mantinham um tempo maior de permanência na avenida, geralmente os moradores e ou trabalhadores mais antigos da avenida.

Os sentimentos identificados variavam de acordo com os trechos, no primeiro trecho é percebida uma preocupação com a manutenção do patrimônio e as reclamações

com o aumento da violência é mais acentuada. No segundo trecho, onde o número de moradores é maior, o sentimento de satisfação em morar no local é maior pela localização central e pela infraestrutura como comércio e serviços próximos. No terceiro e quarto trechos onde o comércio é mais acentuado, as reclamações são em torno da falta de limpeza e abandono dos prédios antigos, mas a satisfação no segundo trecho vem pela presença do Museu no quarteirão. No quinto e sexto trechos, a satisfação é gerada pela localização do Parque da Residência e de outros monumentos históricos, no entanto, a ausência de manutenção adequada, com relação a poda das árvores, canteiros e no abandono dos bens patrimoniais, acarreta insatisfação geral. A partir destes últimos trechos, a questão da violência não é mais citada, em decorrência da presença de uma delegacia no último quarteirão da via, mas a falta de limpeza na área é visível. A partir daí a presença de transeuntes parece mais acentuada.

De acordo com Bardin, a análise do conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (BARDIN, 1994, p.18). A memória é constituída por lembranças pessoais e coisas e finalmente lugares, que podem ser lugares de memória, lugares ligados a uma lembrança, ou são relatos que, por vezes, nem sempre tem uma estrutura cronológica. Por ser a memória seletiva, nem tudo fica registrado. As lembranças englobam relações que de tão cotidianas e banais passam despercebidas no dia a dia.

Ao analisar a memória afetiva, é necessário identificar as relações sociais, econômicas e políticas, e identificar os sentimentos de medo, desprezo, indiferença, agonia, violência, tristeza, e todo saber gerado pela vivência.

As conversações desenvolvidas no contexto das pesquisas, principalmente nas entrevistas, mostraram formas semelhantes de vivenciar o presente e formas iguais de pensar o passado, sendo comum a angústia da espera pelo futuro. O sentimento de repulsa ao patrimônio edificado, percebido em três entrevistados; Sr. Subhy Ayan, Dona Fátima Haber e Dona Florinda, vem em decorrência do abandono dos imóveis e a aparência de decadência impressa pelos eles, fruto da passagem do tempo e do descaso. Harvey (1992) evidencia ainda que a arquitetura não é apenas a domesticação do espaço, mas uma defesa contra a tirania do tempo.

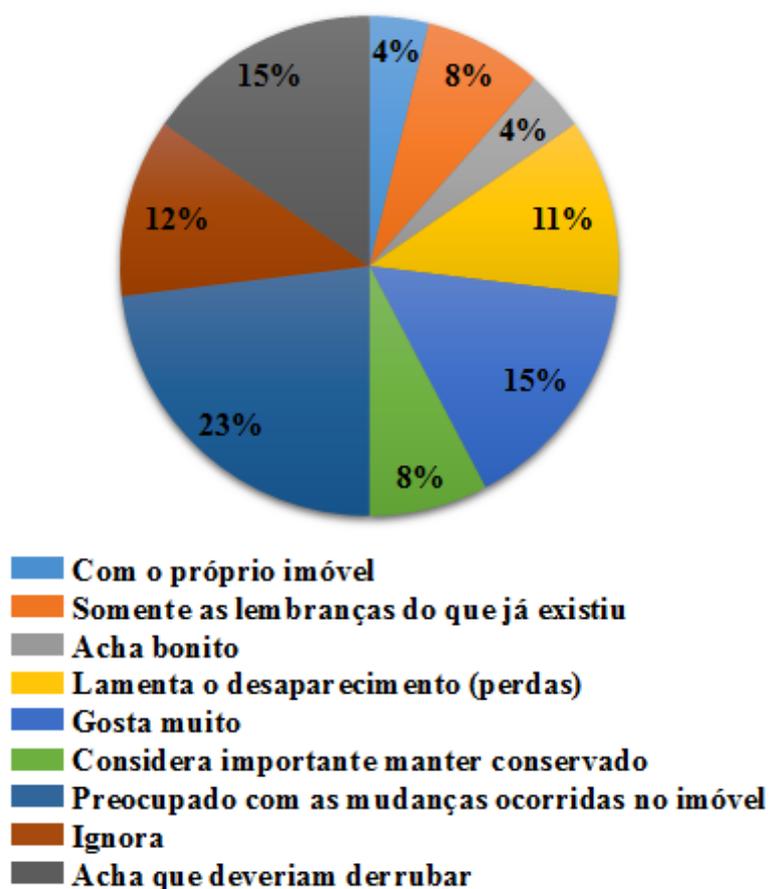
Ao entrevistar Dona Fatima Haber⁸³, no momento em que cuidava dos canteiros das mangueiras da avenida, ela reclama;

Eu acho um horror, eu tenho vontade de derrubar, o Governo deixa cair, para depois restaurar, para gastar mais, e não fazem à manutenção, eles fazem aquele cacacacacacará, e largam depois.

No gráfico abaixo são demonstrados os percentuais que identificam as relações que os atores desta avenida têm com o patrimônio edificado. Nele os percentuais registrados surpreenderam, pois o maior percentual de 23% demonstra a preocupação do entrevistado com as mudanças ocorridas nos imóveis antigos, seguido dos percentuais de 15% que correspondem aos que gostam muito e acham bonitos os bens patrimoniais históricos ali existentes. Em contrapartida, 15% consideram que deveriam derrubar, e 11% para os que se preocupam com as perdas ocorridas destes bens.

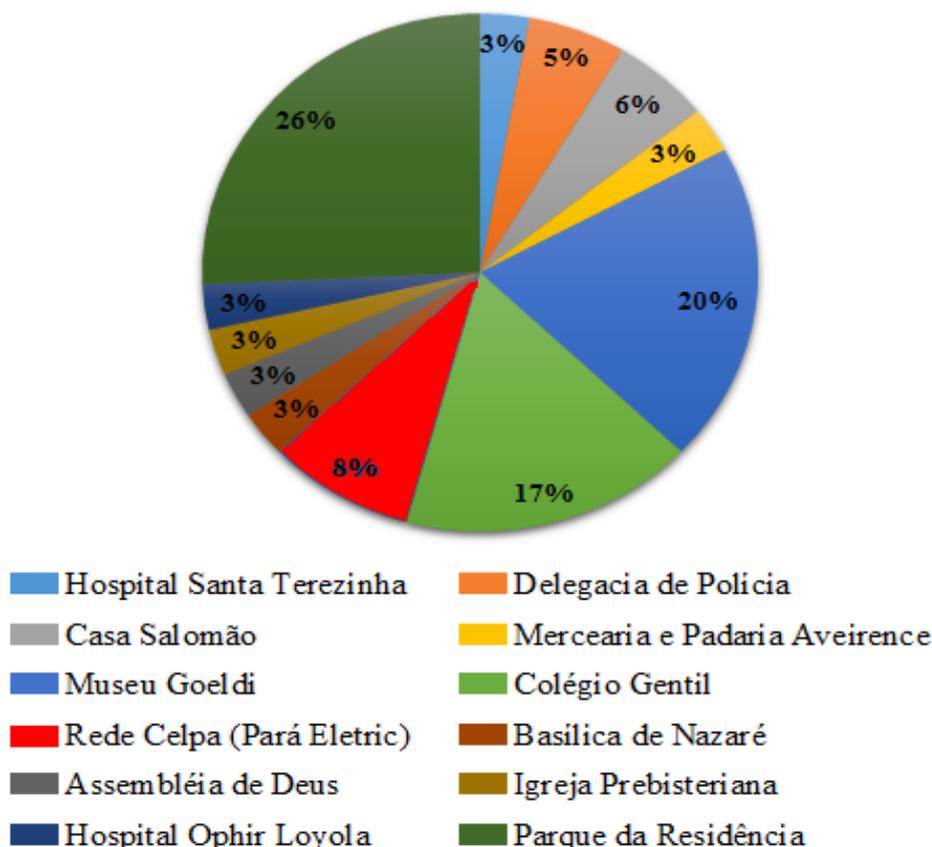
⁸³ Dona Fátima Hanna Haber, de 70 anos, concedeu entrevista na calçada da Avenida Magalhães Barata em 04-10-2014.

Gráfico 1 – Relação com o Patrimônio edificado



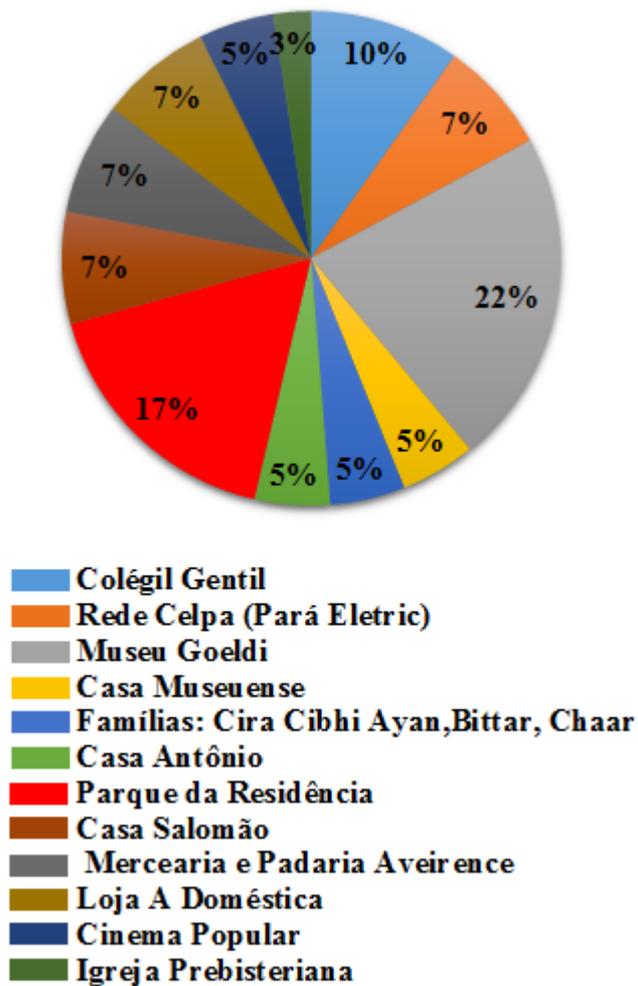
No segundo gráfico, são demonstrados os percentuais quantitativos de citações relacionadas a arquitetura local, seja ela antiga ou atual. As referências são usadas em sua maioria para identificar o local. A Merceria e Padaria Aveirence, com 3% de citação, único item relacionado ao passado que não mais existe. Com maior percentual são citados o Parque da Residência com 26%, seguido pelo Museu Goeldi com 20% e Colégio Gentil com 17%. Com percentuais de 3% ficaram a Basílica de Nazaré, a Rede Celpa, o Hospital Santa Terezinha, a Assembleia de Deus e a Igreja Presbiteriana. Destaca-se que a Assembleia de Deus pertence ao entorno da área da pesquisa.

Gráfico 2 – Referências arquitetônicas relacionadas



Na análise das entrevistas no que se refere ao item das citações mais frequentes, são demonstrados os seguintes resultados, observando a quantidade de vezes em que foram citados os elementos que configuram a Avenida; elementos da arquitetura e as famílias que permanecem ou marcaram passagem pelo local. Durante as entrevistas realizadas foram citadas, pelo menos uma única vez, por entrevistados diferentes: o Zepelim, o antigo mercado, o Instituto Brasileiro do Café e a Sorveteria do Japonês (O China), referências desaparecidas. Dos elementos que ainda permanecem na área destacamos com o maior percentual de 22% o Museu Emílio Goeldi, seguido do Parque da Residência, com percentual de 17%. Observou-se que as famílias foram citadas em 5% das entrevistas e o comércio com 7%. As referências ao comércio são aos ali existentes e os que ainda permanecem na memória dos entrevistados, como a Loja A Doméstica e a Mercearia e Padaria Aveirence, o Cinema Popular, Casa Antônio e a Museuense nesse caso, dos moradores e trabalhadores mais antigos. Como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Citações mais frequentes



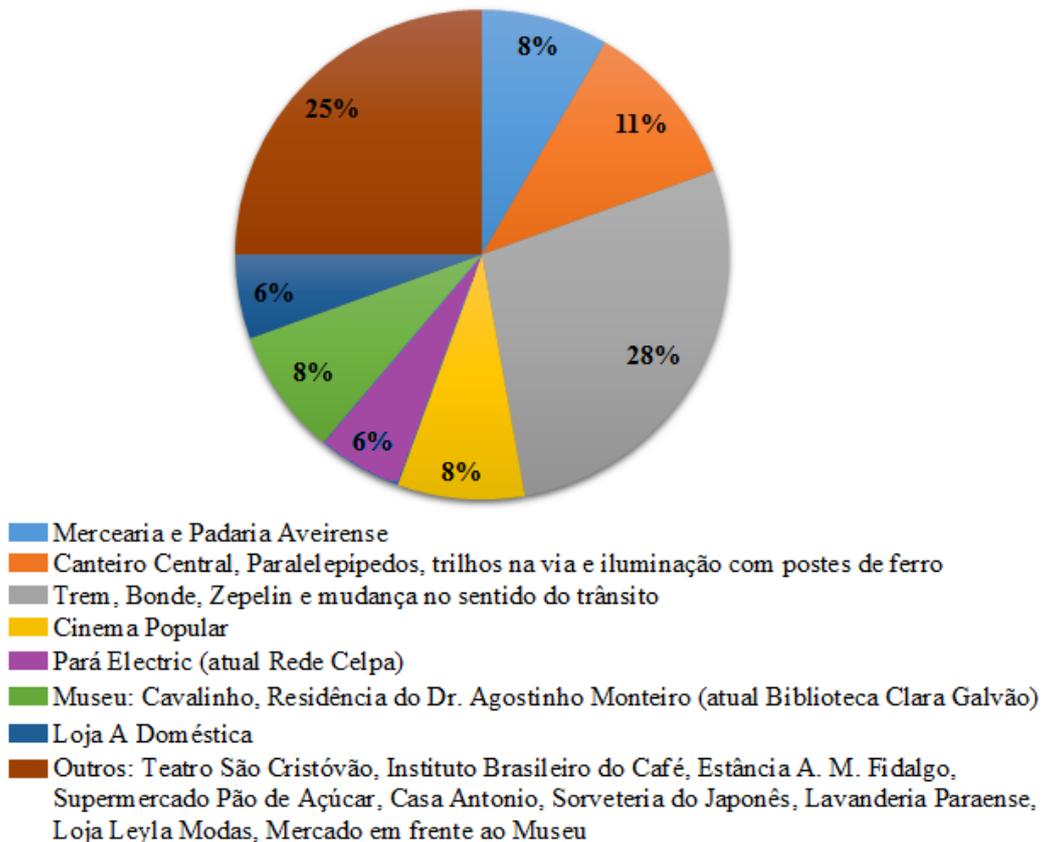
No gráfico 4, são demonstrados os resultados das análises dos elementos da arquitetura, que foram citados na entrevista, e que não mais existem, com exceção da Biblioteca do Museu (antiga Residência do Dr. Agostinho Monteiro e os cavalinhos do Museu (cavalinhos de brinquedos usados pelos fotógrafos para tirar fotografias dos visitantes do Parque Zoobotânico do Museu)). A maior perda relacionada foi ao sistema de transporte do início do século, como o bonde, o trem e o ônibus Zepelim, com um percentual de 28%. Ao Comércio e serviços que existiram na avenida, chegou aos 25%, o percentual de 11%, foram relacionados a infraestrutura da via, com 8% e 6% o Cinema Popular e a Mercearia e Padaria Aveirence, respectivamente.

Durante a entrevista com o Sr. Valquer Vidigal da Costa⁸⁴, aposentado 75 anos, morador do Edifício Banna, relembra e lamenta a perda.

"Eu andei de bonde, aqui, eu acho que deveriam ter homenageado o governador de outra maneira, e deixado o nome Independência. Ela tinha no centro um canteiro, e os paralelepípedos, eles começavam aqui da entrada da Celpa. Agora desde lá onde é a rodoviária de São Brás até aqui o bonde passava ia até o Ver- o- Peso, depois subia e pegava a Praça da República, depois voltava, ele tinha ida e vinda. A gente pagava com o dinheiro que era próprio da companhia, um papelzinho chamado "Boró". Eu me lembro do Zepelim. Há os ônibus que foram construídos na década de 50, mais ou menos, e eles trafegavam naquela altura, porque as linhas de ônibus, algumas saiam de São Brás e iam para o Jurunas, Batista Campos, Praça Amazonas, quem morava no Souza, no bairro do Marco tinha que pegar dois ônibus. Mas o bonde não, na época que tinha bonde ele ia até a Bandeira Branca que hoje é a Dr. Freitas que chamava Marco da Légua. Aqui em frente na antiga Pará Elétrica, era a garagem dos bondes, eles tinham entrada por aqui e lá pela São Jerônimo. Há, nós perdemos tudo isso".

⁸⁴O Sr. Valquer Vidigal da Costa, aposentado 75 anos, concedeu entrevista em seu apartamento no Edifício Banna no trecho I da avenida em 14-08-2014.

Gráfico 4 – Memória das perdas



As entrevistas foram realizadas, nos variados espaços ao longo dos trechos da avenida, identificou-se como opinião comum aos entrevistados, problemas que afligem os que circulam, os que moram e os que trabalham no local; a falta de manutenção da via, a ausência de manutenção das calçadas, a incipiente iluminação, a deficiência na limpeza, poda das árvores, abandono dos prédios, o desconforto causado pelo barulho, provocam sentimentos negativos e geram insatisfação geral, tanto para moradores como para os que trabalham no local. Estes sentimentos variam para menos e para mais, dependendo do trecho onde foi realizada a entrevista.

A angústia pelo futuro é constante nas falas dos entrevistados, são preocupações relacionadas a falta de segurança, gerada pela violência. São relatados identificados em boa parte das entrevistas. Este sentimento de insegurança é encontrado nas pesquisas realizadas em outra área comercial da cidade, como relata Borges:

Os resultados das pesquisas reforçam a necessidade de incentivar a mistura de usos, investindo em habitação social no centro: a população que ali hoje mora considera a área tranquila e bem localizada. Porém, nas áreas onde há predominância do uso comercial sobre o residencial, ocorre sensação de insegurança à noite (BORGES, 2013, p.102).

No gráfico das principais queixas, destaca-se o percentual de 21%, o maior, relacionado a violência no local. Seguido da preocupação com o abandono relacionado a manutenção do Parque Zoobotânico do Museu, com 15%. Observa-se que o barulho excessivo, a falta de limpeza da via e o abandono dos prédios, aparecem com o mesmo percentual de 10%. A falta de manutenção das calçadas, trânsito intenso, a falta de acessibilidade, e a poda inadequada das árvores, chegaram num percentual de 5%. A preocupação com a falta de segurança foi tratada em quase um terço das entrevistas, e em uma delas foi relacionado o abandono dos imóveis com o aumento da violência.

Ao conversar com Fátima Haber⁸⁵, proprietária de loja da avenida, que cuida por conta própria dos canteiros da avenida, ela nos relata sua opinião quanto a manutenção da via:

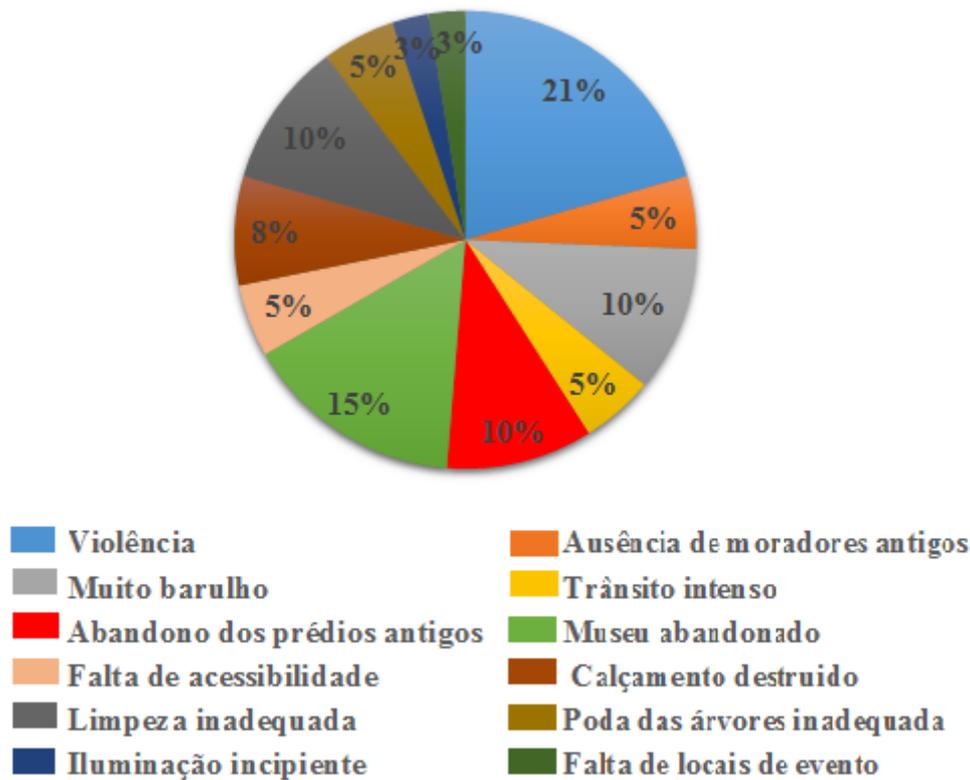
“Os Garis, eles precisam ter educação, eles não trabalham com amor, a limpeza é péssima, eles não sabem limpar. Eles juntam o lixo e não levam. Eu que coloco as lixeiras aqui, com corrente. Ai eu coloco uma placa nelas, “Jogue o Lixo aqui que o canteiro agradece.” O Prefeito me prometeu cem lixeiras. O problema é que eu sou só. Outra queixa são as mangueiras, eles não sabem podar porque as ervas daninhas, não se tira com moto serra, é com ancinho porque senão ela nasce de novo”.

Dona Florinda Antunes de Sá, moradora do Residencial Jardim Socilar desde 1984, quando entrevistada, reclama pelas dificuldades encontradas ao caminhar pela avenida, ela costuma usar alguns serviços da avenida, como padaria e lojas, ela frequenta os arredores como o supermercado Yamada, a Padaria Avenida, também costuma participar sempre das comemorações da Semana do Japão na Associação Nipo-brasileira, sempre caminhando a pé:

“Acho que mudou muita coisa, o transito piorou, as calçadas, os bueiros. Há, as vezes eu vou numa lojinha em frente ao Museu, comprar agulhas e linhas e almoçar no Parque da Residência. As mangueiras, diminuem o calor, melhorando a caminhada, Eu gosto daqui, tem tudo perto, mesmo que fosse um apartamento melhor eu não sairia daqui”.

⁸⁵ Dona Fátima Hanna Haber, de 70 anos, concedeu entrevista na calçada da avenida Magalhães Barata em 04-10-2014.

Gráfico 5 – Principais queixas



No gráfico abaixo, são demonstradas as vantagens citadas pelos entrevistados, em morar no local, observa-se que a boa localização tem o maior índice de 22%, o que atrai as pessoas que moram no local, seguido do percentual de 15% relacionados a infraestrutura e ao comércio perto, apenas 7% foi relacionado a tranquilidade. E os demais itens se igualaram com os 7% percentuais.

Algumas destas vantagens foram citadas por Rosana Ribeiro da Costa⁸⁶, moradora há 17 anos no Edifício Banna, única entrevistada, a citar o Supermercado Pão de Açúcar;

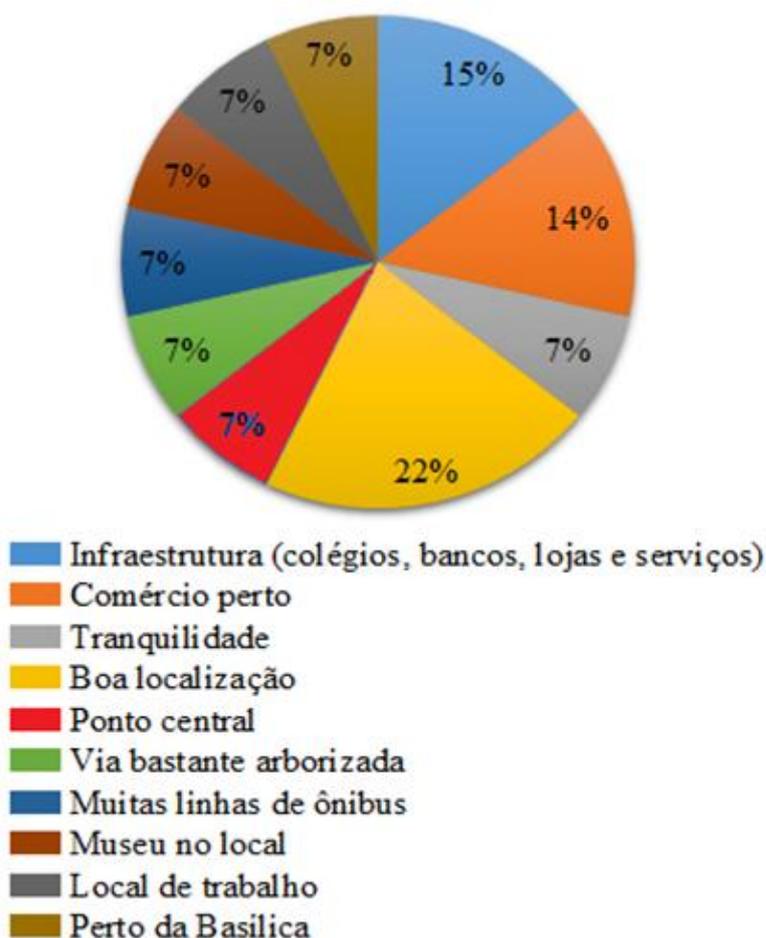
"Primeiro de tudo, porque estou perto dos meus pais, da parada do ônibus bem na frente do prédio, não precisa ter carro para eu me movimentar, porque eu acesso tudo aqui a pé e de ônibus, e muito arborizado, uma das melhores coisas, ameniza o calor, dá pra andar ao meio-dia, pode está quente aqui, mas lá em São Brás é muito pior."

⁸⁶ Rosana Ribeiro da Costa de 45 anos, moradora do trecho I, concedeu entrevista em seu apartamento no dia 14-08-2014.

Outra moradora do Edifício Banna, relaciona as vantagens do local, Dona Paula Ribeiro da Costa:

“A eu gosto de morar aqui, aqui é um ponto bem central, nós estamos bem privilegiados, se é meio de transporte nós temos assim nos rodeando, inclusive com parada de ônibus na frente de casa, aqui passa os micro ônibus, enfim eu acho que é um dos privilégios, além de que estamos próximos aos bancos mais de um. Eu também falo do grande Museu Goeldi, a ao museu que pra nós é referência, não só para nós, mas para todo o Brasil e pra todo o mundo, pelo trabalho que ele faz. E as Igrejas e capelas aqui próximas. No subsolo do prédio, nós temos cabeleireiro, temos dentista, advogados, isso facilita muito, a Rede Celpa, eu também falo do Museu Goeldi. Olha é muito rico este trecho aqui.”

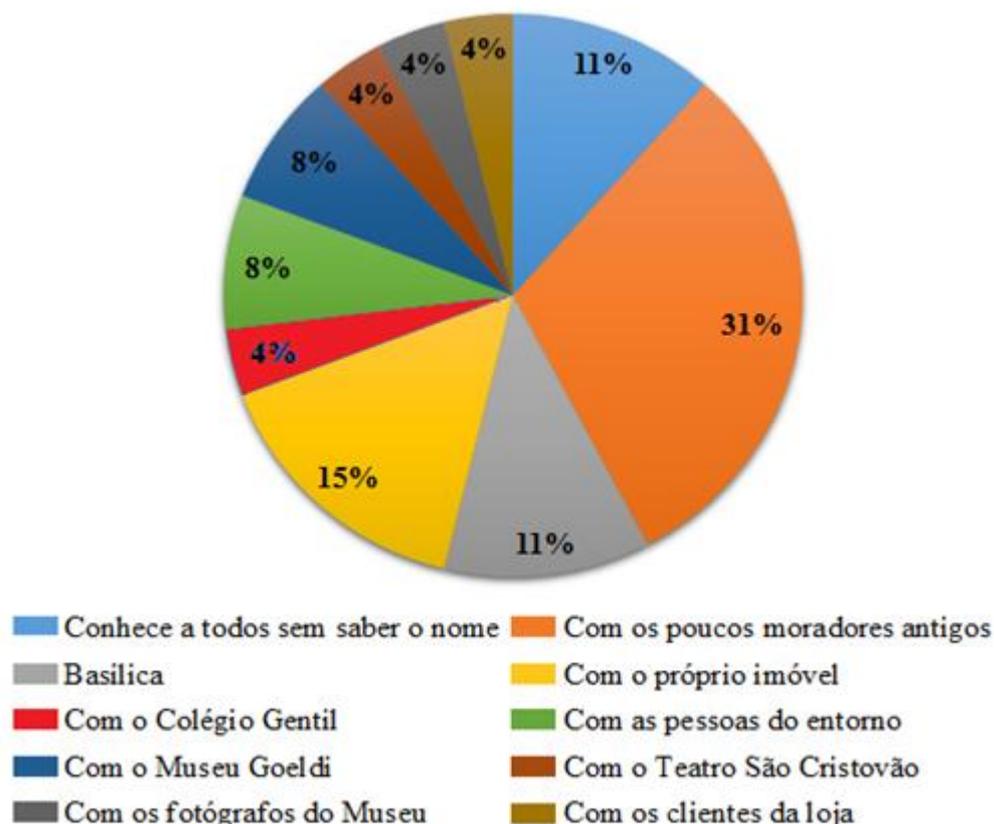
Gráfico 6 – Vantagens inerentes ao local



No gráfico abaixo, os resultados em torno da afetividade com o local, demonstrada pelos entrevistados, de acordo com o sentimento estabelecido de apropriação, segundo maior ou menor interação com a área. O vínculo com a avenida variava de acordo com o tempo de passagem do entrevistado pela área. Com um percentual elevado de 31%, a afetividade está relacionada às relações pessoais e afetivas mantidas com os moradores e seus vizinhos. Com um percentual de 15%, a afetividade com o seu próprio imóvel, e com um percentual de 11%, a afetividade vem com a religiosidade relacionada a Basílica de Nazaré, e Colégio Gentil Bittencourt com apenas 4%. Com 8% a afetividade com o Museu e com as pessoas do entorno, os outros percentuais de 4% são de trabalhadores com relação aos seus clientes, com o mesmo percentual de 4% a afetividade com os fotógrafos do Museu. As relações afetivas memórias e apropriações identificadas, são relatadas por Pollak:

O patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias (POLLAK, 1989. p.1).

Gráfico 7 – Afetividade com o local



O material coletado durante as entrevistas, são descobertas inusitadas repletas de observações ricas em detalhes, que cresceram, ou mesmo fortaleceram o conteúdo deste trabalho. São histórias contadas pelos moradores mais antigos, aqui costuradas, junto com seus anseios, suas preocupações, pontuadas de saudosismo. São relatos de experiência associadas à história a as relações sociais e espaciais especialmente aos exemplares da arquitetura no local. As características físico-espacial e físico-cultural interagem com as vivências alidescobertas, e permeiam as percepções e ações cotidianas.

Na análisedos percentuais dos gráficos foi constatado que as principais queixas, que consideramos como desvantagem de morar na local que são; a violência, seguido de outros fatores como o barulho intenso e a falta de manutenção da área. Se compararmos os percentuais dados aos fatores das desvantagenscom os percentuais das vantagens de se morar no lugar; levando em consideração os itens de; a área ser central e manter uma infraestrutura considerável, percebemos que os percentuais se igualam, considerando uma margem pequena de diferença para maior nas vantagens de se viver na avenida. Percebe-se quea insegurança é visível na fala dos entrevistados, o que nos leva a necessidade se ter um instrumento legal mais específico, delimitando a área de atuação, neste caso toda avenida. Assegurando toda a diversidade cultural e combatendo a intolerância que destrói as formas de expressão, sejam elas do passado ou do presente.

A relação com o patrimônio edificado é acentuada e a preocupação dos entrevistados com as mudanças ocorridas nos imóveis e conseqüente mudança da paisagem local é considerável. Concluimos também que os mesmos utilizam como referência os monumentos arquitetônicos da avenida como o Museu Emílio Goeldi com um percentual elevado seguido do Parque da Residência. Os dados mostram que a maioria dos entrevistados consideram importantemantê-los conservados.

Considerando o gráfico nº7 'afetividade com o lugar', observou-se um percentual elevado de 31%em relação a todos os outros gráficos, no item referente as relações mantidas entre as famílias de moradores mais antigos do local. A relação que o morador tem com o seu próprio imóvel 50% menor. Nas memórias das perdas, e percebido um percentual elevado relacionados ao trem, ao Bonde e ao ônibus dirigível Zepelim. Observa-se um percentual importante ao que já existiu na via, sua pavimentação em paralelepípedo, ao canteiro central, aos postes de ferro e aos trilhos do bonde.

As memórias descobertas estão relacionadas a: paisagem, as datas, a personagens históricos, as tradições, aos costumes. Os relatos impregnados de saudosismo, pertencem principalmente moradores e trabalhadores que por longo período traçaram relações e vivenciaram as mudanças ocorridas na avenida, ao longo dos anos.

4 O REGISTRO DA CONTEMPORANEIDADE

Uma sociedade que apresenta as mesmas variações, a começar por ter aberto o século XXI sendo reconhecida como uma nova sociedade – a sociedade da tecnologia da informação – e que vive numa condição a que muitos se referem como sendo de pós-modernidade. (CASTELLO, 2007, p. 3)

4.1 OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS DA PÓS-MODERNIDADE

Os Avanços da tecnologia na construção civil e os mais recentes nos meios de comunicação promoveram transformações imediatas no cotidiano e no quadro das moradias da população. A tecnologia está para ser utilizada a favor do futuro, possibilitando a continuidade do passado como reforça Benjamin “A era da reprodutibilidade técnica, a cultura e a arte atualmente estão disponíveis para todos e difundir-las traria muitos benefícios e se tratando de arquitetura, ela é justamente a que possui a história mais longa que qualquer arte, devendo ser valorizada”. (BENJAMIN, 2000, p.168) Outros autores também analisam a globalização e os avanços tecnológicos, como Castello:

Com efeito, para Castello os avanços nas tecnologias de informação não só funcionaram esplendidamente para tornar os fluxos financeiros interligados globalmente, como, também, tornaram os fatos culturais instantâneos e simultaneamente percebidos em todo o globo, com a mesma intensidade e nas mesmas proporções. (CASTELLO, 2007, p.4)

Continua Castello:

A urbanidade é uma qualidade típica e única do ambiente construído pelo ser humano. É nosso entendimento que a urbanidade é a qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente. (CASTELLO, 2007, p.29)

Equacionar a relação homem/cidade e sua continuidade de forma harmônica também é reforçada por Giulio Argan “A cidade está para a sociedade, como o objeto para o indivíduo. A sociedade se reconhece na cidade, como o indivíduo no objeto. A cidade, portanto é um objeto de uso coletivo”. (ARGAN, 1988, p. 04) Para Argan a cidade deve ser vivida e aproveitada de forma coletiva em todas as suas possibilidades. Entendendo que as cidades constroem e reconstróem identidades, em seus processos sociais.

A mesma velocidade que a tecnologia nos aproxima do futuro, ela nos afasta do passado de nossos valores, de nossa história. É o processo de globalização, mudando nossas vidas, nos levando a todos os lugares e nos cegando os detalhes. O registro da

Modernidade, na inscrição do progresso, nos fios elétricos, nos muitos postes, no volume ensurdecedor das buzinas e dos motores, emudecendo o som dos pássaros. É visível então, a comovente resistência da natureza, no verde encoberto pela fuligem das fumaças dos carros.

4.2 O LEGADO ARQUITETURAL DA AVENIDA

A avenida em questão serve como via de acesso aos bairros mais afastados do centro, provocando um caos no trânsito. No entanto, como o dia era atípico, primeira sexta-feira do mês de julho, as pessoas se encaminham para os balneários, as repartições públicas não funcionam, o fluxo de pessoas e de carros diminui, momento ideal para uma análise mais detalhada das características da área; situação do bairro como a infraestrutura, detalhe da via, como sua pavimentação e largura das calçadas, da iluminação, acessibilidade, alinhamento das fachadas, etc. Tal fato, nos facilitou anotar o máximo de informação sobre as edificações que emolduram a avenida como; detalhes das ornamentações, as platibandas, os frontões, vãos de esquadrias janelas e portas. Características descritas no trabalho disciplinar desenvolvido pelos alunos da matéria Estética das Artes Plásticas durante a imersão na avenida:

*"A avenida possui diferentes estilos em suas edificações. Edifícios em estilo eclético convivem lado a lado com edifícios modernos e contemporâneos formando um verdadeiro contraste arquitetônico ao longo da via. Uma característica bem marcante na sociedade pós-moderna de Fredric Jameson, estilos antigos de arquitetura se relacionam com os contemporâneos, muitas vezes complementando, outras se opõem."*⁸⁷

Este contraste descrito pelos alunos de arquitetura se observa com frequência, em toda a extensão da avenida, do início ao final. Os imóveis antigos sendo eles de caráter público ou particular, convivem com imóveis modernos, preservados ou não, que estão ali testemunhando o passado. A melhoria na infraestrutura modificou o uso do solo, favorecendo o crescimento do comércio e serviços, o que também influenciou o modo de habitar do local.

⁸⁷Copilado do trabalho desenvolvido por alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em 2014 a qual fiz estágio docente. O referido trabalho intitulado como; "Avenida Magalhães Barata: Análise Histórica, Urbanística e Social" de autoria dos alunos, Claudio Lucas Guedes, Samara Souza de Paula, Tomás Henrique de Oliveira Costa e Wendell Trindade Rocha. (pg. 08)

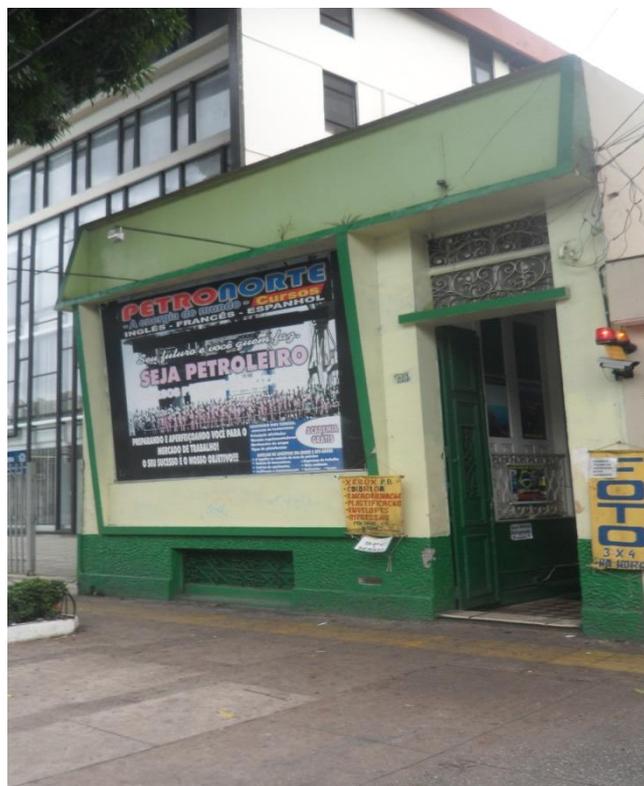
No primeiro trecho da via, entre dois prédios de arquitetura contemporânea, uma edificação espremida escondida entre placas quase não é percebida pelo transeunte. Com características modernas possui vãos de janelas altos com frisos e platibanda, no entanto os elementos internos lembram as linhas do ecletismo, apresenta porão habitável e a porta principal leva a uma escada de três degraus no pequeno vestíbulo, denunciando uma possível reforma de modernização de um imóvel colonial, a fachada parte encoberta pela placa denota o uso do imóvel agora comercial. (Figura 68) De acordo com os relatos de Cybelle Salvador Miranda⁸⁸, ali funcionou a Escola de Ballet Vera Torres por volta de 1980. Quando fazia ballet no local, Miranda lembra da distribuição dos cômodos do imóvel, que pela sua descrição, o imóvel tinha porão habitável, e no primeiro pavimento onde funcionava a escola de ballet, Este depoimento, confirma ser este, originalmente um imóvel pertencente ao ecletismo.

"Lá nos idos dos anos 80 do século passado uma das minhas 'casas' era aquela da Avenida Magalhães Barata, em frente ao Colégio Gentil Bittencourt, ao lado de um grande edifício residencial. Nesta antiga habitação com fachada provavelmente reformada nos anos 50 ou 60, revestida com pastilhas coloridas, nota-se ainda o gradil do porão habitável, indício de que fora construída com linhas ecléticas no início do século XX. Recordo que não me agradava a fachada, tão destituída de ornamentos, um pouco descuidada, e que contrastava com o interior que ainda mantinha uma atmosfera de antiguidade. A porta quase sempre aberta, alta, tinha um acesso ao porão, que era ocupado por uma família, enquanto que o restante da casa era tomado pela Escola de Ballet Vera Torres, minha professora. Ao passar o pequeno hall, avistava D. Maria Amélia, com sua cabeleira branca e ar ranzinza, sentada à mesinha, pronta a carimbar as carteirinhas das alunas. À esquerda, a grande sala de dança mantinha o piso em tábuas corridas, com os grandes espelhos e barras metálicas ao redor do recinto. As antigas janelas tinham sido substituídas por uma única abertura, larga, e que mantinha a privacidade das aprendizes de bailarina com uma folha de Duratex a ela encostada. Ao fundo, a professora sentava, havia o aparelho de som com as músicas adequadas as etapas da aula. Na direção da entrada, seguia-se um corredor estreito, conduzindo as salas de trocar, a primeira para as meninas, e a segunda para os meninos, e, salvo engano, entre elas situava-se um banheiro. O corredor abria vastas janelas para a lateral, por onde entrava a iluminação, e a ventilação encanava pela porta da entrada,

⁸⁸Cybelle Salvador Miranda, é professora Dra. da FAU/UFPA e orientadora deste trabalho de pesquisa, concedeu depoimento no dia 6 de Março no Laboratório LAMEMO/FAU/UFPA.

formando-se um corredor de vento. Como este era o nosso limite físico de acesso, não tenho memória do restante da casa, dos fundos, ou se havia cozinha."

Figura 68- Vista frontal do imóvel que possui fachada características modernas



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Outro imóvel que se destaca no primeiro trecho da via, e o prédio onde hoje funciona a Casa do Trabalhador, órgão pertencente ao Governo do Estado, que ajuda trabalhadores e se encaixa no mercado de trabalho e a conhecer seus direitos trabalhistas. Em estilo eclético com porão habitável varanda frontal e lateral com 10 colunas com voluta em espiral denotando o capitel em estilo jônico, com escada e guarda corpo balaustrado, ocupando o afastamento, platibanda coroando toda a extensão do telhado, com frisos emoldurando, os vãos de portas e janelas altas. (Figura 69)

O Sr. Elias Melo em entrevista com a autora informou que neste imóvel funcionou a Assistência a Parturiente.

Figura 69 - Fachada frontal da Casa do Trabalhador observa-se que parte da platibanda foi comprometida com a queda de uma mangueira no local



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Na esquina direita, no sentido do trânsito, no terceiro trecho da avenida, observamos um imóvel de dois pavimentos com platibanda em sua face frontal e lateral com canto chanfrado com coroamento simples em alto relevo com vinhas. Todos os vãos de abertura grande, possivelmente transfigura para imprimir modernidade ao prédio, todas as aberturas são fechadas por painéis de vidros, tanto no nível superior quanto no térreo. Pelas poucas características ainda encontradas nas fachadas, possivelmente este foi um sobrado eclético. Neste ponto já funcionaram inúmeros serviços, como assinatura de canais de TV, instituição financeira, e atualmente encontrasse fechado para alugar.

Ao lado uma loja de tecidos de malha em um prédio de dois pavimentos e arquitetura moderna, encostado na loja prédio de moradia familiar de três pavimentos, construção sobre pilotis, implantado de forma recuada no lote, sua fachada principal avarandada, em forma de V e perpendicular à avenida, e na fachada lateral que fica de frente para a avenida um painel de mosaico de azulejos ocupa toda parede lateral apenas interrompido por vãos de janela e pequenas sacadas, dando espaço para um pequeno lugar de convivência e garagem por todo o térreo do edifício. Ao lado um outro prédio de moradia com a mesma quantidade de andares que o anterior sendo que este a

arquitetura simplista, ocupa o lote de forma centralizada, oferecendo garagem pelos recuos laterais e ocupando todo o térreo com apartamentos.

Do outro lado, dois imóveis dividem a mesma platibanda balaustrada com vasos e pinhas e coroamento em meia lua, as fachadas possuem os mesmos detalhes, são pequenos elementos decorativos, com características ecléticas semelhante onde inclui porão habitável, cada imóvel possui três vãos de janelas altos com frisos superiores ao vão e fechamento em esquadrias duplas, guarda corpo trabalhado em ferro fundido, as portas de acesso ao lado oposto pareiam com o porão, no primeiro imóvel suas aberturas permanecem a mesma, no imóvel ao lado a abertura com porta de enrolar indica garagem.

No primeiro imóvel funciona um comitê eleitoral e no segundo um bar, com volumetria menor, este imóvel possui em sua fachada elementos decorativos do ecletismo, platibanda com cobogós vazados imitando rosáceas, com quatro aberturas de janelas com fechamento em folhas duplas, com frisos superiores e guarda corpo em grade de ferro, abertura de vão de portas central entre colunatas emergidas com capitel coríntios, separando as janelas em pares, porão habitável com aberturas para a rua, uma servindo como garagem. (Figura 70) O prédio está conservado com todas as suas características originais funciona o Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte – PPGARTES/UFPA. Os outros imóveis antigos, que se seguem deste lado da rua, são em número de três, todos ocupados por lojas, possuem a mesma volumetria todos com platibandas e elementos que compõem as ornamentações das fachadas, estes cobertos por placas que impedem a visualização total do conjunto.

Figura 70 - Prédio onde funciona o Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte – PPGARTES/UFPA.



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Ainda no mesmo trecho a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Vilhena Alves, construído em 1938 em um grande lote de esquina, com afastamentos frontais e laterais nos proporciona uma sensação de amplitude ocupando o restante da quadra. Esta construção ainda mantém suas linhas primitivas, seu partido dispõe de varandas externas laterais onde ficam as salas de aula. As linhas retas de sua fachada são pintadas nas cores bege com frisos em verde folha, destacando a arquitetura *Art Déco* (Figura 71).

Figura 71 - Vista frontal da Escola Vilhena Alves Vilhena



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Seguindo pela mesma face da rua, passamos em frente à FEIJ (Federação Estudantil Infante-Juvenil), espaço recreativo e esportivo de atendimento ao jovem. A Biblioteca Dr. Raimundo Martins Vianna, pertencente a federação, é sediada em prédio com entrada lateral e grande vão de esquadria com detalhes característicos do *Art Nouveau*; na fachada principal, a platibanda envolve todo o telhado do imóvel, um muro bem grande separa a instituição da rua. (Figura 72)

Figura 72 - Vista frontal da Biblioteca Dr. Raimundo Martins Vianna da FEIJ



Carmosina Calliari Bahia, 2011

Ao atravessarmos a esquina da Rua Três de Maio é impossível não perceber a suntuosa presença do Restaurante Soprano. Antigo Palacete Zaíra Passarinho (Figura 72), chamado assim por ter sido propriedade da família Cezar Santos Passarinho. O imóvel foi projeto de José Sidrim⁸⁹, construído em 1925 em estilo Suíço, apresenta cobertura em telhas francesas, com telhado em vários níveis e inclinação acentuada. Os detalhes Enxaimel nas fachadas, varandas com guarda corpo trabalhado em madeira denotam as características *Art Nouveau*. De localização privilegiada, na esquinacentralizado no lote,

⁸⁹Arquiteto cearense José Sidrim desenvolveu projetos de igrejas, fábricas, clubes e escolas, entre outros programas. No entanto, foi sua obra residencial que lhe rendeu o reconhecimento como um dos mais relevantes arquitetos dessa época na região. A relação da obra de José Sidrim com o ecletismo foi descrita anteriormente pelas arquitetas Jussara Derenji e Ana Lea Nassar Matos em suas publicações (DERENJI, 1987; MATOS, 2003). Edificações suntuosas eram criadas com características bastante peculiares para a época, como a maior compartimentalização e especificação das funções dos ambientes nas residências, característica que cultivava a vida social mais ativa da sociedade e demonstrava o desejo de riqueza e ostentação burguesa (DERENJI, 1987).

com recuos laterais, ocupado por um jardim planejado que harmoniza com o imóvel, destaca-se na paisagem pela sua imponência.

Figura 73 - Vista em perspectiva do Palacete Zaira Passarinho



Carmosina Calliari Bahia, 2010

4.3A ARQUITETURA COMO TESTEMUNHO DO PASSADO

4.3.1 Os Condomínio Torre de Saverne e Edifício Terrazzus

Ao lado dos antigos galpões da Rede Celpa, no segundo trecho do percurso, notamos um condomínio de apartamentos de luxo, construído no fundo do terreno, onde na frente foi restaurado um imóvel antigo. O que chama a atenção é a situação inusitada, pela ocupação do terreno pertencente ao imóvel imperial, que por força da lei foi restaurado e passou a fazer parte do condomínio. Esta situação; condomínios de apartamentos construídos no fundo do terreno, e na frente um imóvel antigo restaurado, prática que começa a ser frequente na cidade e na via de estudo. São empresas de engenharia que adquirem imóveis com grande área livre, geralmente quintais. Erigem espigões nos terrenos antes desocupados, iniciam-se obras de construção de prédios, são condomínios de apartamentos modernos. A empresa então se propõe a preservar o imóvel ali construído, geralmente representativo de alguma fase da arquitetura, como no caso o classicismo imperial brasileiro, e utilizam o imóvel já restaurado para atender a infraestrutura do condomínio geralmente como área de lazer, salão de festas ou de jogos.

No Condomínio Torre de Saverne, a empresa construtora, utilizou o terreno que pertencia a um imóvel com características do classicismo imperial, restaurado para ser usado pelos condôminos como salão de festas no pavimento superior e salão de jogos no porão. O imóvel guarda todas as características originais, fachadas cobertas em sua totalidade por pequenos azulejos franceses em baixo relevo na cor rosa e branco formando um grande pano rendado com rosáceas, o coroamento da platibanda que envolve toda a extensão da cobertura, possui detalhes que lembram o mesmo bordado da fachada, na parte frontal janelas em arco pleno contidas por guarda corpo balaustrado. Sua face lateral esquerda afastada do limite do lote, permite a passagem de veículos. O prédio construído, o Torre de Saverne, possui gabarito vertical acentuado localizado de forma central no final do lote, formando um grande recuo frontal, preenchido por uma via pavimentada com piso permeável drenante por elementos vasados, permeado por grama e margeado por jardim até chegar ao limite da rua. No final da via, testada do terreno a guarita faz a segurança dos moradores, deste empreendimento. (Figura 74 e 75)

Será esta a salvação para nosso patrimônio arquitetônico? A especulação imobiliária a todo vapor, lá o valor do metro quadrado é alto, reservado para classe média. As mudanças sociais, políticas e econômicas contribuem para a transformação do espaço físico, aliada ao desenvolvimento tecnológico, seus materiais e suas várias possibilidades transformam a arquitetura e o conceito de morar. Estas mudanças despertadas pela revolução industrial e depois a tecnológica, são contestadas por alguns autores, Choay descreve um trecho do livro de Camilo Sitte:

Não se trata absolutamente de uma constatação limitada e precisa: a feiura da cidade contemporânea ou, antes, sua carência de qualidade estética. Não se trata absolutamente de uma condenação geral e moral da civilização contemporânea, como no caso de Ruskin. Ao contrário, essa crítica faz-se acompanhar de uma tomada de consciência aguda das dimensões técnicas, econômicas e sociais da transformação operada pela sociedade industrial e da necessária transformação espacial que ela implica. O Progresso técnico modela o mundo (CHOAY, 2001, p.183).

Figura 74 - Vista em perspectiva do imóvel restaurado e pela empresa que construiu o condomínio fechado Torre de Saverne



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Figura 75 - Vista geraldo imóvel restaurado, do condomínio fechado indicado pela seta, e da entrada lateral de veículos



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Esta imersão nos permite uma aproximação urbana, uma visão equacionada sob um novo olhar, uma visão que por vezes atende a um nostálgico passadismo. Estimulada por um modo de percepção sensorial, é neste momento que o etnógrafo pensa como um autor de uma narrativa antropológica, de uma história que entre uma caminhada parece tão viva para os que a leem como afirma Ketzer⁹⁰:

Esse ambiente urbano... a nós tão familiar, para mim digo estranho. É sobre esse processo que penso o movimento da cidade, quando tento significar o mundo e lhe dar um significado. É restituir essa condição meramente humana das classes sociais, em caminhos delirantes de conseguir coexistir e mesmo analisar. (KETZER, 2010, p.1).

Caminhar na avenida é reencontrar vestígio do passado e ou de uma a ser história contada por seus viventes, lembrar é imprimir valores e significados a conturbada vida urbana. A manhã avançava, o sol intenso dificultava a caminhada, com passos largos sobre a “calçada cidadão”, ainda tinha muito a vislumbrar. Notamos então mais um patrimônio sendo restaurado por uma construtora, em terreno lateral ocupado pela construção de uma torre de outro luxuoso condomínio o Edifício Terrazus. Este imóvel colonial com vãos de abertura em arco pleno nas suas duas fachadas, e platibanda simples fazendo todo o contorno do telhado. No entanto, a sua restauração executada pela empresa que construiu o Condomínio Edifício Terrazus, não privilegiou as teorias do restauro, principalmente no que concerne as cores da fachada, ou seja, não imprimiu os mesmos cuidados aplicados ao imóvel descrito anteriormente. (Figuras 76, 77 e 78)

⁹⁰Estevam de Negreiros Ketzer é mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), escreveu o artigo “A Travessia da Margem: Notas Etnográficas sobre a Memória Coletiva na Travessa Venezianas, 2012”.

Figura 76 - Vista lateral do imóvel em processo de restauração por uma empresa responsável pela construção de um condomínio fechado no mesmo terreno do imóvel



Carmosina Calliari Bahia, 2010

Figura 77 - Vista geral do; 1- parte da platibanda do Prédio onde funcionou o Colégio Pequeno Príncipe, 2- identifica o imóvel restaurado e 3-indica o prédio construído no mesmo lote do imóvel antigo



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Figura 78 - Vista da Portaria do Edifício Terrazzus, a seta indica o prédio, que fica recuado no lote, observa-se a entrada lateral para veículos



Carmosina Calliari Bahia, 2014

4.3.2 O Cinema no Tucupi

Os edifícios modernos são frequentes na via, outros estão sendo construídos em decorrência de um mercado imobiliário em ascensão na área, situação observada pelos alunos de arquitetura da UFPA⁹¹:

"Sendo uma avenida de localização estratégica, o mercado imobiliário, desde que começou a ganhar ritmo acelerado de produção na cidade, já via a avenida em questão como "promissora" para o desenvolvimento de empreendimentos residenciais e comerciais. Ao longo das décadas de 60, 70 e 80, foram construídos vários edifícios de características modernas na área central de Belém, o que incluía Avenida Magalhães Barata, formando determinado "contraste" com as edificações mais antigas, em estilo eclético e neoclássico".

Apesar do cansaço, respiramos fundo, tomamos um novo fôlego, alcançamos o sexto trecho do percurso. Mais uma vez a volumetria se modifica com um prédio de um luxuoso condomínio fechado, bastante recuado e rampa de acesso atravessando todo o

⁹¹Copilado do trabalho desenvolvido por alunos da disciplina Estética das Artes Plásticas, ministrada pela professora Cybelle Salvador Miranda, em 2014 a qual fiz estágio docente. O referido trabalho intitulado como; "Avenida Magalhães Barata: Análise Histórica, Urbanística e Social" de autoria dos alunos, Claudio Lucas Guedes, Samara Souza de Paula, Tomás Henrique de Oliveira Costa e Wendell Trindade Rocha. (pg. 08)

jardim projetado. Na portaria principal uma placa sobre uma pedra de mármore quase uma lápide “Aqui Jaz”, indicando que ali era o local do Antigo Cinema Independência inaugurado no Natal de 1931 em estilo *Art Déco*, por muito tempo recebeu o título de maior cinema da cidade que lá existiu o Cine Independência. (Figura 79). Na entrevista com um morador da avenida o Sr. Valquer Vidigal da Costa⁹², ele comentou sobre o Cine Independência:

“Lá onde é o Edifício Ilha de Capri era o Cinema Independência, inclusive eles têm um monumento em homenagem ao cinema”

Fomos levados a consultar sobre o assunto, foi na leitura do livro “Cinema no Tucupi”, publicação estritamente paraense, onde encontramos história e estórias do cinema paraense, em seus tempos áureos, muitas até inusitadas e algumas situações curiosas como a que desta aqui. “Juntos o Cine Moderno e o Cine Independência exibiam filmes simultaneamente, mesmo com uma única cópia, o sistema era transportar um dos rolos, por um ciclista, que ficava entre um cine e outro”. (VERIANO, 1999, p.33)

Figura 79 - Vista da placa fixada na Portaria do Edifício Ilha de Capri, indicativa da existência do Cine Independência, anterior a construção do edifício



Carmosina Calliari Bahia, 2014

⁹² O Sr. Valquer Vidigal da Costa, aposentado 75 anos, concedeu entrevista em seu apartamento no Edifício Banna no trecho I da avenida em 14-08-2014.

4.3.3 Os Imóveis Arruinados

A preservação do bem edificado nos permite a leitura do tempo e do espaço. Preservar é um direito, um dever. Alguns autores como Lima defendem que, devemos preservar o conjunto em que se insere o patrimônio seja ele natural arquitetônico e cultural:

Acreditando que a história social urbana se descreve a partir da análise das cidades e de suas edificações, e que a cultura tem sido sempre a cultura urbana, edifícios outrora simbólicos, antigos palacetes ou simples residências operárias devem sofrer transformações que valorizem suas estéticas e que justifiquem seus novos usos. (LIMA, 2007, p. 83)

Na avenida são muitos os imóveis que necessitam de uma intervenção imediata, como o imóvel do Trecho V, um grande tapume esconde o imóvel muito tempo abandonado. De dois pavimentos, apresenta detalhes na fachada de influência *Art Nouveau*, são detalhes arquitetônicos preciosos, que hoje são difíceis de serem visualizados em decorrência de um tapume. Com recuo frontal, com vãos de abertura apoiado por guarda corpo em grade de ferro, a vegetação parasita já toma conta do imóvel arruinado. (Figura 80) Segundo relato do Sr. Elias Melo, "Era a casa da família da Dra. Dora Casas Neto, era uma casa antiga muito bonita".

Garantir a preservação dos bens imóveis como documento\monumento, testemunho do passado, requer um empenho maior dos gestores políticos e de uma campanha de conscientização contínua. Proprietários e poder público em conjunto deveriam promover a preservação do patrimônio histórico edificado, promovendo o bem estar a identidade cultural do local. Como afirma o autor:

Os monumentos antigos que dão prestígio à cidade por sua beleza inimitável seriam, então, mostrados ao visitante estrangeiro, sempre ávido e curioso em observá-los e admirá-los; tais monumentos, menosprezados atualmente, seriam indubitavelmente bem cuidados se o habitante pudesse orgulhar-se de usufruir livremente de sua contemplação, além de constatar que o estrangeiro se beneficia da mesma fruição. (POULOT, 2006, p. 57)

Para Poulot, "Em um edifício, existem dois aspectos: seu uso e sua beleza; o primeiro pertence ao proprietário, enquanto sua beleza cabe de direito a todo o mundo; portanto, ao destruí-lo, desconsidera-se tal direito." (HUGO *apud* POULOT, 2009, p. 163) No entanto, há existência de conflitos na decisão do que preservar. As divergências que levam a valorização deste ou daquele, ou o que nos leva a decidir o que esquecer ou o que preservar, e como guardar este testemunho nas ruas em questão, vem de encontro

com as transformações, comum a todos os ambientes das cidades. Estas mudanças cumulativas são definidas por Bogéa:

Os ambientes construídos pelos homens guardam, através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de representação dos indivíduos que ali convivem. Impossível e inconveniente querer manter integralmente a memória materializada na produção cultural. (BOGEA, 2009, p. 3)

O processo de descaracterização em decorrência da ausência de políticas públicas, aliado a má gestão dos recursos destinados a restauração e manutenção de prédios históricos tombados. Estes fatores levam a um acelerado processo de degradação dos monumentos, com isso desaparece parte de nossa herança cultural. Poulot define bem o processo que leva a valorização do Patrimônio, pela vontade pública e pela gestão administrativa:

O patrimônio define-se, ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético-e, na maioria das vezes, documental, além de ilustrativo, inclusive de reconhecimento sentimental- que lhes atribui o saber comum, enfim, por um estatuto específico, legal ou administrativo. Ele depende da reflexão erudita e de uma vontade política, ambos os aspectos sancionados pela opinião pública; essa dupla relação é que lhe serve de suporte para uma representação da civilização, no cerne da interação complexa das sensibilidades relativamente ao passado, de suas diversas apropriações e da construção das identidades. (POULOT, 2009, p.13)

Para Viollet Le Duc a indiferença é determinante no processo de degradação do monumento. "Ficaram assustados com a ameaça de destruição de todos esses restos tão notáveis e com os atos de vandalismo diários perpetrados pela mais cega indiferença. " (LE DUC, 1994, p.29)

Figura 80 - Vista em perspectiva da fachada de um dos imóveis abandonados mais significativos da arquitetura local



Fonte: Site Nostalgia Belém

Outro imóvel antigo arruinado o “Teatro São Cristóvão”⁹³ construído 1913 em estilo Art Déco erguido em 1913 e inaugurado pela União dos Chauffeurs, em 1958, ainda resiste a ação do tempo. A fachada ou o que restou dela, hoje é amparada pela vegetação, que abraçou as paredes que restam. O espaço era referência na apresentação de grupos de pássaros folclóricos nas décadas de 1950 a 70, e também usado pelo movimento estudantil e artistas que lutavam contra a Ditadura Militar.

Um projeto assinado pelo governo do estado promete uma restauração. Segundo o Diário do Pará de Agosto de 2013, o Ministério da Cultura aprovou recentemente projeto que libera recursos no valor de R\$ 4 milhões para a restauração da antiga sede da União Beneficente dos Chauffeurs do Pará e reconstrução do Teatro São Cristóvão (Figura 81). A obra é uma parceria entre Ministério da Cultura (Minc) e o Governo Estadual, por meio da diretoria de patrimônio da Secretária de Cultura do Estado do Pará (SECULT). O projeto de reconstrução pretende corrigir alguns detalhes importantes na estrutura do teatro. Segundo o Secretário de Cultura do Estado do Pará, Paulo Chaves.

Ele possuía uma plateia plana e um palco alto, além de um fosso, entre o palco e a plateia, que servia de bar, não tinha ar-condicionado e nem uma acústica adequada. Através do projeto, o espaço será tratado acusticamente,

⁹³O Teatro São Cristóvão foi inaugurado pela União dos Chauffeurs em 1958, anexo à sede, como um espaço para confraternização dos associados. Na década de 1980, o espaço já era conhecido pelo apelido de “Teatro dos Pássaros”. Tendo se tornado referência na cidade, serviu de palco também para shows de Roberto Carlos e Vinícius de Moraes. (Fonte: <http://www.agenciapara.com.br>)

mantendo suas características tradicionais e receberá climatização. Além disso, vamos dar a inclinação correta atual e moderna à plateia, que possui 200 lugares e receberá o escalonamento necessário. E o fosso voltará a ser fosso. Ele será transformado em um teatro qualificado não só para os Cordões de Pássaros, como também para a cultura popular em geral. Após restaurado, ali funcionará a sede da Orquestra Sinfônica do Theatro Da Paz e a Amazônia Jazz Band, além do Memorial dos Pássaros. (O Liberal,27.01.2014)

Figura 81– Vista em perspectiva da fachada do Teatro São Cristóvão



Carmosina Calliari Bahia, 2011

O imóvel se destaca no trecho pelo abandono. O aspecto que se apresenta o imóvel chama atenção do transeunte ou do morador do lugar, como relatou Dona Florinda Antunes de Sá⁹⁴, natural de Monte Azul, Minas Gerais, moradora da avenida, entrevistada para esta pesquisa, demonstrou insatisfação ao ser indagada sobre os prédios antigos:

"Deveriam derrubar, e construir novos no lugar. Gosto, quando está conservado, quando é de bom trato, mas abandonado como esse no quarteirão ao lado, tem uma árvore crescendo, na parede dele, (se referindo ao prédio do Teatro São Cristóvão) você já viu, quando eles reformam ai eu gosto, como essa casa bonita ai ao lado, que foi reformado". (Referindo-se a casa que funcionou a Companhia Vale do Rio Doce).

As questões relativas ao "Porque Preservar" estão relacionadas ao "Para Quem Preservar", onde vários princípios devem ser analisados.

⁹⁴ Florinda Antunes de Sá, de 78 anos concedeu entrevista em seu apartamento do prédio Jardim SOCILAR, localizado em frente ao Hospital Ophir Loyola no dia 22/09/2014.

Com ou sem análises mais extensas, a teoria do restauro oferece parâmetros para o reconhecimento dos bens de interesse para a preservação e o modo de atuar sobre eles, sendo tanto mais eficaz quanto maior for o entendimento entre os vários campos disciplinares; na falta de estudos extensos, porém, dá instrumentos para que se atue de forma conscienciosa, transformando sem deformar e destruir aleatoriamente os testemunhos de outras épocas. (KÜHL, 2009, p.23)

A importância de ter o bem restaurado vai além de uma vontade coletiva de ver uma obra de grande importância sair da degradação imposta pelo abandono, mas de uma questão de consciência pública, mesmo que em algumas dessas ações o poder público demonstre interesses diversos ao esperado, como reforça Kühl:

Distintas formas de encarar os monumentos históricos devem coexistir. Os bens culturais não podem e não devem ser tratados como se fossem alienados da realidade em toda a sua complexidade, incluindo-se nisso os aspectos socioeconômicos e políticos. São fatores que tem relevante papel, mas é necessário ter em mente, porém, que o movente, aquilo que motiva a preservação dos monumentos históricos, não é o seu valor imobiliário, nem seu aproveitamento par um futuro uso qualquer. A preservação é motivada pelo fato de nesses bens ser reconhecido um valor cultural- seu valor histórico, artístico, memorial e simbólico – tornando-os dignos de medidas para ser tutelados para próximas gerações, para que continuem a ser documentos fidedignos e efetivos suportes do conhecimento e da memória coletiva. Portanto, deveriam ser essas razões prevalentes para guiar o projeto de restauração. (KÜHL, 2008, p.58)

O cuidado ao desenvolver um projeto de restauro não deve deter-se apenas na intenção de salvar o bem de uma perda definitiva, e nem limita-se a aplicar técnicas de restauro, mas devolve-lo ao uso original ou a alguma atividade de relevância, como mostra a visão de Kühl:

Restaurar não é voltar ao estado original, nem a um estágio anterior qualquer da história do monumento, nem refazer imitando estilos do passado, percepção oitocentista que infelizmente ainda marca a postura de muitos arquitetos sobre o assunto; o restauro não é mera operação técnica sobre obra – deve ser necessariamente um ato crítico antes de se tornar operacional; projeto e criatividade fazem parte do restauro. (KÜHL, 2008, p.32)

Neste contexto não cabe falar em restauração, é necessário mudar os comportamentos individuais e sociais, onde se percebe sentimentos de gosto e de repulsa, por uma possível restauração. Precisamos adotar medidas práticas que deem prioridade na salvaguarda do patrimônio histórico arquitetônico. São legados patrimoniais que necessitam ser preservados, estudados e difundidos.

Os princípios de um campo disciplinar constituído, a restauração que, calcada nas humanidades e nas ciências naturais, perscruta os aspectos históricos, formais e de constituição material desses bens, oferecendo preceitos adequados para que essas obras possam, de fato, continuar a ser documentos fidedignos e, como tal, servir como efetivos suportes de várias estratificações

do conhecimento e da memória coletiva, e, desse modo, ser analisadas de forma idônea pelos campos da antropologia, da história, da sociologia etc. Assim fazendo, abordam-se questões relativas à “para quem restaurar” e enfatiza-se que se preserva para a sociedade de forma ampla, considerando o tempo na longa duração, com o dever de se afastar de ações imediatistas ditadas por interesses setoriais. (KÜHL, 2008, p.23)

O Porquê conservar? é definido pelas cartas patrimoniais, como o que determina a Carta de Burra do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).

Os sítios com significado cultural enriquecem a vida das pessoas, proporcionando, muitas vezes, um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade e à paisagem, ao passado e às experiências vividas. São registos históricos que se tornam importantes como expressões tangíveis da identidade e da experiência da Austrália. Os sítios com significado cultural reflectem a diversidade das nossas comunidades, dizendo-nos quem somos e qual foi o passado que nos formou, assim como se formou a paisagem Australiana. Eles são insubstituíveis e preciosos. Estes sítios com significado cultural devem ser conservados para as gerações actual e futuras. A Carta de Burra advoga uma abordagem cautelosa às alterações: fazer tão pouco quanto seja necessário para cuidar do sítio e torná-lo utilizável mas, por outro lado, alterar tão pouco quanto seja possível para que o seu significado cultural fique retido. (KÜHL, 2008, p.25)

A Carta de Burra de Novembro de 1999 indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural (sítios de património cultural), e está baseada nos conhecimentos e na experiência dos membros do ICOMOS da Austrália. (Carta Patrimonial do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios“Os sítios com significado cultural devem ser salvaguardados e não devem ser postos em risco ou deixados ficar num estado vulnerável”.

De acordo com a Carta de Burra,

Reconhece a necessidade de se envolverem as pessoas nos processos de formação das decisões, particularmente aquelas que tiverem fortes associações com um sítio. Pode-se tratar do dono da loja da esquina, dos trabalhadores de uma fábrica ou dos guardiões comunitários de sítios com valor especial, quer sejam de origem indígena ou Europeia. (KÜHL, 2008, p.74)

A preservação da arquitetura e a forma inteligível de assegurar autenticidade ao nosso testemunho e reviver o passado. “O culto que se rende hoje ao património histórico deve merecer de nós mais aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mais brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra.” (CHOAY, 2006, p.12). Segundo a autora:

A origem do monumento histórico deve também ser buscada bem antes da aparição do termo que o nomeia. Para rastrear a gênese desse conceito, é necessário remontar ao momento em que surge o projeto, até então impensável, de estudar e conservar um edifício unicamente pelo fato dele ser um testemunho da história e uma obra de arte (CHOAY, 2006, p.28).

Um olhar mais atento perceberá que área em questão necessita ser amparada em conjunto, tanto monumento como o seu entorno imediato.

4.3.4 As Agressões Visuais e Estéticas

Ao desnudarmos o acervo patrimonial em todo o percurso desta avenida, na tentativa de fazer uma leitura da paisagem edificada é possível perceber que a arquitetura civil dialoga com os monumentos, e fazem parte da dinâmica transformação urbana.

Ao observarmos a configuração geométrica das fachadas é fácil notar as agressões visuais e estéticas a que arquitetura está sendo submetida. Nossas inquietações se voltam para esta arquitetura que faz o entorno das grandes obras e não é de interesse a preservação, este acervo está se transfigurando pelos letreiros, são impedimentos visuais e reformas agressivas provocando a perda de sua singularidade.

Este acervo que constitui o entorno de grandes monumentos, aos poucos vai desaparecendo. São acumulações históricas, impregnados de vivências, cujo cerne do desenvolvimento urbano insiste em camuflar. Essas acumulações de sentimentos relacionados aos lugares são analisadas por Mesquita, que afirma:

Contrariamente ao que pensa o senso comum, a cidade não se impõe de forma homogênea e absoluta sobre seus moradores e visitantes, e, nesse sentido, considera-se a perspectiva da geografia humana ao salientar que o “lugar”, impregnado de significados e simbolismos, refere-se a “lugares de experiências”, envolvendo tanto a razão como a emoção (MESQUITA *apud* IPIRANGA 2010, p.73).

Para Mesquita essa relação entre moradores, visitantes e lugares, resulta principalmente do compartilhamento da vida. Da teia natural que se forma resultado das relações seja ela homem versus homem ou homem versus cidade. As relações transversais, encontradas na avenida são principalmente relacionadas a arquitetura do local, ao envolvimento emocional ao bem seja ele particular ou público.

Tentar esquecer o passado destruindo seu testemunho, embutindo novos valores ao acervo arquitetônico remanescente e contestado por Choay:

Romper com o passado não significa abolir sua memória nem destruir seus monumentos, mas conservar tanto uma quanto outros, num movimento dialético que, de forma simultânea, assume e ultrapassa seu sentido histórico original, integrando-o num novo estrato semântico. (CHOAY, 2006, p.113).

Para a autora preservar o monumento e integraliza-lo ao presente com suas formas originais, seria a maneira de preservar o passado, conservando seu testemunho, este seria o modo mais viável e possível de habitar o presente, sem destruir o passado.

A visitarmos a Loja O Miliciano, especializada em artigos militares (Figura 82, 83 e 84) por indicação de um colega do curso de Mestrado. Na oportunidade, Dona Miriam de Amorim Piedade⁹⁵ nos contou que a loja já existe desde março de 1967, e pertenceu ao seu sogro, coronel do exército aposentado, onde ele trabalhava com sua filha e sua esposa. Dona Miriam comprou a loja do sogro e tem planos para o local: reformá-la e lhe restituir a fachada original. Ela se animou quando por um pequeno buraco na placa, lhe permitiu observar a fachada original. Descobri também em baixo das prateleiras mostras do piso hidráulico.

Dona Miriam resolveu chamar o dono da loja vizinha “Kraft” e lhe falou da novidade, os dois se animaram, em mudar a fachada e restituir a fachada original, mas reclamou da falta de incentivo do governo para proprietários de imóveis antigos. Seu sogro é proprietário de um imóvel ao lado do Prédio que abriga o PPGARTES, ela nos conta que seu sogro reclama, sempre que alguém fala sobre fazer modificações no imóvel.

⁹⁵ Entrevista concedida na Loja O Miliciano, por Miriam de Amorim Piedade 36 anos, esposa do novo dono da loja O Miliciano, em 11.10.2010.

Figura 82 - A aspecto geral das placas que encobrem as fachadas da loja O Miliciano e da loja ao lado



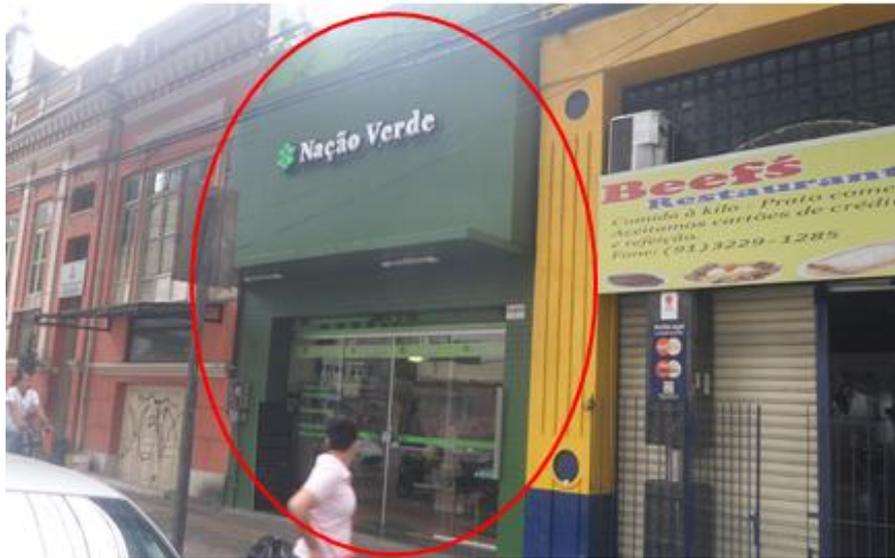
Carmosina Calliari Bahia, 2015

Figura 83 - Aspecto geral da fachada do prédio onde funcionou a loja O Miliciano, que no momento do registro estava sem uso facilitando a visualização da platibanda



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Figura 84 - Aspecto geral da antiga da antiga loja O Miliciano, agora no local está funcionando um restaurante vegetariano, observa-se que a placa encobre parte fachada



Carmosina Calliari Bahia, 2015

De 2010, data da primeira visita, até o momento atual, o imóvel mudou de uso várias vezes, como mostram as figuras acima, situação comum de muitos imóveis da avenida. Conservar um imóvel antigo requer tempo, conhecimento e recurso econômico, uma ação conjunta com o governo e proprietários, unidos com o objetivo de conscientizar e criar subsídios para manter conservados os imóveis de propriedade particular. As modificações sofridas por um imóvel, quando feitas de forma vernácula, prejudica a edificação e dificulta um possível restauro.

As modificações são mudanças muitas vezes irreversíveis que alteram as feições das edificações, transformando-os em suas características originais. A valorização do Patrimônio depende do olhar, do admirar, do gostar, do tomar para si. Os bens imóveis necessitam de um amparo conjunto de todos os órgãos de preservação, de uma ordem econômico-social e principalmente da participação efetiva da população no processo de preservação conjunta, configurando assim sua identidade cultural.

As leis são promulgadas, e não são aplicadas ou exercidas integralmente pela ausência de fiscalização. Vejamos o que determina o Código de postura do município: Lei nº 7.055 de 30 de Dezembro de 1977. Da proteção estética, Paisagística e Histórica da Cidade ou principalmente da proteção estética como determina o Artigo 23 – Além das limitações à propriedade privada, estabelecidas nas leis específicas visando a compor harmoniosamente o conjunto urbanístico, incumbe à administração adotar

através de normas complementares, as medidas seguintes: Regular o uso de anúncios e letreiros evitando que, pelo seu tamanho, localização ou forma, possam prejudicar a paisagem ou o livre trânsito; no Item V Disciplina a exposição de mercadorias; e no Item VI Determina a demolição de edificações em ruína, ou condenada por autoridade pública; e no Item VII - Disciplina a ornamentação das fachadas dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, nos períodos de carnaval, festejos natal e outras festividades populares.

Somente as práticas tradicionais de preservação nos permitem comungar juntos, passado e presente, transformando e fortalecendo uma nação e aumentando a autoestima de um povo, como afirma Canclini:

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis - preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos (CANCLINI, 2003, p.160).

É com este pensamento que continuamos a caminhada, com olhar atento ao entorno, passamos por um edifício extemporâneo que quebra a volumetria da área, com seus cinco andares e garagem no subsolo, funciona com escritórios, consultórios médicos e consulados, sua arquitetura causa certo estranhamento por suas linhas pesadas e forma esdrúxula. O arquiteto ao projetar pode ser um construtor de significantes, mesmo se atendo a um código já existente, ou pode ser um criador de signos, onde seus projetos construídos sob qualquer forma pode denotar ou conotar impressões negativas ou positivas.

Na Avenida Magalhães Barata, encontramos exemplares representativos da arquitetura a maioria com influências dos modelos estéticos europeus, como a ornamentação eclética nas fachadas dos prédios de tipologia neoclássica, mais conhecido como arquitetura do ecletismo, que seria a somatória de estilos históricos europeus. Influência da época do ciclo econômico da Borracha, “A Belle Époque” momento que favoreceu a assimilação do ecletismo, e que ocorreu numa fase de um momento político e histórico importante em nossa região, “O Ecletismo propôs uma conciliação entre os estilos, foi o veículo estético eficiente de assimilação das inovações tecnológicas importantes”(REIS FILHO, 2006, p.169).

Na sequência do prédio de escritórios, um imóvel residencial fica de canto com uma vila, retorna com a volumetria do local, com linhas ecléticas bem conservadas, com

porão e afastamento lateral ocupado por escada com sete degraus em mármore, apoiada em pequeno pátio coberto com acabamento de lambrequim em ferro, a cobertura protege dois vãos de portas, posicionadas de forma perpendicular. Os dois vãos de janela possuem larguras diferentes, com folhas de esquadrias duplas, frisos pretos e ornatos compõem junto com o guarda corpo balaustrado a fachada acinzentada, este constitui um dos poucos imóveis de moradia familiar. Ao lado a Vila Maria de Nazaré provoca a sensação de vazio que logo é quebrada por um imóvel que passou por uma espécie de camuflagem, que escondeu suas linhas primitivas, formando um volume de textura uniforme provocada por revestimento de pequenas lajotas na cor cinza, com pequenas aberturas gradeadas. Pela existência de porão e estranheza das formas, sugere uma sucessão de reformas sobre o esqueleto de uma edificação do Classicismo Imperial, o volume impede uma leitura positiva sobre a edificação, neste imóvel hoje funciona o colégio de rede particular Vera Cruz. (Figura 85)

Novamente a quebra de volumetria na esquina da Rua Três de Maio, um prédio de dez andares, estritamente de consultórios médicos, aqui deste ponto finaliza-se o Terceiro trecho. As incursões vivenciadas na área da pesquisa nos proporcionou uma aproximação aos viventes da avenida, com uma visão ampliada das múltiplas formas de apreensão do espaço, favoreceu a identificação dos variados perfis dos moradores, visitantes, trabalhadores e transeuntes da avenida.

O fotografo Lucivaldo⁹⁶, entrevistado durante uma visita ao Parque Zobotânico do museu, citou o prédio quando questionado sobre a arquitetura da avenida, comentou:

"Eu acho que houve muita mudança, mas a gente não se liga muito na arquitetura, mas, por não residir por aqui, eu moro próximo ao Santuário de Fátima, ali na travessa do Chaco, Vila São Pedro, então ai, a gente passa por aqui, mas, mas é claro que alguns casarões antigos foram modificados, mudaram muito, lá onde era o Colégio Vera Cruz, lá era uma casa muito bonita, mudou muito. Agora o Colégio Vilhena Alves, era muito bonito também, já estão modificando, já estão mudando a fachada dele, modernizando".

⁹⁶Sr.Lucivaldo Siqueira de Souza, 54 anos concedeu entrevista em 31/08/2014.

Figura 85 - Aspecto geral dos imóveis descritos acima; na sequência da esquerda para direita, o imóvel familiar, ao centro a Vila Maria de Nazaré, e o terceiro a seta indica O Colégio Vera Cruz



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Alguns exemplares estão descaracterizados em decorrência do tempo e da ausência de conservação. Na avenida é grande quantidade de comércio e serviços, ao longo desta, as pessoas circulam diariamente num ritmo que não lhes permite perceber os casarios escondidos e os monumentos de nossa arquitetura, conservados ou não. São muitas as fachadas representativas que carregam uma acumulação histórica, um conjunto que não mais representam um núcleo, apenas se alinham atrás das placas, dos letreiros, das inscrições que ao invés de identificar roubam-lhes a identidade, sua individualidade histórica. Isto é, a modernidade usando o espaço urbano como palco.

São situações que se repetem ao longo dos anos Antônio Carlos Lemos em 1925, cita as modificações ocorridas em ruas do centro de São Paulo.

À Rua a Direita, por exemplo, já foi estritamente residencial, quando, no primeiro e segundo séculos, a Rua da Quitanda se resumia na “zona comercial” da cidade humilde. Hoje ela só abriga lojas em edifícios de variadas idades completamente envolvidos por espalhafatosos aparatos publicitários, com suas novas visuais caracterizadoras de uma nova situação. (LEMONS, 2006, p.61).

A preservação do patrimônio ambiental urbano proporciona uma visão de preservação onde o monumento não é conservado e identificado isoladamente, mas sim, enquadrado no contexto em que se encontra inserido em conjunto de nosso acervo de bens culturais e materiais é fundamental para a construção do futuro. Esta ação

valorativa conjunta é bem explicada por Carlos Lemos ao analisar o texto da Carta de Veneza.

1. "O monumento é inseparável do meio onde se encontra situado e, bem assim, da história da qual é testemunho" Procura-se, então, relacionar o bem cultural (o monumento, que, inclusive, pode ser uma obra modesta) com o seu meio ambiente, com sua área envoltória, com o seu contexto socioeconômico, recusando-se a encará-lo como trabalho isolado no espaço.

2. A conservação e restauração de monumentos são fundamentalmente atividades interdisciplinares, que apelam "para todas as técnicas capazes de contribuir para o estudo e salvaguarda do patrimônio nacional(...)" (LEMOS, 2006, p.75)

As sucessivas transformações decorrentes da evolução urbana de Belém modificaram o perfil da cidade e sua arquitetura, semelhante ao que aconteceu no Centro Histórico do Rio de Janeiro, "O centro do Rio como hoje se apresenta é o resultado de seus 420 anos de história. Ao longo deste período, as sucessivas transformações urbanas decorrentes da expansão da cidade modificaram suas ruas, sua arquitetura e até seu perfil natural". (IPHAN, 1985, p. 6)

[...] a fragmentação do espaço urbano, uma verdadeira colagem de prédios de várias décadas diferentes, e tipologias diferenciadas, grande concentração de bens tombados pelo IPHAN, em especial igrejas do período Barroco e Neoclássico, bem como várias obras do Movimento Moderno. (LIMA, 2007, p.82).

Todo o cotidiano social inerente as ruas e sua relação cultural se modificam constantemente e pode desaparecer com o tempo. As relações simbólicas proporcionadas pela arquitetura criam um cenário para o desenrolar das formas tradicionais de sociabilidade, de modo que seu desaparecimento ocasiona perdas ou reflete desejos de mudança e modernização.

Estas modificações conseqüentemente provocam alterações na arquitetura, muitas vezes irreversíveis, que é visível, hoje na Avenida Magalhães Barata onde encontramos muitos imóveis representativos da arquitetura dos séculos XIX e XX, e que vem sofrendo constantes intervenções, provocando uma crescente mudança de paisagem. Estas mudanças ocorrem de forma acelerada desde a Revolução Industrial e posteriormente a tecnológica, "A conversão da cidade material em objeto de conhecimento histórico foi motivada pela transformação do espaço urbano que se

seguiu à revolução industrial: perturbação traumática do meio tradicional, emergência de outras escalas viárias e parcelares.” (KÜHL, 2008, p.179)

No Trecho 5, ao lado do Parque da Residência, identificamos um corredor com dez imóveis com a mesma volumetria, todos com platibanda, e porão habitável, alguns servindo como loja. (Figura 86) Todos os imóveis possuem em suas fachadas placas de identificação, apenas em um deles aparece parte da fachada com platibanda e coroamento, em estilo eclético com vãos de porta em arco pleno, tendendo para o *Art Nouveau*.

Uma das lojas transformou a fachada em muro de proteção. (Figura 87) Ao lado o imóvel um com fachada em mosaico de azulejo nos padrões do Raio que o Parta. O imóvel da esquina possui o vértice chanfrado, mutilado pelas inúmeras reformas de adaptação, os vãos de portas sofreram alargamento, e são fechados por portas de enrolar, ali funcionou por muito tempo uma ótica. Hoje este imóvel encontra-se fechado com placa anunciando sua venda. No mesmo Trecho, do outro lado da via, outro esqueleto de uma edificação, as fachadas, ou o que restou delas, denotam vestígios construtivos característicos da arquitetura imperial, platibandas e aberturas de vão de portas em arco pleno, ao todo seis, sendo que três em cada face. Hoje os vãos são fechados por grades de ferro, protegendo os carros que ali são vendidos. (Figura 88)

Figura 86 - Aspecto geral dos imóveis que tem impedimentos visuais



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Figura 87 - Aspecto de geral de uns dois imóveis do corredor da figura 86, este além do impedimento visual, sua fachada foi transfigurada, servindo hoje como muro de proteção da loja



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Figura 88 - Vista em perspectiva de um imóvel que pertence ao Trecho IV, este fica ao oposto da via, na esquina da Avenida Magalhães Barata com a Rua 3 de Maio. No entanto sofreu o mesmo tipo de modificação, foi retirado as divisões internas e todas as esquadrias, ficando apenas “esqueleto” da edificação



Carmosina Calliari Bahia, 2015

O grande fluxo de transeuntes estimulado pelo comércio pode provocar alterações no perfil da área, “é apresentar uma população usuária de cerca de dois milhões de transeuntes pertencentes a diferentes camadas sociais que circulam nas avenidas, ruas praças, becos onde edifícios de diferentes períodos abrigam usos comerciais e institucionais diversos”. (LIMA, 2007, p.82).

Essa segregação espacial de uso comercial, tornada hegemônica, isto é, assumindo o comando das ações, passa a ditar a forma de gestão do espaço urbano. Ao passante, compulsoriamente transformado em consumidor, não resta alternativa, senão conforma-se e submeter-se, vê-se constrangido e, mesmo, persuadido a abrir mão do direito à cidade. (BORGES, 2013, p.64)

As agressões ao casario que compõem o entorno dos monumentos, vão desde a descaracterização por reformas e ou modificações em suas estruturas, ou mesmo pelos impedimentos visuais por placas e letreiros, como verificamos neste pequeno conjunto de imóveis do Classicismo Imperial. Estes, apesar de manterem o ritmo, pelas dimensões e estilo, estão impossibilitados de qualquer leitura por estarem desfigurados em decorrência de adaptações ou por impedimentos, impostos em suas fachadas. São placas indicativas dos nomes das lojas ou faixas comemorativas.

Os imóveis, num total de cinco, sendo que, dois deles ainda se consegue ver alguns detalhes da fachada como as platibandas. Ali funcionam, loja de roupas, papelaria

e loja de material de construção e mais duas farmácias, mostrando um quão é diversificado o comércio nesta área. (Figura 89 e90)

Figura 89 - Aspecto geral de lojas com impedimento visual, em alguns prédios percebe-se as platibandas



Carmosina Calliari Bahia, 2015

Figura90 - Aspecto geral de lojas com impedimento visual, nesta foto são representados os mesmos prédios da figura acima. Em 2015, uma nova reforma, evitou, em parte, o uso de placa, liberando a platibanda



Carmosina Calliari Bahia, 2015

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise mais aprofundada da memória e cotidiano dos viventes da Avenida Magalhães Barata. A ferramenta utilizada, a 'etnografia de rua', junto com as entrevistas, facilitaram a aproximação aos atores do lugar e a descoberta da memória afetiva relacionada ao patrimônio cultural da área. O método deu base à identificação da memória construída a partir das lembranças edificadas por vínculos afetivos, alegrias, desejos, apego, junto com as angústias e outros sentimentos correlacionados ao cotidiano dos que vivenciam o dia a dia da dinâmica avenida.

O lugar que é inegavelmente destinado à construção de relações, de vínculos afetivos, como fonte propulsora de lembranças que a todo o momento revela um detalhe, um cheiro, um olhar, uma reação positiva ou adversa, que são rapidamente evocadas e se apresentando sempre com seus ressignificados.

No entanto, verificou-se que o entendimento do termo patrimônio sob a perspectiva dos moradores, trabalhadores e transeuntes, e a forma como expressam suas reações diante do objeto edificado, nos foi apresentado de forma surpreendente, se considerarmos a idade ou escolaridade do entrevistado. Considerando que o conhecimento do termo e sua valorização é nacionalmente recente justifica-se os muitos questionamentos, levando-se em consideração a dificuldade de entendimento de alguns e a facilidade de compreensão de outros. Para Poulot:

A noção de patrimônio implica num conjunto de posses que devem ser identificadas como transmissíveis; ela mobiliza um grupo humano, uma sociedade, capaz de reconhecê-las como sua propriedade, além de demonstrar sua coerência e organizar sua recepção; ela desenha finalmente um conjunto de valores que permitem articular o legado do passado à espera, ou a configuração de um futuro, a fim de promover determinadas mutações e, ao mesmo tempo, de afirmar uma continuidade (POULOT, 2009, p. 203).

No Brasil, as primeiras ações preservacionistas oriundas dos grupos modernistas que criaram o SPHAN tinham por meta a configuração de uma identidade nacional aliada a valores artísticos e culturais específicos, relacionados a colonização portuguesa, que deveria ser espelhada para todo o país.

A construção da nacionalidade foi perseguida através de diversas ações levadas a cabo por um regime de exceção, o Estado Novo, que nesse sentido se colocou como continuação e exacerbação da Revolução de 1930. Algumas das iniciativas foram desenvolvidas pelo Ministério da Educação e Saúde, encabeçado por Gustavo Capanema a partir de 1934; uma delas era justamente a tutela e preservação do patrimônio histórico, processo que

descendia de propostas mais consistentes elaboradas anteriormente. (KÜHL, 2008, p.102).

O instrumento legal para a tutela a qual se refere Kühl foi o Decreto-lei nº 25 sobre a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico, promulgada em 30 de Novembro de 1937⁹⁷, que trata da preservação dos bens de interesse histórico, artístico ou etnográfico e paisagístico. Este instrumento legal organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Abaixo destacamos três artigos relevantes para o tema:

No artigo 1º. “Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”

E no artigo 7º. “Proceder-se-á ao tombamento voluntário sempre que o proprietário o pedir e a coisa se revestir dos requisitos necessários para constituir parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, a juízo do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou sempre que o mesmo proprietário anuir, por escrito, à notificação, que se lhe fizer, para a inscrição da coisa em qualquer dos Livros do Tombo.”

E para garantia de perenidade do bem reza o artigo 17º “As coisas tombadas não poderão, em caso nenhum, ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço de Patrimônio Histórico Artístico Nacional, ser

⁹⁷Em 1936, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, preocupado com a preservação do patrimônio cultural brasileiro, pediu a Mário de Andrade a elaboração de um anteprojeto de Lei para salvaguarda desses bens. Em seguida, confiou a Rodrigo Melo Franco de Andrade a tarefa de implantar o Serviço do Patrimônio. Em 30 de novembro de 1937 foi promulgado o Decreto-Lei nº 25 de 1937, que organiza a “proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”. Rodrigo Melo Franco de Andrade contou com a colaboração de outros brasileiros ilustres como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade, intelectuais e artistas brasileiros vinculados ao movimento modernista. A Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe à cena cultural novos valores e concepções estéticas e culturais. O resgate de um Brasil de feição mestiça e apartado dos padrões europeus deu início a uma nova síntese cultural que procura abarcar as múltiplas faces da brasilidade para produzir uma cultura e arte genuinamente nacional. Promoveu-se uma notável ressignificação da herança cultural, valorizando-a e estabelecendo um diálogo com a modernidade e com as manifestações e referências populares. No decorrer desses 77 anos, o conceito de patrimônio cultural presente inicialmente no Decreto-Lei nº25 vem sendo aprimorado e ampliado. Desde 1988, por exemplo, o artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil define patrimônio cultural a partir de suas formas de expressão; de seus modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e dos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Fonte: <<http://portal.iphan.gov.br>> acessado em 11. 01.2014.)

reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa de cinquenta por cento do dano causado”.

Além da atribuição do IPHAN, e dos outros órgãos de Preservação, relativo ao reconhecimento como patrimônio, é necessário antes, o reconhecimento da população, com todos os significados atribuídos e conferidos a ele pelos moradores da área, próximo ao bem a ser protegido, como exemplifica Kühl:

Pois a preservação quer se queira ou não, é processo seletivo, seja através de escolhas conscienciosa e legitimada através dos instrumentos oferecidos pelas humanidades, seja por ausência de ação proposicional de tutela, que resulta na destruição ou sobrevivência aleatória dos bens, que será, assim, ditada, em geral, por questões econômicas. (KÜHL, 2008, p.46)

Para a autora todos os instrumentos legais, instituídos nos três níveis de preservação, municipal, estadual e federal, não são suficientes para atender uma demanda de preservação promovida pela falta de conscientização e descontrole dos órgãos responsáveis e a insuficiência de discussão sobre o tema. Como afirma Beatriz Kühl:

No Brasil, o debate sobre os princípios teóricos da restauração que deveriam reger a atuação prática nos bens culturais são recentes e incipientes. Os trabalhos de enorme interesse, que se têm acumulado nas últimas décadas se voltam a variados aspectos do problema como, estabelecimento e transformação dos órgãos de preservação, as políticas públicas patrimoniais, os instrumentos jurídicos existentes, as implicações sobre o tema no campo sociológico, antropológico e historiográfico, a discussão sobre o papel da memória. (KÜHL, 2008, p.29)

Os debates a que se refere à autora não se limitam somente a estrutura legal dos órgãos, mas a todo campo das teorias e das ciências relacionadas.

No decorrer do século XX, o patrimônio assume, cada vez mais explicitamente, sua implementação positiva, segundo juízos de valor que afirmam uma verdadeira escolha. Os desafios ideológicos, econômicos e sociais extrapolam amplamente as fronteiras disciplinares (entre história, estética, ou história da arte, folclore ou antropologia) -, como pode ser notado no decorrer das décadas de 1970- 1980, pelo reconhecimento de “novos patrimônios”, que abrange uma profusão de esforços públicos e privados em favor de múltiplas comunidades. Progressivamente, o entusiasmo pela promoção e valorização do patrimônio passa por uma verdadeira “cruzada” no âmbito do mundo ocidental (POULOT, 2009, p. 9).

As leis são promulgadas, para serem executadas, de forma positiva a favor de um bem ou de um conjunto deles, ou por vezes são utilizadas de forma negativa atendendo a interesses de caráter pessoal, político ou institucional. Como reforça a autora:

Muitas das ações, hoje, são ditadas por questões utilitárias: pelo uso, pela especulação em busca de maiores lucros, para obter visibilidade na mídia, também intuítos políticos-eleitorais (resultante de certas práticas político-partidárias atuais e não política entendida no sentido de uma administração pública voltada ao bem da coletividade), negando a origem, os objetivos e a própria essência da preservação como ato de cultura que tutela a memória e o conhecimento. (KÜHL, 2008, p.31)

De acordo com a autora, a preservação é o elemento fundamental para a proteção da memória cultural. O Processo de preservação da memória então é prejudicado pelas modificações aceleradas, fruto da dinâmica da vida. As modificações comumente ocorridas nas grandes cidades vão contra a preservação dos bens culturais, principalmente o arquitetônico. A mudança dos costumes e a alteração de uso dos imóveis provoca uma grande mudança na paisagem.

Ao proteger os bens culturais de um segmento da sociedade, visa-se na realidade promover-lhe a identidade cultural, pois ao perder ou ver alteradas expressivas manifestações arquiteturais e paisagísticas, o indivíduo perde também as referências que permitem sua identificação com a cidade em que vive, em especial quando tecidos antigos são arrasados e novos objetos urbanos passam a compor a paisagem, com massivas alterações na escala do lugar. (LIMA, 2007, p.79)

Para o autor a identidade de um povo se preserva ao se manter inalterados seus bens culturais. Hoje a Avenida Magalhães Barata reúne um acervo considerável de monumentos históricos não menos importante, o seu entorno, constituído por imóveis particulares que remontam várias fases e estilos da história da arquitetura. O entorno dos monumentos se encontra descaracterizado e ou em péssimo estado de conservação. É percebido também, o aumento crescente do comércio informal, instalado nos calçamentos, a ausência de manutenção das vias de pedestres, o aumento da poluição sonora e visual e do intenso tráfego.

Nesta área encontramos lugares de memória que necessitam de uma atenção maior, como Colégio Gentil Bittencourt, o Pavilhão Frederico Rhossard, a lápide que indica o local onde funcionava o antigo Cine Independência e a Praça Floriano Peixoto. Estes lugares de memória a que me refiro, são lugares de história, o que de acordo com Nora (1993), na falta de intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história. Estes lugares de memória despertam curiosidade e o interesse nas pessoas como explica o autor:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da “encarnação”. O

sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 7)

O caminhar acelerado, percebido nas grandes Metrôpoles, apoiado na necessidade de se resolver os problemas do dia a dia, a falta de tempo, o caminhar se torna vazio, sem se importar, apoiado no consumo inebriante promove a eliminação de nossas heranças. Ver-o-verbo executado em seu antônimo, o olhar sem enxergar, deixando os detalhes para trás na mesma velocidade do percorrer, com um foco desfocado, um viver sem contextualizar. Jean Baudrillard descreve então a dinâmica do nosso tempo. “(.....) proclama abertamente que nosso tempo nunca mais será o da duração, que nossa temporalidade é a do ciclo acelerado e da reciclagem, do circuito e do trânsito dos fluidos. A nossa única cultura no fundo é a dos hidrocarbonetos. (.....)” (BAUDRILLARD, 1991. p. 84) O avanço tecnológico na mesma velocidade com que nos aproxima do futuro, nos afasta do passado, de nossa cultura de nossa história. Esta aceleração que modifica, transforma e faz desaparecer, é bem definida por Nora:

A aceleração é toda distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representam o modelo e guardam consigo o segredo e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque são levadas pela mudança (NORA,1993, p.8).

Entende o autor que a quantidade exacerbada e frenética aceleração do consumo de informações nos distanciam do passado, de nossa história e de nossas raízes. Aceleração histórica segundo Nora significa “uma oscilação rápida de um passado definitivamente morto”, continua ele, “a percepção global de qualquer coisa como desaparecida - uma ruptura do equilíbrio”. Ainda para Nora “O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo.” (NORA, 1993, p. 7) Outros autores reforçam sobre a preocupação do apagamento das informações em decorrência do consumo acelerado:

Precipitados num consumo cada vez mais rápido de informações, nós estaríamos destinados à sua eliminação igualmente acelerada; desligados de nossas tradições e embotados pelas exigências de uma sociedade dos lazeres, desprovidos de curiosidade espiritual assim como de familiaridade com as grandes obras do passado, estaríamos condenados a celebrar alegremente o esquecimento e a nos contentar com vãs delícias do momento. A memória estaria aqui ameaçada não pelo apagamento das informações, mas pela sua superabundância. (TODOROV *apud* KÜHL, 2008, p.281)

A Modernidade é descrita na inscrição do progresso, nos fios elétricos, nos muitos postes, no volume ensurdecido das buzinas e dos motores, emudecendo o som dos pássaros. É visível então a comovente resistência da natureza, no verde encoberto pela fuligem das fumaças dos carros. Esta acelerada mudança nos costumes e ambiência urbana é bem definida por Garden:

Como para o tempo do homem, o tempo da cidade é variável, diferente segundo as épocas, diferentes segundo as cidades. Materialmente, uma cidade adormecida parece atravessar os séculos com uma soberba serenidade, enquanto sua vizinha dinâmica modifica seu território, sua arquitetura, sua organização, mas também sua população, sua sociedade, seu modo de existir. (GARDEN *apud* GRAF, 1998, p.11)

São facilmente percebidas as dinâmicas mudanças nesta área, que é misto de área residencial, comercial, turística e cultural, que engloba espaços muito frequentados por turistas e que estão próximos uns dos outros, como o Museu Emílio Goeldi, o Parque da Residência com seus diversos atrativos como a Estação Gasômetro, o trem da linha férrea Belém Bragança este ainda mantém as linhas originais, por muito tempo funcionou uma sorveteria, hoje se encontra desativado, esperando manutenção (Figura 91). Ocoreto Frederico Rhossard, o Mercado de São Brás, futuramente o Teatro São Cristóvão e a Basílica de Nazaré que faz parte do entorno da área, todos já citados anteriormente são locais que oferecem uma programação pontuada e em períodos diferenciados, o que impede uma maior integração entre eles. Estimular o turismo consciencioso seria uma das formas de preservar a área. Stela Maris reúne vários trabalhos sobre turismo, cujo cerne é a preocupação em promover ao turista uma melhor apreensão do lugar, buscando uma maior comunicação com o visitante ampliando seu conhecimento.

A interpretação da autora refere-se à informação dada ao visitante sobre os habitantes, seus hábitos e costumes e a valorização dos lugares de memória, estimulando novas visitas. Como se revela neste trecho:

Investir em interpretação significa agregar valor ao produto turístico. A valorização do meio ambiente urbano e natural, da história, dos saberes e fazeres culturais contribui para a diversificação do produto, abrindo mercados para diferentes nichos turísticos. (MURTA, 2002, p. 10)

Continua a autora:

O turismo como prática econômica precisa, no entanto, encontrar formas mais respeitadas de se inserir no cotidiano das comunidades receptoras. É fundamental que os investimentos sejam adequados a vocação do lugar, possibilitando à população participar e usufruir dos resultados (MURTA, 2002, p. 10).

Figura 91 - Vista em perspectiva do trem da linha férrea Belém Bragança



Carmosina Calliari Bahia, 2014

Preservar estes ambientes construídos não constitui tarefa fácil, atualmente na Avenida Governador Magalhães Baratasão visíveis sinais crescentes de degradação do espaço físico, socialmente produzido segundo a cultura e tecnologias históricas definidas; uma acentuada mudança nos costumes provocou alterações na ambiência local e conseqüente mudança na paisagem. Essa dinâmica mudança é bem definida pelo autor:

A paisagem aí não é criada de uma única vez, mas, segundo Santos, é criada em processos de acréscimos e substituições fazendo, assim, valer a metáfora de que uma paisagem é escrita sobre a outra, ou que a paisagem é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos e diferentes momentos (SANTOS *apud* SILVA, 2007).

A acumulação histórica pode ser relacionada às relações cotidianas intrínsecas de uma rua, formada pelas relações humanas de trabalho e amizade. Ao valorizar as atividades corriqueiras de uma rua, mantemos o testemunho dos acontecimentos pessoais e sociais, que produz o resgate da memória coletiva-cultural de forma integrada, incluindo todas as atividades humanas: arquitetura, artes, história oral e os afazeres do dia a dia, e profissões de caráter manual.

Percebemos então que há uma concentração de serviços e um comércio múltiplo na área com uma população de imigrantes razoável. Este comércio diversificado influencia na mudança de uso dos imóveis e no aumento do número de placas, que por vezes escondem detalhes preciosos das fachadas, ocasionando uma acentuada mudança nas características dos imóveis e conseqüentes mudanças na

paisagem. A implantação de projetos de revitalização que tenham como objetivo promover a valorização sócio-espacial, evitaria as alterações na escala do lugar.

A proposta de valorização do acervo arquitetônico e cultural é reforçada no livro “O que é o Patrimônio Histórico”, onde esta ação valorativa é exemplificada por Carlos Lemos:

Proposta de melhoria da infraestrutura, mudar o uso dos serviços, direcionando para o turismo. Essa “ação valorativa” de conjunto de monumentos, baseando-se claro, no uso adequado dos bens culturais devido à atuação ‘eminente técnica’ de todos ali envolvidos, visa, também, uma benéfica ação reflexiva na área envoltória, já que as vantagens advindas das intervenções programadas, principalmente aquelas de ordem turística instigando comércio paralelo, repercutem nas construções circunvizinhas. (LEMOS, 2006, p.8)

Entendendo que o processo para a seleção do que deve ser preservado e o que deve ser esquecido é complexo, reforçamos a necessidade de uma valorização conjunta do acervo arquitetônico, com o objetivo de salvaguardar, a paisagem e os costumes locais caracterizando assim, um potencial agregador na área. Toda iniciativa de manter a história-memória, constitui fator importante para a preservação, entendendo que a preservação de acordo com Sarmiento:

É uma consciência, mentalidade, política (individual ou coletiva, particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvaguardar o patrimônio. Resguardar o bem cultural, prevenindo possíveis malefícios e proporcionando a este condições adequadas de "saúde". (SARMENTO, 2003, p.1)

Promover ações baseadas na formação de um Corredor Cultural, valorizaria a área e seu patrimônio cultural, como afirma Augusto Ivan Pinheiro (2004), quando nodesenvolvimento do projeto de Corredor Cultural no Rio de Janeiro nos anos de 1980. Para Pinheiro, o projeto valoriza a área, e promove a recuperação do patrimônio arquitetônico e uma maior integração entre os espaços frequentados por turista, continua o autor:

[...] o projeto pode ser subdividido em quatro períodos: implantação (delimitação da área e consolidação do quadro legal), consolidação (materialização, aprofundamento, recuperação e conservação), estruturação (incorporação dos espaços públicos e das melhorias incrementais) e integração (adesão de outros atores e outros processos). (PINHEIRO *apud* LIMA, 2007, p. 82).

Para a formação de um Corredor Cultural na área, seriam necessários estudos que promovam mudanças sócio espaciais, paralelamente a evolução da legislação e uma

política de manutenção mais ostensiva, com práticas de gestão, educação e turismo para a conservação do bem patrimonial da área.

Para atender a infraestrutura, seria conveniente a implantação de hotéis e pousadas em casas antigas abandonadas. Soluções para espaços de recreação, centro de informações e convivência, como teatros, cinemas, e salas de espetáculos, e a revitalização dos espaços já existentes. Algumas melhorias como: padronização das barracas de venda de frutas e comidas típicas, lojas de venda de artesanato local, limitar e ou padronizar a informação publicitária, painéis e letreiros que encubram total ou parcialmente os elementos morfológicos das fachadas dos imóveis, inviabilizando a leitura do objeto arquitetura. Melhoria nas placas de identificação dos prédios históricos com uma sinalização adequada e suficiente para informar sobre os monumentos históricosarquitetônicos da avenida e adjacências, combinados esquemas cromáticos nas fachadas dos imóveis. Para facilitar a acessibilidade, uniformização das vias de pedestres, instalação de guias condutores, sensíveis às necessidades dos visitantes, inclusão de pórticos, instalações elétricas subterrâneas com iluminação noturna adequada, além de espaços definidos para estacionamentos de veículos.

Para a valorização cultural da área,seriam necessários investimentos que combinem oficinas relacionadas ao folclore regional e ao resgate da história oral, com uma programação cultural integrada, que envolva o governo federal e estadual, representados respectivamente pelas instituições Museu Emílio Goeldi e Parque da Residência e Mercado de São Brás, tais ações possibilitariam o bem estar da sociedade em geral, e a manutenção da identidade cultural.

Lima entende que, quando conservados, os monumentos históricos provocam reações positivas nos sentimentos, provocando uma sensação de bem estar na população. Para o autor: “é fundamental que esses usos sejam multifuncionais, ou seja, é insuficiente transformar a área em centro de serviços sem que haja também residências, pequenos comércios e o incentivo ao artesanato mais característico da região.”(LIMA, 2007,p.84)Lima por sua vez, relaciona a preservação dos bens culturais com o fortalecimento das referências sociais do indivíduo e sua relação com a cidade.

Ao longo da Avenida Magalhães Barata, encontramos muitos monumentos de nossa arquitetura, conservados ou não, mas importantes para nossa cultura, são muitos os tipos arquitetônicos, e uma diversidade social étnica considerável, aspectos que convivem com uma crescente mudança no modo de habitar. Concluímos então, que a

avenida tem um aspecto único democrático na arquitetura, pela multiplicidade de estilos, e uma vocação para a mutabilidade, pelas crescentes mudanças na ambiência local.

Todo anseio da população no que tange a preservação estão resguardados por lei, embora a falta de regulamentação impeça a aplicabilidade da mesma. É fundamental uma fiscalização efetiva nos bens tombados e naqueles que formam o seu entorno, para que a especulação não encontre no abandono argumentos para destruição de sua memória, além de coibir outros recursos danosos propostos pela modernidade e adotados pela sociedade.

A conformação e organização dos espaços urbanos, incluindo a preservação dos monumentos da arquitetura, controlar os espaços da cidade, fiscalizando as intervenções, constituem uma das práticas sociais importantes para melhorar as condições de vida do cidadão. Como afirma Borges:

Hoje se reconhece que a melhoria da qualidade de vida nas cidades depende, em parte, do conhecimento e valorização da cultura de seus habitantes. Tão importante quanto preservar, é desenvolver o sentimento de amor e respeito pelos lugares, prédios, ruas, enfim, todos os ambientes que fazem parte do cotidiano o que, de fato, contribui para a preservação do patrimônio cultural (BORGES, 2013, p.65).

O resultado da análise realizada na Avenida Magalhães Barata com as determinações das legislações de preservação do Patrimônio Arquitetônico demonstram que é necessária e urgente, uma legislação de ordenamento, como instrumento urbanístico protetivo, capaz de estimular o proprietário à manutenção do imóvel, que possa instruir à forma de ocupação e uso do solo ou a não utilização do mesmo, de proibir o seu remembramento, preservando os lotes menores, impedindo a mudança de volumetria, controlando a descaracterização do imóvel. Seria prudente também, incentivar o uso habitacional e não especulativo, além do uso cultural e turístico que valorize a avenida. Tais ações protegeriam de tal forma o entorno imediato dos grandes monumentos, acompanhando as dinâmicas modificações, e impulsionando as melhorias na avenida.

Para tanto é necessário o tombamento de toda a avenida protegendo o seu acervo cultural e arquitetônico incluindo o seu entorno imediato, seu aspecto físico-ambiental, ou seja, todo o legado material e imaterial. Este seria o instrumento legal, para não se perderas referências, que fazem rememorar o passado, neste cenário onde a memória pulsa na vida dos personagens, onde todas as histórias convergem para o mesmo ponto - a Avenida Magalhães Barata.

A perspectiva é de que esta pesquisa possa subsidiar futuras intervenções, que tenham como objetivo a preservação da memória, o cotidiano, a valorização da história oral e das edificações históricas da avenida, permitindo a conservação da identidade local.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabiano Homobono Paes de. **De São Braz ao Jardim Público: 1887-1931: Um Ramal da Estrada de Ferro de Bragança em Belém do Pará.** Tese (Doutorado em História Social), São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 2010.

ANDRADE, Sabrina de Assis. Uma proposta etnoarqueológica sobre concepção do território: Os Mbya Guarani e o TekoaPindoty. **Cadernos do LEPAARQ**, p.2(15), vol.11(21), Jan-Jun. 2014.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo.** Lisboa:Edições 70, 1993.

BARATA, Manuel. **Formação histórica do Pará: obras reunidas.** 2. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

BASSALO, Célia Coelho. **O “Art Nouveau” em Belém.** Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2008. (Roteiros do Patrimônio)

BELÉM da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões- postais. Belém: SECULT, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação.** São Paulo: Relógio d'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica.** In: Adorno et al. Teoria da cultura de massa. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Paz e Terra Pg. 165-196. São Paulo, 2000.

BISPO, Rafael. Selecionar, disputar e conservar; práticas de comunicação social e constituição da memória nacional pelo IPHAN. **Revista CPC/USP**, São Paulo, nº 11, p. 33-59. nov.2010/2011.

BOGEA, Marta. Esquecer para Preservar. **Arquitexto**, v. 15, p. 2-17, ago. Porto Alegre, 2009.

BORGES, Tatiana Carepa Roffé. **Do Largo das Mercês à Praça Visconde do Rio Branco: um estudo de gestão do patrimônio histórico em Belém do Pará 1941-2011.** Belém, 2013. Dissertação (Mestrado), Instituto de Tecnologia, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPA. Belém, 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair a modernidade;** tradução Heloísa PezzaCintrão, Ana Regina Lessa; tradução prefácio à 2ª edição Gêneses. 4ª edição. São Paulo: USP, 2003. (Ensaio Latino-Americanos, 1)

CASTELLO, Lineu. **A Percepção do Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo.** Porto Alegre, PROPAR-UFRGS, 2007.

CASTRO, Ricardo Vieiralves de; COSTA, Marli Lopes da. Patrimônio Imaterial Nacional: Preservando memórias ou construindo histórias? Universidade do Estado do Rio de Janeiro, **Estudos de Psicologia**, 13(2), 125-131, 2008.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo:UNESP/Estação Liberdade, 2006.

Como Recuperar, Reformar ou Construir seu Imóvel no Corredor Cultural. IPHAN. Rio/Rio Arte. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985.

CRUZ, Ernesto. **A Estrada de Ferro de Bragança, vida social econômica e política**. Belém:Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia;Falângola.1955.

_____. **As Edificações de Belém: 1783-1911**. Belém:Conselho Estadual de Cultura,1971.

_____. **Ruas de Belém**. Significado histórico de suas denominações.Belém: CEJUP,1992.

DERENJI, Jussara. Arquitetura Eclética no Pará no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo:Nobel; EDUSP,1987.

DUARTE, Cristiane Rose S.Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura.Anais I Encontro Nacional da Associação Nacional de |Pesquisa e Pós –graduação em Arquitetura e Urbanismo:**Cultura, Subjetividade e Experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura**.Rio de Janeiro: ANPARQ, 2010.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Do Oral ao Escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraais.**Revista Outros Tempos**.v.02,n.2,2005.Disponívelem:<<http://www.outrostempos.uema.br/site/index.php/edicoes/79-edicao/73>>. Acesso em: 7 Feb 2015.

GRAF, Márcia. **Cidades Brasileiras**: políticas urbanas e dimensão cultural. Projeto de cooperação CAPES/COFECUB. São Paulo, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 13. Ed., Rio de Janeiro:LTC-Livros Técnicos e Científicos, 2009.

HALBWACHS, Maurice; **A Memória Coletiva**.Traduzido do original francês. São Paulo: Vértice; Ed. Revista dos Tribunais,1990.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. A Cultura da Cidade e os seus EspaçosIntermediários: os bares e os restaurantes.**RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1. p. 65-91.São Paulo, jan./fev. 2010.

KETZER, Estevan de Negreiros. A Travessia da Margem: Notas Etnográficas sobre a Memória Coletiva na Travessa Venezianos. **Iuminuras**. V.11, n.26, SEER. UFRGS, 2010.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **Dimensão Topoceptiva: Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização.** Relatório de Pesquisa nº 5, UNB/CNPq. Brasília 1993

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos do Restauro.** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos)

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 4ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção repertórios)

LIMA, Maria Doroteia de. **Ver-o-peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** Belém, 2008. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, 220 p., 2008.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Corredor Cultural do Rio de Janeiro: Uma Visão teórica sobre as práticas da Preservação do Patrimônio Cultural. Forum Patrimônio Ambiental Construído e Patrimônio Sustentável.** p. 78- 91, vol.1, n.1, Belo Horizonte, set/dez.2007.

MANGUEL, Alberto. **A Imagem como Memória.** In Lendo Imagens: uma História de Amor e Ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCOLIN, Neldson. Um Zoo na Amazônia – primeiro zoológico do País foi aberto há 117 anos em Belém. n 198 jun 2012. Revista Pesquisa FAPESP, p. 86-87.

MENDES, Armando Dias. **A Cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio século.** Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **As fortalezas: arquitetura da fantasia. Imagens dos Condomínios exclusivos em Belém.** Belém, 2000. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), 2000.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **Cidade Velha e Feliz Lusitânia: cenários do patrimônio cultural em Belém.** 2006. 262 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Belém, 2006.

MONTEIRO, Ana Claudia Cardoso, **Uma Alternativa Metodológica para Revitalização a partir da Preservação da identidade Morfológica – O caso Reduto em Belém do Pará.** V. 4 n 4. IV Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, Sub-Sessão 5G. Rio de Janeiro, 1996.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs). **Interpretar o Patrimônio**, um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002.

NORA, Pierre. Entre a memória e a História: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PANTOJA, Laura Cristina Monte Palma. **Mercado de São Brás e seu entorno: Tramas e sentidos de um lugar**. Dissertação (Mestrado). 2014. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Belém, 2014.

PARÁ. Governo do Estado. **Feliz Lusitânia**: Forte do Presépio, Casa das Onze Janelas, Casario da Rua Padre Champagnat. Belém: SECULT, 2006. (Série Restauro, 4)

PELEGRINI, Sandra A. C. FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos)

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará**: Estudo de Geografia Urbana. Vol. I, II. Belém: Editora UFPA, 1968.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 11. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RIEGL, Alois. **O Culto aos monumentos**: sua essência e sua gênese. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2006.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras** – Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Rio Grande do Sul, n.44, p.3-25, 2001.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SARMENTO, Adriana Godoy da Silveira. Preservar para não restaurar. In: **Simpósio Internacional de Propriedade Intelectual, Informação e Ética, 2003**, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2003.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a belle époque 1870-1912. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**. São Paulo 4 (1/2), 1993.

SERRA, Débora Rodrigues de Oliveira. Turismo religioso, território e territorialidades: O Círio de Nazaré em Belém-PA. **Revista GEO UERJ**, n 24, 2013.

SOARES, João Roberto dos Santos. **Modelo tridimensional do ônibus zepelim de Belém do Pará**. Arquivo pessoal desenvolvido no software AutoDesk Maya 2011. Belém: 2012.

SOARES, KarolGillet. **As formas de Morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado).2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia, UFPA. Belém, 2008.

SOBRAL, Maria Lizete Sampaio. **Os Guardiões da Memória na Praça D. Pedro II**. Dissertação (Mestrado).Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. UFPA. Belém, 2006.

SOUSA, Alberto José. **A Variante Portuguesa do Classicismo Imperial Brasileiro**. João Pessoa:Editora Universitária UFPB, 2007.

TUTYIA, Dinah Reiko. **Rua Dr. Assis: Uma incursão pela paisagem transfigurada da Cidade Velha, Belém Pará**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Tecnologia. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo UFPA. Belém, 2013.

VERIANO, Pedro; **Cinema no Tucupi**. Belém:SECULT, 1999.

VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos Míticos da Memória. In VERNANT, Jean-Pierre, **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 2 ed.

VIOLLET-LE-DUC, Eugene Emanuel. **Restauração**. Apresentação e tradução Beatriz MugayarKühl. Cotia:Ateliê Editorial, 1994(Coleção Artes & Ofícios).

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória e identidade sociocultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso**. In: PARK, M. B. (Org.). Memória, formação de patrimônio e educadores meio-ambiente. Campinas: Mercado de Letras,2003.

Legislação da Administração Pública

BELÉM. Lei Ordinária nº 7.709, de 18 de Maio de 1994. Reza sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br//semaj/app/sistema/view/lei.php?.id=lei=1401>>. Acesso em 12 mar 2014.

BELÉM. Lei Ordinária nº 7.055, de 30 de Dezembro de 1977. Corresponde a nova redação ao código de postura do Município de Belém. Disponível em:

http://www.belem.pa.gov.br//semaj/app/sistema/view_lei.php?.id_lei=1401. Acesso em 20 out 2014.

BELÉM. Lei Ordinária nº 7.401, de 29 de Janeiro de 1988. Determina sobre a política Municipal de desenvolvimento urbano. Disponível em: <http://www.ufpa.br/numa/legislacao/belem/lei_7401_bel.htm>. Acesso em 20 out 2014.

APÊNDICE A

ROTEIROS DAS ENTREVISTAS:

- Qual seu nome?
- Qual sua idade?
- Qual referência você usa para indicar seu endereço de trabalho ou moradia aqui na avenida?
- Quais os lugares que você frequenta aqui na avenida?
- Você costuma observar a arquitetura aqui da avenida, principalmente os prédios mais antigos?
- Qual a lembrança mais antiga que você tem aqui da avenida?
- Qual a mudança mais marcante que ocorreu aqui na avenida?
- Você lembra de algum imóvel antigo que foi demolido aqui na avenida?
- Você mantém alguma relação de amizade com alguém aqui da avenida? (Vizinhos talvez?)
- Quais as atividades que você costuma fazer aqui na avenida?
- Quais as vantagens de morar ou trabalhar aqui avenida?
- Quais as desvantagens de morar ou trabalhar aqui avenida?
- O que você acha que pode melhorar?

APÊNDICE B

Matéria de Jornal do dia 08/02/2014- Sobre a visita do herdeiro de Harry Foster-Smith, Tony Foster-Smith de 74 anos. O engenheiro Harry Foster-Smith foi sócio fundador e gerente da Companhia de Eletricidade Paraense Ltda., a ParahElétric, na década de 1930.

Diário do Pará
SÁBADO Belém-PA, 08/02/2014



Radioterapia
Com o Varian Trilogy,
o aparelho mais moderno do mundo.
www.hsmdiagnostico.com.br



VOCÊ
+ CULTURA E QUALIDADE DE VIDA
cadernovoice@gmail.com

Engenheiro que viveu na capital paraense entre 1919 e 1934 deixa acervo que resgata a história da cidade

LAIS AZEVEDO

Narry Foster-Smith – um inglês pai e avô – sentou e escreveu a lápis, por volta da década de 1960, um pouco de suas experiências trabalhando no exterior. Entre os tantos lugares onde esteve como engenheiro elétrico, viveu em Belém, entre 1919 e 1934. Essa história ele não só escreveu como contou diretamente ao filho, Tony Foster-Smiths, de 74 anos, que hoje visita a Cidade das Mangueiras com uma verdadeira relíquia em mãos – fotos de Belém, Mosqueiro e Icoaraci, tiradas quando o pai dele aqui instalava os bondinhos e iniciava uma amizade com o então governador Magalhães Barata.

A precisosidade das fotos não necessita explicação, casarios antigos que hoje se transformaram em empresas ou ruínas. Fotos que são um registro das festas realizadas por Barata em ho-

téis, encontros entre oficiais e altas patentes da Marinha inglesa e brasileira. O chalé onde hoje deveria funcionar muito bem a biblioteca de Icoaraci, na foto está em seu auge. A Vila, em Mosqueiro, com um trapiche em madeira ainda recém-construído. Tony, e também seu filho Jonathan, de 41 anos, sabem a precisosidade que herdaram do pai e avô.

“Minha mãe, aos 101 anos – pouco antes de morrer, dois anos atrás -, encontrou estas fotos e nos entregou, contou também um pouco sobre quando eles viviam aqui em Belém. Meu pai também contava histórias e eu sempre quis conhecer o lugar onde ele viveu por 15 anos”, diz Tony, que nasceu na Colômbia, após a passagem do pai pelo Brasil. Sobre o que encontrou aqui desde sua chegada, ele diz se sentir “extasiado por causa do clima” e que entende agora o motivo do pai ter gostado tanto de morar aqui. (Continua na página 2)

CAPA

Entre a nostalgia e a decepção

O primeiro lugar que Tony Foster-Smiths, o filho Jonathan, e a amiga que os acompanha, Beryl Krowles, foram visitar foi a Igreja Anglicana da cidade, localizada na Avenida Serzedelo Corrêa, no bairro de Batista Campos. Segundo Tony, ela foi construída aos poucos pelos marinheiros ingleses que vinham para Belém. Em setembro do ano passado foi comemorado o centenário da Igreja Anglicana na Amazônia. E ele aproveitou para relatar um detalhe pitoresco de parte dessa história:

"O padre não falava nada, só colecionava insetos", ri ao contar. Além disso, ele diz que pela empolgação do padre com outros assuntos, Harry Smith, também membro da igreja, era quem acabava liderando suas atividades. "O padre chegou a formar uma grande coleção de insetos aqui da Amazônia e levou para o Museu de História Natural da Inglaterra, hoje um acervo muito bem cuidado e valorizado", revela.

Além do padre colecionador, outras amizades de Harry Smith chamam atenção e rendem outras tantas histórias, como a de Magalhães Barata — um dos maiores líderes políticos do Pará, conhecido pelo seu governo nitidamente populista. O pri-

meiro governo foi entre os anos de 1930 e 1934, justamente quando o pai de Tony viveu em Belém. Em uma carta, na qual se despedia de Harry, em 1934, Barata escreveu que o amigo dispunha de sua "mais autoestima e distinta consideração".

Entendi que o progresso destrói, e me senti triste por isso

Tony Smith

meiro governo foi entre os anos de 1930 e 1934, justamente quando o pai de Tony viveu em Belém. Em uma carta, na qual se despedia de Harry, em 1934, Barata escreveu que o amigo dispunha de sua "mais autoestima e distinta consideração".

Naquela época, o engenheiro elétrico e sua esposa viviam no bairro de Batista Campos. As fotos mostram um casarão antigo e Tony a procura, no lugar encontrou apenas um muro, ali construiu-se um prédio residencial. Ao ver que muitas das construções que apareciam tão belas nas fotos foram derrubadas ou estão em ruínas, Tony Smith faz suas considerações: "Entendi que o progresso destrói, e me senti triste por isso".

A beleza, ele diz, estava nas fachadas decoradas das casas, nos tetos e janelas altas, e gostaria de ter encontrado isso intacto.



Foto do antigo Escritório do Tráfego, que funcionava na Avenida Magalhães Barata, perto do Colégio Gentil Bitencourt

A Vila de Mosqueiro, com o trapiche ao fundo e os funcionários da companhia elétrica



O Governador da época, Magalhães Barata, com oficiais ingleses e brasileiros e Harry Smith (de chapéu na mão e óculos, ao centro)

Histórias da época dos bondinhos

O pai de Tony era sócio-fundador e gerente da Companhia de Eletricidade Paraense Ltda., a Parah Elétrica, na década de 1930. A empresa fornecia energia, mas também investiu na construção dos bondes elétricos. A malha desenvolvida pela empresa era de 120 km interligando várias áreas de Belém, como Reduto, Batista Campos, Jurunas, Pedreira e a Santa Casa. A sede da empresa era onde, hoje, funciona a Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (Codem), uma instituição pública localizada na Avenida Nazaré com a Travessa Quintino Bocayuva.

O período de investimento nos bondinhos também é contado por Tony com bom humor. "Uma vez, no Crio, um promesseiro trouxe uma pedra enorme de Portugal e seguiu a procissão Intelta com ela na cabeça. Ao fim da procissão, ele a deixou perto da estação de onde saíam os bondinhos", e ri ao revelar a ideia do pai após o abandono do objeto de promessa: "Meu pai passou a usar a pedra no dia seguinte para segurar os bondinhos". Mas nem só de pedras Harry Smith se apropriava, após a passagem da procissão, as velas usadas pelos romeros e abandonadas, "ele pegava e levava pra gente usar em casa", conta Tony.

Parte do acervo vai ficar na cidade

Até mesmo o movimento da Cabanagem esteve presente nas memórias de Harry Smith, descrito em seu manuscrito como uma "rebelião". Em certa ocasião, ele contou ao filho que estava ao lado de um fotógrafo no momento em que rebeldes da Cabanagem açoitavam as armas para este, próximo à estação dos bondinhos. "Ele

contou que ficou morrendo de medo nesse dia". E Tony também conta outra ocasião, quando "o exército veio todo para Belém e carregaram um bonde com munição e armas, eles disseram que iam pagar uma taxa para o meu pai pelo transporte". Na ocasião, Harry nem quis conversar muito, assustado com a situação,

liberou o bondinho e se trancou na estação. Tony, o filho e a amiga estiveram visitando a Codem e realizaram a doação de parte dos arquivos e fotos que trouxeram, o material irá integrar o acervo de obras raras do Centro de Documentação e Informação da Codem — um verdadeiro tesouro da nossa memória.